



Patrícia Melo

VALSA NEGRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Patrícia Melo

VALSA NEGRA

Para J. N.

O ódio é indistinguível do amor.

CATULO

SUMÁRIO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Agradecimentos especiais

Créditos

A Autora

Seria uma boa solução quebrar as pernas, pensei, quando encontrei Rachel, minha vizinha setuagenária, chegando do hospital, com a perna imobilizada. Ajudei o porteiro a colocar a cadeira de rodas no elevador. Seria ótimo rolar escada abaixo e despedaçar tíbias e fêmures, ficar em casa, não ir para a orquestra resolver aporrinhações, não falar ao telefone com tipos como o Felipe Hojas, aquele maestro chato, exibicionista, que vive com dor nas costas, cancelando concertos a torto e a direito, não responder aos cinquenta e-mails que caem na minha caixa postal cada vez que abro o computador, não ter aquela foto de Brahms me olhando daquela maneira, não reger mais em Palermo, não me preocupar com o gaitista de foles para a peça de Maxwell Davies, não ver contratos de spallas, não pensar nem um minuto sequer no *Réquiem* de Verdi, nas quatro peças sacras, não pensar especificamente naquela *Ave-Maria*, não subir ao palco, não me irritar, não gritar com os músicos, não ensaiar a *Sétima sinfonia* de Mahler, não fazer nada disso, ficar em casa, disponível, atento, concentrado em Marie.

Rachel pediu-me que a levasse até seu apartamento, no segundo andar. Não posso me demorar, pensei. Marie já saíra do banho, era rápida, mulheres jovens não gastam muito tempo com cosméticos. “Não entendo como alguém consegue botar tanta porcaria na cara. A *necessaire* de uma mulher, depois dos quarenta, é um verdadeiro laboratório de armas químicas”, ela dissera certa vez.

Entramos no elevador e, logo que a porta se fechou, Rachel aproveitou minha disponibilidade para reclamar desses “funcionários cretinos que trabalham no nosso prédio”, sobretudo daquele “patife

da portaria”, que quase lhe quebrara a outra perna na hora de retirá-la do táxi. Estava disposta, Rachel.

“Notou que não é gesso?”, perguntou, exibindo a estrutura plástica que envolvia sua perna.

Escutei-a contar que, naquela mesma manhã, quando andava pelas ruas do nosso bairro, fora engolida por um buraco. “Esses prefeitos de merda agora só pensam nos pobres. A classe média está jogada às traças. Consegue imaginar um buraco, enorme, no meio da rua?”

Possuo um talento especial para imaginar buracos, todos bem negros, profundos, voraginosos, e teria mesmo descrito para Rachel uma variedade enorme de grotas e cavernas, subterrâneos e frinchas, se minha vontade de dizer algo não fosse sempre engolfada por um sentimento profundo de desânimo. Nos últimos tempos, eu andava assim. No ensaio da *Sétima* de Mahler, no dia anterior, ao ver meus músicos tocando sem energia, pensei em falar que Mahler não era caipira como Bruckner. Bruckner é coito interrupto, pensei em dizer. Mas Mahler é potente na música, Mahler se propõe e realiza, desenvolve, chega lá. Eu poderia ter expressado minhas restrições, não se ensaia Mahler, toca-se Mahler, com vigor, respeitando a dinâmica, ou então abandona-se Mahler e pronto, era o que eu deveria ter dito, meus músicos teriam compreendido perfeitamente, teriam tocado melhor, mas, em vez disso, perdi as estribeiras e gritei com a orquestra e larguei o ensaio. Mas, nos últimos tempos, eu me exaltava ou simplesmente ficava em silêncio, sem força para dizer nada, sem vontade, como naquela ocasião, com a vizinha.

Rachel deu-me a chave do apartamento, entramos. Fui novamente atingido por aquele odor, uma mistura de poeira, álcool e caldo de carne. “Não sinto nada”, dizia Marie, toda vez que eu lhe

chamava a atenção para aquele fedor. Mas Marie era jovem e fumava maconha, e maconheiros jamais sentem coisa alguma. Mas eu sentia. Em matéria de coisas podres, sempre fui especialista. Se a morte possuía um odor, era aquele. De manhã, quando os moradores abriam as janelas e saíam para passear com seus cachorros, quando os moribundos eram levados para tomar banho de sol por suas enfermeiras, aquele odor se espalhava pelo edifício de tal forma, que eu era obrigado a passar cânfora ao redor das narinas.

A verdade é que não fora uma boa ideia nos mudarmos para aquele apartamento, fora burrice aceitar o presente de Henri, meu generoso sogro. "Cabem seus pianos", ele dissera, logo que Marie voltou de Israel e eu abandonei Teresa e nossa filha adolescente, uma confusão dos diabos, enfiei meus pianos ali e, quando me dei conta, estava casado com Marie. Hoje, me pergunto se não foi aquele cheiro de morte a causa da nossa desgraça. Se músicas barulhentas, primitivas, se filmes cheios de revólveres e vingança podem envenenar nossas condutas e destinos, se vemos essas porcarias e saímos por aí matando quinze pessoas no McDonald's, por que odores como aquele não poderiam provocar desequilíbrios semelhantes? Lembro que, logo que nos mudamos para aquele apartamento, eu perguntava aos vizinhos e funcionários do prédio se eles sentiam aquele cheiro. Não sentiam nada. É incrível como as pessoas perderam o olfato.

O fedor na casa de Rachel era ainda pior, superava em muito o das ruas e do hall, havia ali também naftalina, que me deixava totalmente nauseado. Rachel não permitiu que eu partisse sem antes visitar o escritório do marido falecido, cheio de móveis escuros, trastes, bibelôs. Por que juntar tanta porcarias? "A moringa", ela gritou. Retirei da estante a peça de cerâmica, levei-a para a sala.

Rachel disse que sempre quisera me mostrar aquilo. “Não é bonita? É do Eliseo Visconti. Fez isso para os camarins do Municipal do Rio.” Ouvei uma história longa sobre Eliseo e a arte aplicável no Brasil e depois fui obrigado a prestar atenção na sua coleção de arte pré-colombiana, no seu quadro veneziano do século XVIII e também no castiçal que enfeitava a mesa de jantar, “isso é prata Sheffield antes de virar Silver Plate”, ela disse, como se eu tivesse alguma ideia do que fosse prata Sheffield ou Silver Plate. Esse é o problema de ser maestro. As pessoas sempre vêm com esse tipo de conversa. Ninguém quer falar sobre futebol com maestro.

Saí indisposto do apartamento, levando a moringa de Visconti de presente, “isso é tão inútil aqui”, ela dissera, “vai ficar bonito no seu camarim”.

Seria mesmo ótimo quebrar as pernas, pensei, descendo as escadas. Para pessoas como Rachel, solitárias, e também para os fodidos em geral, ficar doente ou sofrer um acidente qualquer é uma maneira de ganhar visibilidade. Meus funcionários no teatro, porteiros, faxineiras, seguranças, todos eles adoravam contar como foram suas consultas médicas, o que os doutores disseram a respeito de seus fígados podres. Você pode não ser absolutamente nada, mas, se tem um fígado podre, já é alguma coisa. Só você tem. É o seu fígado podre, a sua perna quebrada, a sua alergia incurável. Cair no buraco talvez tenha sido uma das coisas mais interessantes nesse período da vida de Rachel. Seus olhinhos azuis pareciam ainda mais vivos quando ela pronunciava a palavra *fratura*. Chegou a dizer que “quebrar a perna não doía nada” e que o ortopedista do hospital Albert Einstein era “a cara do Robert Redford”.

Para mim, no entanto, quebrar as pernas seria o pretexto ideal para pôr em prática meus planos em relação a Marie. Viajar menos, cancelar os concertos de Ottawa e Palermo, não trabalhar e ficar em

casa, observar minha mulher, checar, vigiar seus passos. Manter-me alerta e evitar a catástrofe. É assim que age um homem de verdade.

Caminhei até a esquina, as ruas de Higienópolis estavam cada vez mais cheias de merda de cachorro. Entrei no carro, liguei o rádio, procurei noticiários. Nenhuma novidade de Israel. Já não falavam sobre o conflito, cansaram. Não esperei nem meia hora, e Marie saiu do prédio. Botas, casaco de couro, o violino a tiracolo. Quem foi que disse que o diabo cavalga sobre um arco de violino? Estava ali, o demônio, entrando num táxi. Lembrei-me do dia em que ela enfiou no meu bolso um poema que dizia mais ou menos o seguinte:

“Quero você, tenho medo de você, espero você, enfim, estou fodida e radiante, mais fodida que radiante, e vice-versa.” Fiquei totalmente entusiasmado por aquilo. No fundo, pensei, troquei minha vida enfadonha, ao lado de Teresa, por um punhado de incerteza e angústia, ao lado de Marie. Estar com ela era ter, no mesmo pacote, coisas muito boas e coisas muito ruins. Mais ruins do que boas, essa era a verdade.

Saí do carro e voltei para o nosso apartamento. Eu estava decidido, queria descobrir de uma vez por todas o que estava acontecendo.

“O Israel triunfante é um lugar terrível pra gente tomar café.”
Outra página: “Digo a eles que os árabes respeitam um homem gordo, um homem grande pode foder com a vida deles para valer.” Página 76, com vários pontos de exclamação na margem: “É melhor Irving Berlin do que Ariel Sharon.” Outro livro, mesmo autor: “Eu não sou um desses judeus para quem o Natal é uma provação tremenda.” O que eu queria de Marie? Por que folheava de novo seus livros de cabeceira, perscrutando frases grifadas, buscando rastros, significados? Era perfeitamente óbvia a razão de um punhado de grifos. Judaísmo, ser judeu, não ser judeu, atirar bombas, terrorismo, mas e “epítome do teatro clássico”? O que fazia Marie grifar expressões como essa? E por que sublinhara as palavras *ricaça e balofa e mutretas e absenteísmo* ? Por que suas leituras entusiasmadas daqueles americanos que não saíam nunca da caceteação judaísmo-sexo me irritavam tanto? Lembrei que, certa vez, na cama, logo que nos conhecemos, ela falou da cor de meus cabelos, pretos, tão pretos e lisos, já nem eram tão pretos assim, os brancos não paravam de surgir, e então, depois de ouvir que eu era brasileiro-brasileiro, filho de brasileiro e neto de brasileiro, e que lá na ponta havia um tataravô português, mas que eu não descartava também a mistura com índios, espanhóis e negros, ela disse algo que me fez rir à beça. “Você é um tipo bem subequatorial”, ela disse. Ri muito daquilo. Um comentário bem sobre-equatorial, ou melhor, bem superequatorial. Até então, éramos só semelhanças. E, de repente, eu já era um subequatorial. Às vezes, me perguntava se um dia Marie me perdoaria pelo fato de eu não ser judeu. Os pais dela, que, no início, se mostravam tão tocados pela minha curiosidade por

suas histórias de comércio de diamantes e negócios na Antuérpia, certamente jamais se conformariam com este meu pequeno defeito. Não pertencer ao mundo deles. Às festas. Não saber o que é Aliyah. Nem Chanukah. Nem Galut. Nem Kike. Schmook. "A pronúncia é 'shmak'", corrigira-me a mãe de Marie, quando me atrevi a perguntar o significado daquela palavra. Molengão. Homem frouxo. "Esses caras não têm a menor ideia do que é ser judeu", outro livro, grifadíssimo. Esses caras. Provavelmente, para Marie, eu estava incluído no pacote "esses caras". "Esses caras" era exatamente eu. "Não sabem coisa alguma." Em outras palavras, eu era o homem errado. Trinta anos mais velho, e dói, ainda por cima. Um erro. Talvez Marie pensasse que seria muito melhor ter permanecido em Tel Aviv, estudando violino na Academia de Música Samuel Rubin com o professor Sandorsky, "o aluno de um dos discípulos favoritos de Heifetz", como ela gostava de se referir ao mestre. Ser aluno do discípulo é mais ou menos como ser primo do primo. É oitavo grau. Isso nem é parentesco, primo é supérfluo. "O Sandorsky é o famoso nota-sete", eu dissera a Marie. "Nem muito bom, nem péssimo. Aquele que faz direitinho." Marie não concordava comigo. Vivia defendendo Sandorsky e não poupava elogios: "sensível", "disciplinador", "genial". Decerto fora Sandorsky quem dissera a frase que ela vivia repetindo desde que voltara da viagem, que "não compreendia como, sendo judia, podia ter demorado vinte anos para ir a Israel".

"Você teve um caso com ele?", perguntei certa vez.

"Com quem?"

"Com o Sandorsky."

"Você acha que eu tive um caso com o Sandorsky?"

"Ele ficou louco por você."

"Você sempre acha que as pessoas ficam loucas por mim?"

“Eu fiquei doido por você.”

“Efeito ricochete. Eu comecei tudo. Você só reagiu.”

“Mas ele tentou, pelo menos.”

“O Sandorsky? Coitado. Ele não ousaria.”

“Aquele macaco.”

“Isso tem nome, sabia?”

“Nota-sete. Isso é o que ele é.”

“Ciúme retroativo. Você tem ciúme do meu passado.”

Não se desenvolve uma relação como essa sozinho. O tempo todo Marie me incitava a ter esse tipo de comportamento. Gostava de me incendiar, insinuava, lançava nas nossas conversas, sempre de forma que parecesse casual, nomes como Jean-Pierre, David ou Henrique, rapazes com quem havia estudado, “não tive nada com eles”, ela me dizia, enquanto eu ardia no inferno. Gostava de fazer isso comigo. Percebi logo o jogo. Esse tipo de conversa invariavelmente criava uma grande tensão sexual entre nós. Brigávamos até cansar e depois resolvíamos tudo na cama. E o jogo recomeçava, após um curtíssimo período de paz.

Naquele momento, folheando os livros, eu duvidava seriamente de Marie. As mulheres mentem, essa é a verdade. Os homens enganam, mentem, traem, mas as mulheres enganam, mentem e traem muito mais. Sandorsky não me parecia fazer parte do nosso jogo. Era mais. Estava por trás daquelas leituras, do recente interesse de Marie por tudo o que tivesse a ver com Israel, bombas, terroristas e acordos de paz. Havia algo que definitivamente os unia, algo exemplificado em frases do tipo “Os judeus na Polônia tinham inimigos terríveis também. Mas o fato de terem inimigos terríveis não significava que não pudessem manter a alma judia”. Aquilo os unia.

Se fosse a música a uni-los, como uniu Clara a Schumann, se Marie, como Clara, buscasse em Sandorsky o aprendizado de coisas como fraseado, forma, progressão, dinâmica e sentido, eu teria uma chance de separá-los. Quando a música une duas pessoas, da maneira como Clara se uniu a Schumann, da maneira como Brahms se uniu a Schumann, e Clara se uniu a Brahms, da maneira como Bülow se uniu a Liszt, e Cosima se uniu a Bülow, da maneira como Bülow se uniu a Wagner, e Wagner se uniu a Cosima, quando a música une essas pessoas, é o diabo quem celebra a comunhão. Primeiro amamos aquele que está musicalmente acima de nós. E depois fazemos tudo para foder com ele.

Mas não era a música que unia Marie a Sandorsky, e sim a alma judia, e, contra isso, eu nada podia fazer. Porque eu era um desses caras que “não têm a menor ideia do que é ser judeu”. Não sabia nada deles e, mesmo que soubesse tudo, que me esforçasse como vinha me esforçando, eu não era um deles.

Tudo isso girava no meu cérebro, me endoidecendo, quando ouvi a porta da sala bater. Era Jânia, nossa empregada, que se atrasara. Sentei-me na cama, desanimado. Que mal havia naqueles livros? Na idade de Marie, eu também ouvia meus mestres. No entanto, pensar assim não fazia com que eu me sentisse nem um pouco melhor. Certamente Sandorsky embromara Marie usando o antigo paradigma do mestre grego, que te leva à verdade enquanto te fode. Um velho macaco, isso era Sandorsky. Ficara fascinado com o frescor de Marie, sua graça, talento e juventude. Lembrei-me das fotos que ela me enviara de Tel Aviv. Os dois, abraçados diante da academia, professor e aluna, o predador e a vítima, Marie querendo conhecer o mundo, e Sandorsky, cheio de fome, pronto para abocanhá-la. Lembrei-me também do entusiasmo com que ela descrevera suas aulas logo que chegou de Israel.

“Não sabem coisa alguma”, sublinhara no livro. Falava de mim, não sabemos nada, nós. Nós, os góis, os nadas, nós, os maestros, não sabemos nada sobre vocês. Sobre nós. Vocês não sabem nada sobre nós. Vocês não sabem sobre o que é ser judeu, não têm a mínima ideia de como vivemos e sofremos.

Eu me irritava ao imaginar que toda aquela paixão de Marie pelo judaísmo tinha mais a ver com Sandorsky do que com o próprio fato de Marie ser judia. Marie, como ela mesma declarava, fazia parte da geração “novo judeu”. O judeu que não é, em primeiro lugar, judeu, mas que é também judeu. Como é cidadão, como é homem, como é essencialmente todas as coisas. “O judaísmo não veio em primeiro lugar na minha educação”, ela dissera.

Pensar nessas coisas me fez me lembrar da pilha de jornais velhos embaixo da nossa cama. Ajoelhei-me. Lá estavam eles, todos com manchetes do tipo domingo-sangrento-no-Oriente-Médio, violência-e-morte-em-Jerusalém, pilhas e pilhas de artigos que Marie separava para ler, e “entender as antinomias judaicas”, e nunca lia, nem deixava que Jânia os botasse fora. Peguei alguns. Mais de cem feridos numa pizzeria. Em retaliação, mais de vinte e sete mortos. Mais de dezoito feridos. Não havia nada para compreender naqueles jornais. Eram só números. Assassinatos. Ódio. Mas Sandorsky queria mantê-la em Israel, sufocá-la com a realidade deles, as bombas deles. Por que não mandava Marie grifar também: “Israel se tornou a mais grave ameaça à sobrevivência dos judeus desde o fim da Segunda Guerra Mundial”? Aquilo eles não sublinhavam. Enfiei-me embaixo da cama, decidi jogar fora os jornais. Puxei duas pilhas, iriam para o lixo. Havia outro monte deles, rente à parede, tentei tocá-lo com o pé. Fui obrigado a enterrar-me mais ainda embaixo da cama. Um ódio imenso tomou conta de mim e, naquele momento, enquanto eu empurrava com força a pilha de jornais, socando-a com

fúria contra a parede, a porta do quarto se abriu, e Jânia entrou. Prendi a respiração e segui a movimentação dela pelo quarto.

Fechei os olhos, aflito, e, antes que eu pensasse numa maneira de sair de onde estava, debaixo da cama, Jânia deixou o quarto e, antes que eu conseguisse me retirar dali, voltou e me surpreendeu naquela posição horrível. Senti-me péssimo, ela me olhando de cima, eu emergindo do buraco como um animal subterrâneo, um bicho rastejante e empoeirado. Jânia demonstrou tamanha confusão em seu rosto, que nem senti necessidade de dizer alguma coisa. Balbuciei umas palavras, "jornais velhos", e ela ficou me olhando, como sempre me olhava quando me surpreendia a estudar na sala: com um sorriso besta pregado na cara.

Se eu tivesse, naquele momento, saído e batido a porta, teria sido melhor, mas consegui piorar bastante a minha situação.

"Jânia", eu disse, segurando seus braços com uma certa força, "você faria uma coisa por mim?" Claro que faria. Antes mesmo de conhecer minha proposta, ela já se mostrava pronta para tudo. É impressionante como as pessoas aceitam nossas ofertas.

Expliquei, retirando algumas notas da carteira, que tudo o que ela teria que fazer, além de jogar todos aqueles jornais no lixo, era prestar atenção em Marie. "Anote o nome de quem vem aqui", eu disse, "e das pessoas com quem ela fala ao telefone." Expliquei que também deveria ouvir, pela extensão da cozinha, as conversas telefônicas de minha mulher. "Se não entender o que dizem, se for outra língua, tente ver se Marie fala Sandorsky." Obriguei-a a repetir "Sandorsky" várias vezes, e ela me garantiu que jamais ouvira "nada disso" naquela casa. "Você sabe escrever?", perguntei. Dei-lhe um papel, caneta, "escreva aí 'Sandorsky'". Ela não se saiu tão mal, uma letra esculhambada como a de qualquer semianalfabeto. Tínhamos agora um trato.

Não eram nem dez horas da manhã quando deixei o apartamento. Levei comigo alguns livros de Marie. A cidade estava mais cinza, eu não me sentia disposto. Entrei no carro, olhei para o céu. Seria um dia ruim.

“Você tem que ligar para aquela agente na Suíça. Tem que telefonar para o México. Tem que falar com o coordenador do serviço de voluntários na orquestra. Tem que almoçar com Pedro Ricardo. Tem que receber a diretora do serviço cultural do Itamaraty. E tem que falar com o chefe do naipe de contrabaixos.” Era preciso fazer tudo isso, informou Adriana, minha nova assistente, mas antes, enfatizou, antes eu ensaiaria a *Sétima sinfonia* de Mahler. Achei engraçado Adriana incluir o ensaio na agenda. Como se eu não soubesse. “E ligar para a Columbia Artists Management Inc. sem falta”, completou. Ela não conseguia dizer simplesmente CAMI, ligue para a CAMI, sentia necessidade de despejar o nome inteiro.

Eu não podia reclamar. Adriana era bem eficiente, apesar de Marie dizer sempre o contrário. “Ela é metida a saber das coisas. Esses dias, veio me falar que adora as piadas de Haydn. Como se soubesse alguma coisa sobre música. E nunca te dá os meus recados. Quando é que você vai contratar uma dessas dona Ercília, dona Yollanda, iguais às secretárias do meu pai? E pare de rir, porque isso não é ciúme. Não tenho ciúme. Você é meu. Comprei o seu passe. Meu problema com essa moça é que ela é burra. E incompetente. Só isso.”

Não era verdade. Adriana cuidava de minha agenda com muito zelo.

Mal me sentei, o meu celular tocou.

“Pai?” Era Eduarda, minha filha de treze anos. Havia semanas que não falava com ela.

“Pequena executiva?”, perguntei, olhando para o relógio. Eu lhe dera esse apelido logo depois de me separar de Teresa. Desde

então, Eduarda tinha uma agenda lotada, aulas de balé, inglês, canto, violino, computação e tênis, quase não sobrava tempo para assistir aos meus concertos ou me visitar na orquestra. Na verdade, essa foi a maneira que Teresa encontrou para ficar ainda mais ociosa. Vivia me cobrando “ser pai”. Para ela, “ser pai” significava ocupar-se do serviço sujo, daquilo que ela detestava fazer: buscar, levar, comprar e pagar. “Não tenho tempo”, dizia, quando era requisitada para acompanhar Eduarda a festas de amigos ou a reuniões de estudo. “Vá você. Por que tenho que dar conta de tudo sozinha?” Também não tinha tempo, eu era maestro. Trabalhava como um cão.

“Você estava bonito”, disse Eduarda.

“Quem?”

“Você. No jornal. Legal aquela foto.”

“Que foto?”

“Você não ouviu o que eu disse, pai?”

Eu estava desconcentrado, perdi boa parte do que minha filha me contara. Mas saber que o jornal trazia uma matéria sobre mim deixou-me totalmente alerta. Havia muitas coisas que queria falar com Eduarda, mas fiquei ansioso para ler a reportagem. “Me liga de noite”, eu disse, “tenho ensaio agora.”

Desliguei o telefone e mandei Adriana trazer os jornais. Tudo o que saía na imprensa a meu respeito era catalogado por minha assistente. Tínhamos muitas pastas, um arquivo enorme, cheio de resenhas, críticas, entrevistas; mais um, pensei, ao receber o jornal de Adriana. Eu estava lá, na primeira página do caderno de cultura, e Eduarda tinha razão, a foto era realmente boa. Sempre fui fotogênico. Boa mesmo, a foto, pensei, sentindo também vergonha de estar entusiasmado com aquela porcaria. Para que servia aquela bobajada? Quem lia aquelas críticas, além dos meus inimigos? Era só

mais uma oportunidade para que meus detratores me odiassem ainda mais. Nada deixa um maestro ou músico mais enfurecido do que o êxito de outro maestro ou músico. Saber que fulano foi convidado para reger tal orquestra, ou que ganhou tal prêmio, ou que teve uma performance elogiada, essas coisas funcionam no meio musical como uma pancada na nuca. Ficamos putos quando alguém se dá bem.

Ocorreu-me então que Marie poderia fazer com as matérias a meu respeito o mesmo que fazia com os artigos sobre Israel. Recortá-las, guardá-las, lê-las com atenção. Fiquei contrariado ao pensar que ela nem sequer me vira no jornal. Gastei alguns segundos imaginando uma forma de lhe dizer algo sobre o assunto. Você viu a reportagem?, eu poderia perguntar antes do ensaio, com *nonchalance*. Senti-me novamente ridículo. Como se a matéria fosse capaz de mostrar a Marie a minha superioridade sobre Sandorsky, capaz de fazê-la ver que aquele velho de feições simiescas era um João-ninguém, um quase nada que se dedicava à academia porque jamais conseguira fazer outra coisa. Sandorsky seguira o manual direitinho: não podendo criar nada, passou a cagar regras.

Eu queria parar de pensar naquilo, de imaginar que os dois se falavam por telefone diariamente, que eram amantes, que eram judeus, mas não conseguia. Sentia-me como se estivessem roubando algo de mim.

Pedi que Adriana me trouxesse uma Coca light, com bastante gelo. Andei pela sala, precisava de alguns minutos antes do ensaio, queria esvaziar a cabeça, me acalmar, entrar na música, ouvir minha interpretação, ouvir Mahler, lá dentro, com substância, som puro, sem pensar em Sandorsky nem em Marie. Não consegui evitar de abrir mais uma vez o livro que trouxera de casa. Outra frase grifada. "Vamos e venhamos, para os judeus o problema será sempre o góí."

Nós, góis, somos o problema. Ela nem se preocupava com a possibilidade de eu abrir os livros e ver esses grifos, nem escondia, sublinhava, e pronto. Não se esforçava minimamente para que eu me sentisse menos não judeu. E não importava o quanto eu comesse falafel e fosse simpático nas reuniões de sua família, o quanto fosse famoso e aparecesse nos jornais. Jamais seria judeu. Já o Sandorsky, bem, o Sandorsky, filho-do-primo-do-neto-do-discípulo-de-Heifetz, ele era naturalmente judeu. "Ele era tão grande fisicamente; equacionei aquilo como masculinidade", outro grifo. Fechei o livro. Definitivamente, eu não entraria no mérito "altura". Eu não era alto. Fechei o livro na gaveta. Eu era baixo. Marie sorrindo no porta-retratos, em Tel Aviv. Virei-o para a parede.

Tentei me concentrar na agenda de Adriana. Reunião com o chefe do naipe de contrabaixo, quinze horas. Eu já sabia o que ele queria. "Preferimos a escola alemã", Hamilton dissera no final do último ensaio. Como se a maneira de segurar o arco fosse importante, como se mudasse alguma coisa. Minha vontade era sugerir outra pauta para o nosso encontro, nada de escola alemã ou escola francesa, que tal falarmos sobre a escola-tocar-bem? Tocar bem todos os dias. Ensaiai muitas horas. Trabalhar. Não errar notas no ensaio. Memorizar as partituras. Almoço com Pedro Ricardo, treze horas.

"Sou como você, adoro esse lixo", falou Adriana, retornando à sala, com duas latas de Coca light numa bandeja.

"Quem é Pedro Ricardo?", perguntei.

"O Senhor Espontâneo", respondeu ela. "Quer organizar um time de futebol com a orquestra. Vou te contar como agem os espontâneos. Eles abrem o jornal, leem uma matéria sobre a nossa orquestra e aparecem aqui, oferecendo coisas, enciclopédia, luva cirúrgica, tratamento dentário, rack para computador, tudo o que

“você puder imaginar. É o que dá fazer sucesso. Fico pensando se eles oferecem técnico de futebol para a Filarmônica do Rio.”

“É o corintiano?”

“O próprio. Você falou com ele na semana passada. Coitado. Se fodeu no domingo.”

“Você viu o jogo?”

“Sou são-paulina.”

Eu também era. Falamos sobre o novo ponta-esquerda, o perna de pau. Perder aquele gol. Agora precisávamos ganhar a partida seguinte, para ficar entre os oito primeiros e passar para a segunda fase. A verdade é que Adriana me acalmava, com sua capacidade de ouvir e seu senso de humor. Uma mulher bem-humorada é quase tudo. E bonita. Olhos bonitos. “Eu nem levo em consideração”, dizia minha ex-mulher, “quando você elogia um novato na orquestra. É apenas a primeira etapa, depois você começa a detestar. Você ama intensamente as novidades para, em seguida, poder odiar tudo com mais intensidade ainda.” Fez-me um mal tremendo lembrar-me de Teresa naquele momento. Você vive trinta anos com uma mulher, e quando acaba é só isso? Falar aquilo, daquela forma, na frente da nossa filha, dizer que amor para mim era só a preparação para um novo ódio? Só um pretexto para estragar e destruir? “Você é egoísta. Você é somente você e nada mais. Eu-eu-eu. Não é à toa que quis ser maestro. Não há ninguém mais autocentrado do que um maestro. Você é praticamente um autista. Nada importa para você.” “A sua máquina de odiar”, ela havia dito. O “seu triturador particular”. Teresa agora era assim, dizia coisas. Durante todos os anos em que estivemos juntos, Teresa utilizara uma técnica sensacional para me derrubar. De repente, sem nenhuma explicação, no meio do nada, num jantar, numa manhã qualquer, ou após uma apresentação minha, no camarim, enquanto eu estava sendo

cumprimentado pelos amigos, sem que nada de anormal ocorresse ou justificasse sua atitude, ela se calava. Não era um silêncio qualquer, havia nele um grande poder disruptivo, era um silêncio que saía de seus olhos como flechas envenenadas, uma arma poderosíssima que Teresa usava para me deixar do lado de fora, para me excluir do meu próprio sucesso, do meu centro. E funcionava. Tão logo ela se fechava, eu sentia uma necessidade mórbida de implorar e ser aceito, queria agradá-la, diverti-la. O pior era que a sua taciturnidade gerava um mal-estar contagioso, que começava comigo e ia vazando ao redor, para dentro das pessoas, e, de repente, criava-se um clima de forte constrangimento, eu simplesmente detestava aquilo, sobretudo porque não conseguia fazer com que minha verborragia imperasse, por mais que eu me esforçasse, havia o silêncio, a ausência de Teresa. Mas agora, depois que eu a abandonara para viver com uma garota cinco anos mais velha que nossa filha, Teresa desistiu do seu silêncio patológico, adotou outro método, o das palavras assassinas. Dizer tudo. Dizer coisas horríveis.

“Tem dias em que eu também fico assim”, falou Adriana, pondo mais refrigerante no meu copo.

Fingi não entender o comentário. Odiava esse tipo de conversa-terapia. Fui até o banheiro, me olhei no espelho, meu rosto estava absolutamente normal. Do que Adriana estava falando, afinal de contas? Não expressava nada meu rosto. Em matéria de impenetrabilidade, conheço pouca gente melhor que eu. Simplesmente fechei a porta, virei as costas. Voltei para minha sala e continuei bebendo em silêncio.

“Eu sei que você foi alcoólatra”, ela insistiu.

“Sabe?”, perguntei.

“Desde o primeiro dia.” Pausa. Mostrou-me a lata de Coca. “Só quem foi alcoólatra como você e eu bebe essa porcaria com tanto gosto.”

Eu realmente bebia muita Coca. Todo dia, antes e depois do ensaio. E Adriana sabia prepará-la do jeito como eu gostava, com bastante gelo e limão. Mas nunca fui alcoólatra e não disse isso a ela. E também não perguntei nada. Estava na hora do ensaio.

Antes que eu chegasse à porta, ela se plantou diante de mim com um pente nas mãos. Usava uma camiseta curta, pude ver seu piercing no umbigo. Muito sensual. Ajeitou meu cabelo, comentando que jamais conhecera um maestro tão descabelado como eu. “Vou te apresentar o Muti.”

Era bom ter Adriana comigo. Eu estava gostando dela. Ex-alcoólatra com covinha no queixo e conhecimentos futebolísticos. Isso não era uma boa combinação.

Evitei olhar para Marie no início do ensaio. Na verdade, só fui vê-la no terceiro movimento da sinfonia, e o que notei não me lembrava em nada aquela garota que conhecera havia um ano, na audição da orquestra, tocando um concerto de Wieniawski, com tanta paixão e feminilidade, como se o violino fosse parte dela mesma, uma extensão de seu próprio corpo. Naquele momento, nada na sua música, na sua maneira de tocar, me chamou atenção. Notei apenas que ela não usava sutiã. E que seus seios oscilavam, de acordo com as notas, exuberantemente túmidos. E que sua blusa, que mostrava um colo brilhante, era de um tecido quase transparente. Seu companheiro de estante, um solista frustrado, cheio de cabelo, um tipinho bem chinfrim que vivia chamando Bach e Beethoven de “o cara”, mal conseguia virar as páginas da parte, tão absorto estava na beleza de Marie. Perdi totalmente a concentração.

Isso ocorreu no terceiro movimento da sinfonia, onde havia uma corda tecnicamente complicada, mudanças súbitas de andamento, o que exige muita atenção do maestro, dos músicos e das cordas em particular. Marie e o cabeludo frustrado estragaram tudo. Os dois pareciam não ler as notas corretamente e, pior ainda, tocavam sem mim, não me olhavam. Parei o ensaio, com a sensação horrível de que algo ia se desvanecendo, como se eu estivesse perdendo a linha tênue que transpassa a música, como se não houvesse nenhum encadeamento na obra de Mahler.

“É para mim que vocês têm que olhar”, eu disse.

Recomeçamos, e foi um desastre, Marie se perdeu novamente, tocou várias notas erradas, sempre sem me olhar, concentrada

apenas na estante. Interrompi mais uma vez o ensaio, agora aos gritos, jogando a batuta no chão.

“Não é possível, Marie, que, neste trecho, você olhe para a parte. É para mim que tem que olhar. Olha para a minha batuta, porra. Tem que saber este trecho de cor. Esse é o único trecho que você tem que saber de cor.”

Marie se levantou.

“Senta”, gritei.

Não olhei mais para ela. Segui em frente, regendo com raiva. Desconsiderei seu ar indignado, seu sentimento de humilhação, a perda de andamento, o desencontro rítmico.

Acabei o ensaio dizendo para os músicos que eu conhecia poucas orquestras no mundo capazes de destroçar Mahler daquela forma, e que minha vontade era cancelar o concerto. Vi que Marie chorava, quando descii do palco, com o violinista praticamente ajoelhado aos seus pés, consolando-a. Nada une mais uma orquestra do que um bom esporro. Tocam uns contra os outros sempre que podem, mas, se alguém recebe uma descompostura, sofrem numa sincronia perfeita. Talvez uma orquestra só seja de fato coesa e orgânica no momento em que compartilha o ódio ao maestro. De repente, impulsionados pelo rancor, todos os naipes passam a se comportar como os metais, relaxam, ganham uma certa humanidade, ficam sensíveis ao sofrimento do outro e se unem. Contra o maestro.

Passei pela minha assistente, pedi que telefonasse para Hanna na Suíça. Marie entrou na sala no momento em que a ligação estava sendo transferida. Geralmente levo cinco minutos para falar com agentes, não gasto muito tempo com gigolôs. Só era necessário dizer a Hanna que estávamos no mês de agosto e ainda não sabíamos quem faria o papel de Erda e Fafner, e que ela precisava trabalhar mais depressa. Mas estiquei a conversa, falei do Hojas, o

regente mexicano, “um puto, quer que eu mude toda a rotina da orquestra só porque tem um concerto no México e quer chegar atrasado”. “Estou aqui pensando se ele faria um pedido como esse à orquestra de Chicago”, respondeu ela. Rimos. Rimos, mas não gostei. Aquilo me irritou. Pedi que Hanna me contasse detalhes sobre o maluco que entrou no Parlamento do cantão de Zug, matando catorze pessoas e deixando oitenta feridas. Não adiantou nada ela dizer que a tragédia ganhou destaque internacional porque assassinato de político era algo “raríssimo” na Suíça. “Tenho quarenta e cinco anos e jamais vi um incidente como esse”, disse. “Os suíços quando matam é por atacado”, rebati. Agora ela também não estava achando graça das piadas que fazíamos no telefone. “Plenário coberto de sangue’ é a manchete do nosso jornal mais importante”, insisti. Havia tempo que Hanna me irritava. Já tinha me dito, certa vez, que adoraria conhecer as favelas cariocas. Não queria visitar nossas praias, nossas florestas. Queria conhecer a nossa pobreza. Ver nossos fodidos, nossa podridão, da mesma maneira como provavelmente assistia, entusiasmada, a filmes iraquianos em festivais de cinema em Genebra. Uma boa idiota. De sovaco cabeludo. “Vocês, suíços, estão na capa de todos os jornais aqui”, eu disse, antes de desligar.

Eu fingia que não prestava atenção em Marie andando pela sala, como uma onça esfomeada. Quanto mais ela fervia diante dos meus olhos, mais tranquilo eu me mostrava. Nem bem desliguei o aparelho, ela me acusou de ser tirânico, grosseiro e cruel, nessa ordem. Teve que esperar minha ligação para o México, para falar o resto. Expliquei ao regente Hojas que ele não poderia chegar atrasado. “Não sei como é aí no México, mas, aqui no Brasil, não atrasamos nossos ensaios. Somos rigorosos.” É impressionante a capacidade que as pessoas têm de não nos surpreender. O mexicano

simplesmente fez o que imaginei: cancelou o concerto. "Sinto muito", ele disse. Esses putos fazem isso, cancelam concertos. Maestros convidados, umas bichonas. Cheios de exigências, como se fossem estrelas.

Desliguei o telefone, começamos o segundo round. Marie disse que eu não poderia gritar com ela na frente dos músicos. Tão grosseiro. Tão autoritário. Tão desrespeitoso. Falou ainda que eu estava sendo injusto.

"O que você acha que os músicos pensam quando faz isso comigo?"

"Pensam que você está tocando mal."

Marie continuou atrevida, dizendo que não havia errado notas. Sim, talvez, algumas notas. Mas, afinal, aquele era só o nosso primeiro ensaio.

"E daí?"

"O Rodrigo é que fica na parte de dentro da estante."

"Imagino que não seja fácil para o Senhor Cabeludo virar a página para a companheira de estante, e nem deve ser por causa do sentimento de inferioridade que isso provoca. Não acho que ele se importa de ser seu escravo."

"Do que você está falando?"

"De escravidão."

Notei o quanto aquilo desconcertava Marie, mas simplesmente não conseguia parar. Queria que Marie se fodesse, que não tivesse nada além de mim, nem música, nem dinheiro, nem violino, nem Sandorsky, nada. E que não usasse aquela blusa exibicionista. Como não podia dizer isso a ela, disse outras coisas, também horríveis. Falei da sua falta de precisão rítmica, da arcada em desacordo com o resto do naipe, da dinâmica negligente, dos fins de frase jogados fora, da passagem mal preparada e tecnicamente falha. Eu era

mesmo muito bom nisso, sabia como destruir um músico. Conhecia os termos, a técnica, era só ligar o motor e passar por cima.

Marie já não estava tão furiosa, agora era apenas uma “coisa” se desmontando, caindo, chorava, e eu ia adiante. Quando ela falou que todo o naipe de cordas estava magoado comigo, fiquei mais disposto do que nunca. “É mesmo? A classe média da orquestra sentindo-se ofendida? Porque perde o andamento? Porque não sabe a porra da sua parte?”

Cortava meu coração ver minha mulher tão frágil, soluçando, senti vontade de abraçá-la e pedir desculpas, no entanto, quando me dei conta, já estava aumentando o estrago, “sim”, eu disse, “não sou fácil, sou intolerante, grito com os músicos, exijo obediência e disciplina, e imagino que o seu naipe, sofredores profissionais, considera minha atitude inadmissível. Vocês acham que já sofrem o suficiente, não é isso? Estudam muito e vivem levando esporro porque nunca conseguem soar como um grupo. Sabe o que espero dos seus amigos que não estão satisfeitos comigo? Que se fodam. Que peçam demissão. Que procurem um maestro bonzinho. Quanto a você, aproveite sua tarde livre e estude. Pratique escalas e arpejos”.

Marie já estava terrivelmente ofendida, mas eu desejava magoá-la mais ainda. Não foi difícil fazer o insulto final.

“E ponha uma roupa menos provocadora para ensaiar”, eu disse. “Assim, quem sabe o Rodrigo consegue virar a página.”

Foi impressionante a transformação de Marie. Ela ficou alguns segundos me olhando, incrédula, decepcionada, e depois começou a rir, embora não estivesse achando nada engraçado. Deixou a sala sem se despedir.

Por que eu estava de costas para mim, me aliando contra mim, sendo meu próprio inimigo? O que esse meu contra-eu estava

fazendo, afinal? Pedindo que Marie fosse embora? Vá atrás dela e faça alguma coisa, pensei. Obrigue-a a voltar. Nem que seja à força. Corra. Demorei uns três minutos para me obedecer.

Marie estava na ilha da avenida Eça de Queirós, tentando alcançar o outro lado. O trânsito caótico da cidade me desorientou. Não sabia o que dizer. "Marie", gritei.

Ela me ignorou. Corri ao seu encontro entre os veículos que passavam a toda a velocidade. Ela não me deixou falar. Deu-me um soco no peito. "Suma da minha vida. Agora."

Pensei em dizer algo bom para nós dois, algo que nos unisse, mas não sei o que aconteceu, o barulho me atordoava, e eu só conseguia sentir mais raiva. "O que tem a me dizer sobre o Sandorsky?"

"Do que você está falando?"

"Estou falando do Sandorsky."

"O que isso tem a ver com nós dois?"

"Não há nada superior em ser judeu", eu disse, repetindo Roth ou qualquer outro autor cujos livros ela não parava de ler.

Marie ficou me olhando, assustada, como se ela e Sandorsky não tivessem grifado aquela frase. Como se aquela frase não quisesse dizer exatamente o contrário. Como se não houvesse grifos em toda parte. Livros e livros. Como se os judeus não fossem sensacionais em matéria de excluir o outro. Como se ela não tivesse destruído minha concentração durante o ensaio. Como se não houvesse jornais empilhados embaixo da nossa cama.

Os carros zuniam à nossa volta.

"Não sei do que você está falando."

"Estou falando em bombas explodindo em Israel. Por que não faz as suas malas e volta para lá?", continuei.

Marie atravessou a rua, correndo. Fiquei ali no meio da avenida, os carros e motos, o mundo ao redor, fazendo um barulho dos diabos.

“Furou meu tênis”, disse Eduarda ao telefone.

“Você quer dinheiro para comprar outro par?”, perguntei, abrindo a carteira e pensando que teria que passar num caixa eletrônico.

Minha filha explicou que não era isso que queria dizer. Furou-meu-tênis significava que seu jogo de tênis havia sido cancelado. E que ela estaria disponível naquela noite, poderíamos comer uma pizza. Ou ir ao cinema assistir a um “filme superlegal” cujo nome esquecera.

“Estou numa reunião, te ligo em dois minutos”, eu disse.

Preparei um copo com gelo e me servi de Coca-Cola. Estava em paz finalmente. Ao longo dos anos, inventara um método bastante eficiente para conseguir uma certa tranquilidade. Morrer de trabalhar, essa era minha técnica. Enterrar-me na orquestra, resolver todos os problemas, falar ao telefone, arranjar dinheiro, gritar, contratar, despedir, montar um time de futebol, ter como rotina uma agitação louca, como se dependesse dessa dinâmica para me manter à tona. Eu me sentia como um liquidificador triturando alimentos. Um avião no céu. Uma hélice girando. No fim do dia, atingia aquele estágio em que exaustão e paz são quase a mesma coisa. Por isso, estava ali, esparramado no sofá, sem nenhuma vontade de voltar para casa e enfrentar Marie. Brigar com Marie era tão desgastante quanto fazer as pazes com ela, e, naquele momento, eu não tinha forças para nenhuma das duas coisas. Queria apenas assistir a luta livre na televisão sem pensar em nada. Mas não havia paz com Marie.

A verdade é que não se pode pensar em paz quando se casa com uma mulher trinta anos mais jovem. Há sempre muitos perigos rondando esse tipo de relacionamento, qualquer homem de trinta anos pode ser uma ameaça, qualquer viagem a trabalho, qualquer amiga cheia de ideias, qualquer novidade, qualquer mudança, tudo traz riscos, e há ainda o tempo, que é o grande inimigo. Acordar e olhar no espelho a sua cara amassada como a fronha do travesseiro, estar constantemente encantado com o viço da sua companheira não faz nada bem. Sobretudo quando agimos como um daqueles personagens shakespearianos que, de cada três pensamentos, dedicam um ao seu túmulo. É o meu caso. Penso no fim diariamente, no meu fim, no fim de todas as coisas. Até quando recebo uma massagem, não deixo de pensar que aquela sensação boa, aquele bem-estar vai acabar em cinquenta minutos. Há tempos, deixei de fazer massagem. A preocupação com o fim é tanta que mal consigo relaxar. Nesse aspecto, com Marie não foi diferente. Nunca relaxei em relação a nós dois. Logo que começamos a foder, eu sabia que aquilo teria um fim, um fim mais rápido que todas as outras coisas, porque Marie era boa demais. Bonita demais. Talentosa demais. E, principalmente, jovem demais. Não sei se ela teria relevado minha idade se eu não fosse um maestro. Se fosse um trombone ou um trompete. No início, quando as musicistas chegam à orquestra, bem antes de definirem se ficarão na parte que quer odiar ou na que quer amar o maestro, quando querem ganhar status e a confiança dos músicos, elas se entusiasmam com tudo, com nosso mau humor, nosso autoritarismo, nosso narcisismo. Passado o encanto, porém, nos acusam de ser mal-humorados, autoritários e narcisistas.

“Prometa que nunca mais vai para a cama com outra mulher”, dizia Marie.

"Fechei meu botequim", eu respondia.

"Mulher nenhuma."

"Prometo."

"Coloca uma placa na sua testa: 'Sob nova direção'."

"'Vendido', vou colocar, 'Atenção: desista'".

Esses diálogos ardentes ainda aconteciam, mas, cada vez mais, eu tinha a sensação de que se tratava de uma cota, um naco de felicidade, e que ia acabar, e a única maneira de não pensar em nada disso era me dedicar furiosamente à orquestra. Era assim que eu escapava de mim mesmo. Trabalhara muito naquele dia. Até um campeonato de futebol eu organizara. "Temos tido resultados bastante bons de integração de equipe em empresas", dissera o técnico, que se autodefinira como um "cara que adora show, adora todo tipo de música, inclusive a que vocês tocam aqui". Garantiu-me que criaríamos um ambiente amistoso na minha "banda". Um clima de amizade, de companheirismo. Ri ao me lembrar da nossa conversa. "Você não precisa acreditar nos músicos. Basta acreditar no futebol", ele disse. Companheirismo. Só rindo. O homem realmente não entendia picas de músicos. Não há, no meio artístico, nada mais virulento que o universo musical. Lembro-me de um amigo escritor me dizendo que, até se transformar num melômano, considerava o meio literário o mais maledicente no mundo artístico. "Mas vocês", ele disse, "chamam uns aos outros de escrotos, canalhas e veados. Nós não fazemos isso. Quando queremos falar mal de um escritor, dizemos que não lemos o seu último livro. Somos reticentes. Falamos: 'Fulano de tal escreve bem', dessa forma mesmo, muito laconicamente, o que significa, em bom português, que odiamos aquele escritor. Mas não dizemos jamais que o fulano é um bosta. Vocês caem de pau, sem nenhum constrangimento. Vocês

são piores que nós. Piores até que os atores de teatro.” E aquele técnico querendo nos salvar através do futebol. Coitado.

“Quero ser o goleiro”, eu dissera ao técnico, aceitando a sua proposta. Agora que estava um pouco oco, meio anestesiado de cansaço, a ideia não me parecia tão ruim. Poderia dar certo.

Não havia mais ninguém no teatro, além dos seguranças que circulavam pelos corredores, e Adriana, na sala ao lado, digitando no seu teclado barulhento. Pensei que seria uma boa ideia comer uma pizza com Eduarda. Não voltaria para casa, decidi. Talvez dormisse num hotel. Dizer o que a Marie? Liguei a TV da minha sala. Aumentou para setecentos o número de palestinos e para cento e setenta e sete israelenses o total de mortos na nova Intifada. Falavam isso no jornal. Talvez fosse bom ligar para Marie e dizer isso a ela. Sugerir que fosse mesmo para Israel, assistir ao vivo ao colapso das conversações sobre a paz.

Telefonei para Eduarda e combinei que ela me esperaria no portão. Logo depois que nos separamos, Teresa convencera-me a continuar jantando na casa delas ao menos uma vez por semana. Não demorei muito para perceber a finalidade daqueles encontros. “Você leu a entrevista do Lebrecht?”, perguntara, numa das últimas vezes em que nos vimos. Claro que eu não tinha lido. Não gosto desses profetas do apocalipse da música erudita. Teresa sabia disso. Mas já não se importava com minhas opiniões. Mudara totalmente de lado. Eu devia ler Lebrecht, dissera. Sem falta. Porque, afinal, Lebrecht era um dos “poucos pensadores da música clássica. Ele acaba com vocês. Dá uma cacetada incrível nos maestros. Diz que vocês são um tipo de herói fabricado artificialmente, com um propósito não musical”. Para ela, Lebrecht estava sendo bem razoável. “Afinal, os maestros, não você, claro, mas os maestros em geral, não são mais artistas. Digo, criadores. Qual dos nossos

amigos regentes ainda compõe? Quase nenhum. São todos técnicos medíocres. O fato é que, no Brasil, não há maestros. Temos apenas uns tipinhos pretensiosos que chacoalham as mãos diante de músicos.” Uma coisa era ser maestro, na opinião de Teresa, outra, completamente diferente, era ser compositor. “Criar obras importantes.” Espantei-me com a naturalidade com que ela disse todas aquelas coisas, como se eu não fosse maestro. Ou, pior ainda, como se eu não pudesse ser compositor, o que era verdade. E tudo na frente de Eduarda. Aquilo acabava comigo. Mas eu me sentia nocauteado também em outras situações, quando tudo corria bem, quando Teresa deixava a música de lado e falava sobre questões domésticas, canos que estouram, faxineiras ladras, impostos, extratos bancários, contratos e outras baboseiras da realidade, como se a nossa vida tediosa do passado fluísse sem problemas, como se não estivéssemos naufragando. Era horrível tudo aquilo. De qualquer forma, era horrível. Não havia por que manter aquelas sessões destrutivas de vamos-preservar-a-nossa-família. Não havia mais nada a ser resguardado. Só Eduarda. Confesso que não sentia muito prazer em buscá-la na escola, levá-la ao cinema, ouvir suas histórias compridas e desarticuladas. Não era capaz de estabelecer um diálogo com minha filha, ficava sempre naquela bobajada de e-a-escola, e-as-festinhas, e-a-prova-de-inglês? Eu me culpava por encarar essas atividades como obrigações de pai, e às vezes implorava que Marie fosse conosco.

Naquela noite, Adriana nos acompanhou. Na realidade, ela se meteu no meu carro e pediu carona, quando eu estava saindo da garagem da orquestra. E acabou indo buscar Eduarda comigo. Foi conosco à pizzaria, onde havia pizzas de sabores inimagináveis, goiabada com queijo, creme de maracujá, pizza de salsicha, coisas assim. “Pizza, na verdade”, falou Adriana, “não é mais um prato, é

um condutor. Um veículo para transportar qualquer outro alimento, seja ele doce ou salgado.” Aquela pizzaria era a prova disso. Mais tarde, Adriana nos carregou para o shopping, dizendo conhecer uma “loja fantástica de maquiagem”. Ela e Eduarda se divertiram comprando glitter, batom e esmaltes, depois me carregaram para uma papelaria e escolheram papéis de carta e adesivos. Fomos também a uma loja de CDs, e Eduarda gastou a mesada com um monte de porcarias. O que eu tinha que fazer era apenas seguir as duas, concordando com tudo o que me diziam. Mas, quando aumentou o cansaço, meu humor mudou. Fiquei menos oco, mais inseguro, e então aconteceu. Fui atacado por uma sensação de arrependimento aterradora em relação a Marie. Por que a destrutara daquela forma no último ensaio? Marie me amava, havia largado tudo por minha causa, os estudos, voltara de Israel, e eu fazendo aquela cena toda de jogar a batuta no chão e gritar com ela diante da orquestra. Pior ainda, pagar Jânia para espí-la, por que fazer aquilo? Por que desconfiar de Sandorsky, escarafunchar seus livros? Qual a importância de frases como aquela: “Dentro de cada judeu há uma multidão de judeus”? Eram só frases, frases sobre judeus. Era natural que Marie buscasse sua identidade. Por que procurar significados extras por trás daqueles grifos? Por que cavar abismos entre nós? De repente, enquanto Adriana e Eduarda experimentavam tudo o que viam nas vitrines e me pediam opiniões, senti-me totalmente lúcido. Os livros eram só isso mesmo, parágrafos sublinhados. E qual o problema de uma blusa transparente? Afinal, nem era tão transparente assim. Decidi voltar para casa imediatamente. Foi também nesse momento que me dei conta de que o mundo bloqueava minha passagem. É difícil escapar de um shopping center. E, se você está com duas mulheres, é praticamente impossível. Elas te enganam, param em todas as lojas,

te emperram. E não há saída, ou há muitas saídas, as multidões, as filas, os carros, tudo bloqueia seu caminho. Eu corria, avançava, buzina, não parava de telefonar do meu celular para Marie, compulsivamente, e ela não atendia.

Fiz um trajeto complicadíssimo para deixar Adriana. Depois levei Eduarda. E, quando finalmente cheguei em casa, o porteiro veio dar a sua contribuição. Pediu-me que entregasse um pacote da farmácia no apartamento de Rachel. "Estou sozinho na portaria", ele disse. Às vezes, a vida é só isso, um obstáculo atrás do outro. Talvez fosse essa a razão pela qual eu não conseguia compor. Bastava acordar, e a realidade começava a me comer. A orquestra, os músicos, a burocracia, os fatos. E agora Rachel. Toquei a campainha, e ela, na cadeira de rodas, abriu a porta, falando com Ester, sua filha, ao telefone sem fio. Esperei-a desligar e ouvi suas lamentações. Estava se sentindo só, com dores por causa da fratura, e a filha pensando somente na bolsa de valores. Fez-me um mal tremendo ver Rachel chorando, abatida.

"Por que nossos filhos nos odeiam?", ela indagou, como se eu fizesse parte da confraria de Ester.

"Você comeu alguma coisa?", perguntei.

Ela havia pedido uma pizza. A empregada faltara naquele dia, e o cheiro azedo da casa estava bem pior. "Você me ajuda a ir para o quarto?"

Foi fácil transportá-la da cadeira de rodas para a cama. Rachel era leve como uma criança. Coloquei-a ali, ajeitei os travesseiros. Depois, busquei um copo de água na cozinha. "Você acha que ligar para sua própria filha e pedir um pouco de atenção é fazer drama?"

"Depende", eu disse. Não gostava de me meter em discussões familiares. "Toma o remédio."

"Você gosta da sua mãe?"

“Toma o remédio.”

Eu adorava minha mãe. Depois que ela morreu, durante muitos anos, ainda tinha a sensação de que me faltava fazer algo antes de ir para a cama. Era telefonar para ela, como eu fazia todas as noites. Dizer que Teresa e Eduarda estavam bem, que o concerto fora bom, contar as novidades. Não havia um único dia em que dormisse sem falar com ela.

“Nem viu meu gesso, as radiografias, nada”, disse Rachel. “Só queria saber se eu tinha pegado os recibos para conseguir o reembolso.”

Antes de ir embora, perguntei-lhe se ia ficar bem.

“Vou ficar normal”, ela disse.

Soube que Marie estava em casa logo que saí do elevador. O cheiro de maconha empestava o ambiente. Bati na porta do nosso quarto, a TV estava ligada na CNN.

“Marie, abra essa porta.”

Ouvi toda a reportagem sobre os cinquenta anos de inimizade figadal entre palestinos e israelenses, enquanto tentava convencer Marie a abrir a porta. Não houve meio. Lembrei-me de ter visto um martelo pela casa, saí vasculhando os armários. Na cozinha, encontrei um batedor de carne. Não sabia que era tão fácil arrombar uma porta, duas, três pancadas são mais que suficientes.

Marie estava na cama, de camiseta e calcinha, com o abajur nas mãos, como se aquilo pudesse me ameaçar.

Sentei-me ao seu lado e falei alguma coisa do tipo se-você-quer-ser-uma-boa-violinista, mas Marie não me deixou acabar.

“Tenho só uma coisa para dizer a você: vá se foder. Pensa que preciso da sua orquestra? Que tenho que me submeter ao seu autoritarismo? Quem você pensa que é?”

“Lá, eu sou o maestro.”

“Você não pode me humilhar na frente dos músicos. Sou a sua mulher.”

“Na orquestra, você é uma violinista. Tem que tocar direito.”

“O que aconteceu lá não tem nada a ver com tocar direito. ‘E bote uma roupa decente para ensaiar.’ Foi isso que você me disse. Não sou uma ok *girl*. Faço o que eu quiser. Uso o que quiser. Você não é meu proprietário.”

“Você é a minha proprietária. Meu tudo. Não quero que ninguém veja esses peitos.”

Agora ela estava gostando.

“Tudo aí é meu”, eu disse, desligando a televisão. “Os peitos, essa bunda gostosa, essa bocetinha molhada que eu adoro chupar. Você não vai mostrar nada. Para ninguém.”

Marie se levantou, deixando o abajur de lado.

“Você devia parar de fumar maconha”, falei, tentando novamente abraçá-la.

“Sai de perto.”

“Eu te amo.”

“Cínico.”

“Maconha e violino não combinam.”

“Cretino.”

Marie me deu um soco no peito. Segurei seus braços com força, e então ela passou a me chutar.

“Desculpa”, sussurrei no seu ouvido.

“Nunca”, ela disse, dando joelhadas e chutes nas minhas pernas. Eu não via nada, empurrei Marie para a cama, lutei contra suas roupas, Marie praguejando, me chutando, lambi seus músculos, no tórax, ela agarrou meus cabelos, descii, ela unhou meu rosto, mordi sua cintura, ela socou minhas costas, lambi sua virilha, sem pressa

nenhuma, enchi de beijos suas coxas de adolescente, e só então abocanhei seu sexo, com fome.

Não lembro exatamente em que momento Marie parou de me bater. O resto da noite foi muito bom.

Acordei às cinco horas, totalmente sem sono, com gosto de sangue na boca. No espelho do banheiro, vi que havia um corte no meu lábio inferior, provocado por uma dentada de Marie. Retornei para o quarto rindo; depois de uma noite como aquela, eu sempre ficava com a aparência de um treinador de cachorros.

Pulei de volta na cama, já incendiado pela visão do corpo de Marie, dormindo agarrada ao travesseiro. Beije seus braços, lambi seu pescoço, esquecendo a promessa de deixá-la dormir até tarde. "Maníaco", ela falou, enquanto eu tirava sua calcinha. Como era bom foder Marie!

Antes de fazermos amor, havia o que ela chamava de "longa sessão", "gosto de namorar", dizia, "de beijar", "me beija, me dá sua língua", eu enlouquecia só de ouvir a sua respiração alterada, ou de sentir a pressão de suas pernas musculosas nas minhas costas. Depois do orgasmo, eu era tomado por uma sensação de completude, de sujeição, o mundo que se foda, eu pensava, só quero essa mulher e mais nada. Lembro que antes de eu me separar de Teresa, eu e Marie fazíamos planos que incluíam filhos e uma vida tranquila numa casa de campo, onde eu finalmente me dedicaria à composição. Tudo isso me parecia maravilhoso, inclusive porque, excetuando-se nosso arrebatamento sexual, toda aquela felicidade tinha uma certa artificialidade, o que me levava a sentir-me como o piloto da aeronave, bastava conduzir e desligar quando fosse oportuno. Era muito confortável pensar que eu era o piloto, talvez no começo eu fosse de fato, mas depois as coisas mudaram, perdi a sensação de controle, perdi as certezas, e foi nesse estado de confusão que larguei tudo e me casei com Marie.

No início, eu tinha medo do que aconteceria com aquela nossa vida de acordar e foder, ensaiar e foder, estudar e foder, sempre juntos, o tempo todo, fodendo ou trabalhando. Não pode dar certo, eu pensava. Até então, eu sempre levava a sério o mandamento *don't fuck the band*, do Bernstein. Uma mulher bonita é sempre um perigo. Ela entra na sua orquestra e põe logo fogo nos músicos, todos querem comer a nova harpista, a nova violinista, a nova flautista. Não é possível disputar mulheres com o trombonista e ter liderança sobre os músicos.

Por isso, eu jamais me relacionara com uma musicista com quem trabalhava. Jamais caíra nessa armadilha. Foi Marie, portanto, com sua musicalidade, sua inteligência crepitante e sua beleza tipicamente judia, que me levou a violar a regra número um do maestro que não quer ter dor de cabeça. Seu absoluto poder sobre mim fazia com que eu me sentisse inexpugnável em relação a outras mulheres. "Agora sou broxa", eu falava para Marie, e não era mentira. Fiquei, de fato, livre das mulheres.

No começo, foi tudo motivador, instigante. Mas uma orquestra é uma unidade antimaestro, e logo Marie sentiu-se segregada pelos amigos, que a consideravam uma espiã. "Ser mulher do maestro", ela dizia, "é pior do que ser spalla. O spalla, assim como eu, faz a ponte entre o maestro e a orquestra, só que ele sabe que não pode ser muito amigo do maestro porque vira pelego, nem pode ser muito amigo dos músicos porque vira corporativista. Ele tem consciência disso e age de forma que possa ter autoridade, sem ser petulante. Ele pode ser amigo do maestro e dos músicos, se for cauteloso. Pode ser inimigo também. Dos músicos. Ou do maestro. Mas há opções. Ele tem como lidar com isso. Eu, não. Sou sua mulher, e ponto final. Antes mesmo de ser violinista, sou sua mulher. Se estão conversando e eu me aproximo, calam-se todos. Não me convidam

para nada porque me detestam por ser sua mulher, ou porque não querem que você pense que estão puxando o seu saco.” Marie se sentia, portanto, mais vulnerável aos meus comentários. Uma vez, por exemplo, durante um ensaio, flagrei-a bocejando. Imediatamente interrompi a orquestra. “Um momento, senhores, Marie quer nos dizer algo importante.” Ela ficou desconcertada, e os músicos riram da situação. A casa quase caiu quando deixamos a orquestra. “Eu já tenho que aguentar a pressão dos músicos, e você ainda me ridiculariza na frente deles?” Expliquei que foi só uma piada, que Eleazar costumava fazer isso com seus músicos, e que foi essa a graça, por isso todos rimos. Marie continuou me pressionando, e então eu também me irritei, disse a ela que seus bocejos me ofenderam, “quer bocejar, boceje nos filmes do Godard, mas não nos meus ensaios”. Enfim, eu também não era fácil. Brigávamos muito por causa dessas coisas todas, havia muitos desentendimentos, muito sentimento de posse, da minha parte, muita desconfiança, exigências, mas invariavelmente nossa tensão se resolvia na cama.

Naquele dia, deitado com o corpo de Marie entrelaçado no meu, fui tomado por uma tremenda sensação de bem-estar e tranquilidade. Pensei que teríamos um sábado agradável, ficaríamos boa parte do dia ali, fodendo. Pensei em *Noites num jardim de Espanha*, para piano e orquestra; era preciso começar a preparar os concertos de Nápoles e Trieste. Pensei no que Cláudio, meu assistente, dissera-me recentemente sobre o fato de eu reger de cor e sobre a sua insegurança em fazer o mesmo. Pensei que reger de memória nada tinha a ver com segurança e que provavelmente eu era muito mais inseguro que Cláudio. Pensei que Cláudio voltaria de Toronto em duas semanas. E que eu e Marie almoçaríamos no meu restaurante preferido, onde eu pediria uma massa de abobrinha.

Pensei que devia escolher um restaurante especial para levar o maestro finlandês responsável pelo concerto daquela noite. Pensei que não devia perder tempo pensando num bom lugar para levá-lo, sendo que os estrangeiros gostam mesmo é de uma churrascaria. Pensei que tinha medo de comer carne na Europa, por causa da vaca louca. Pensei que, em nossa casa, só quem comia carne todos os dias era Jânia. Pensei que Jânia era carnívora. E dei um pulo da cama.

Lembrar-me de nossa empregada abalou a minha paz. Ela vai chegar em pouco tempo e vai acabar com tudo, pensei. Como eu fora capaz de oferecer dinheiro para Jânia espiar Marie? Mau-caratismo. Escrotidão. Eram horríveis as palavras que me vinham à mente.

Levantei-me cuidadosamente para não acordar Marie. Falaria com Jânia, esclareceria tudo.

"Jânia", eu disse, assim que ela abriu a porta de serviço, "quero lhe explicar algo."

Jânia nem me deixou falar, foi logo contando que um homem havia telefonado para casa mas não se lembrava do nome dele. Respondi-lhe que aquilo não me interessava mais e que não era necessário que ela contasse nada.

"Mas o senhor tinha razão", insistiu Jânia.

"Pare de ouvir atrás das portas", eu disse, num tom quase agressivo.

"Ele chamou o senhor de casca-grossa."

"Não quero saber", respondi, controlando minha agressividade.

"Chamou o senhor de tudo quanto é nome."

Pare, eu disse. Ou melhor, pensei. Pare. Não quero saber. Quem falara aquelas coisas?

"Ele toca no seu conjunto."

“Ótimo. Eu não quero saber.” Era o Rodrigo, cabeludo frustrado. Que não me dissesse mais nada. “Tudo o que você tem que fazer”, expliquei, “é falar para Marie, assim que ela acordar, que você resolveu limpar o nosso quarto e jogar fora os jornais velhos.”

Jânia me olhou, sorrindo.

“Diga assim mesmo: joguei fora os jornais velhos. Por engano.”

“Ela vai brigar comigo.”

Esclareci que ela não precisaria me devolver o dinheiro que lhe dera no dia anterior, embora estivesse sendo dispensada da sua função. Fui tão cerimonioso, que Jânia não entendeu nada. “O senhor está me despedindo?”

Repeti a explicação, de forma menos eufemística, deixando claro que ela continuava empregada e que tudo o que devia fazer era dizer a Marie que fora ideia dela jogar fora os jornais. Não minha.

“Mas foi do senhor. O senhor jogou tudo no lixo. Ela vai brigar comigo.”

“Jânia”, gritei. Ela se assustou. Moderei a voz. “Jânia, você só tem que dizer que não sabia de nada. Não sabia que ela queria conservar os jornais. Só isso.”

“Mas eu sabia”, disse Jânia. “Ela sempre fala para não jogar fora os jornais.”

Só nesse momento compreendi a situação. Jânia entendera tudo desde o início. Peguei a carteira, tirei dinheiro. “Então, estamos combinados. Você diz que não sabia, e pronto.”

Jânia concordou, solícita.

“E não se esqueça”, eu disse. “Não quero saber de nada.”

Pensei em perguntar o nome da pessoa que telefonara, mas para quê? Já foi dito que uma orquestra está dividida em três partes, os que te amam, os que te odeiam e os que não estão nem aí com o que você faz. Você só deve se importar com os últimos, afinal são os

que seguem tudo o que você diz. Talvez a minha orquestra fosse diferente, muito menos de um terço me amava, se é que não fingia. E certamente havia bem mais que um terço me odiando. Mais correto seria dividi-la em duas: metade me odiava, e metade não estava nem aí. Foda-se, pensei. Não iria estragar o meu sábado por causa de um músico de merda que me odeia, e cujo nome eu sabia. Era o cabeludo, o Rodrigo. Poderia ser também aquela bichinha, o Nico. Que se fodessem, todos.

Sentei-me na sala, para ler jornal, e Jânia não demorou a aparecer, trazendo-me uma xícara de café. Ela tentou me dizer algo, mas fingi não perceber sua intenção. Escondi-me atrás do jornal, buscando notícias de Israel. Agora os Estados Unidos estavam falando pela primeira vez na existência de um "Estado palestino lado a lado com Israel". Havia um texto aprovado pela ONU pedindo "o fim imediato de todos os atos de violência, incluindo todos os atos de terror, provocação, incitamento e destruição". Só rindo, pensei. Como se fosse possível.

Marie acordou às dez e meia. "Eu quero", ela disse, enquanto fazíamos sexo naquela manhã, "eu quero um filho seu." Não sei se ela diria isso se soubesse que eu pagara Jânia para espioná-la.

Depois que tomamos banho, inventei que estava com vontade de comer croissant no café. "Vou comprar", eu disse. Na saída, fiz sinal a Jânia para que fosse lá e contasse tudo. "Tem que ser agora. Diga que você jogou fora os jornais. Sem querer." Não queria estar em casa no momento crítico, com medo de que meu nervosismo me denunciasse.

Fui até a padaria e, na volta, entrei no apartamento pela porta de serviço. "Ainda não contei nada", disse Jânia. "Estava esperando o senhor chegar."

"Conte agora mesmo", ordenei.

Desci até a casa de Rachel, a empregada me abriu a porta. Entreguei-lhe o pacote de croissants que havia comprado. "Faça um chá e leve para dona Rachel."

"A despensa está vazia", reclamou a moça. "A dona Rachel nunca compra nada." Fiquei com raiva do comentário. Quem havia lhe perguntado? Dei-lhe dinheiro. "Vá ao supermercado e prepare algo para ela comer. Você pode trabalhar amanhã?", indaguei.

"Amanhã é domingo."

"Pago o dobro para você vir todos os domingos até ela tirar o gesso."

Quando voltei para casa, já da cozinha pude ouvir a discussão entre minha mulher e Jânia. Marie estava furiosa.

"Ela jogou fora todos os meus jornais", disse-me, quando entrei na sala.

Jânia olhou para mim, rindo seu riso costumeiro, que queria parecer fleumático mas que era na realidade pura ameaça. Foi difícil convencer Marie a não despedi-la.

"Como vou conseguir aqueles artigos sobre Israel? Aquelos ensaios?"

Prometi que Adriana ajudaria.

Marie passou o dia de cara fechada. Achou tudo ruim. O restaurante, "cheio de novo-rico"; o trânsito, "cheio de domingueiro"; o ovo que alugamos. "Woody Allen é um velho chato", comentou, azeda. Mas, mais tarde, depois de fumar seu baseado, ela já havia recuperado o humor e esquecido totalmente o episódio dos jornais.

Naquela noite, Marie estava de folga. Assistimos ao finlandês reger a orquestra e depois o levamos para jantar. Havia na mesa uma intrometida, que Marie apelidou de Senhora Cacete. Uma chata que só queria falar de música e que certamente não era uma

musicista, já que parecia não saber que entre músicos se discute música o mínimo possível. Jamais falamos sobre questões de base. É uma espécie de gafe falar sobre música. Somos como os filósofos, não filosofamos quando estamos juntos. Mas, enfim, Miss Cacete nos divertiu com todo o seu conhecimento musical, tão vasto, que caberia numa sacola de feira. Presumo que o finlandês tenha acabado a noite com ela, apesar das perguntas idiotas que a mulher lhe fizera. Se havia tradição musical na Finlândia. “Temos mais cantores de ópera do que lavradores”, respondeu o maestro, que era também gourmet. Era impressionante, de cada dez maestros que eu convidava para reger minha orquestra, nove eram gourmets. Eu mesmo pensara em ser gourmet.

O ponto alto do jantar foi quando Marie perguntou no meu ouvido se eu tinha pensado no que ela havia dito. “Sim”, respondi, sem saber exatamente aonde ela queria chegar. “Você topa?”, ela disse. Topei. Eu topava tudo. Só quando ela começou a falar em sobrenome, e a explicar por que seus pais faziam tanta questão de que eu abrisse mão do meu, entendi que o assunto era o nosso filho. Nosso filho teria o sobrenome dela. Marie era filha única, e os pais queriam que o nome da família sobrevivesse.

“Você concorda?”

Pelo jeito, todo mundo seria judeu naquela família. Menos eu.

Nenhuma árvore, só asfalto. Não eram nem dez da manhã, e o relógio do estádio do Pacaembu marcava vinte e sete graus. O verão paulistano é de fato uma coisa terrível. Mal o sol desponta, a cidade já recomeça a apodrecer bem diante de nossos olhos. Tudo é fermentável, efervescente e fétido no calor, nem sequer de noite, quando sopra uma brisa morna ou despenca um temporal, é possível deixar de sentir os odores malcheirosos da metrópole. Só mesmo uma grande cidade como São Paulo é capaz de feder e apodrecer dessa maneira tão escandalosa. As feiras livres e as toneladas de lixo que botamos nas ruas se encarregam de potencializar as emanações pestilentas. A prefeitura lava os locais depois que as feiras acabam, e a coleta de lixo nem demora tanto assim, afinal, nós, os ricos, somos exigentes, mas isso, digo, a limpeza, a coleta e os ricos, não adianta absolutamente nada quando o assunto é feder menos. O cheiro de peixe e escatol está entranhado no asfalto. Sem um pouco de cânfora nas narinas, eu não conseguia caminhar por ali, nem por nenhum outro lugar de São Paulo.

Estacionei o carro e saltei, levando as chuteiras no ombro. Pedro Ricardo, o técnico, estava no vestiário, com os músicos. Foi chato, nosso encontro. Por que os esportistas abusam tanto dos clichês? Irritou-me ver meus músicos em volta dele, ouvindo aquele chorrilho de bobagens com a mesma atenção com que me escutaram, dias antes, contar a teoria de Marcolini sobre a criação musical. “Escutem isto”, eu dissera, com um livro aberto diante de mim, “a vida é uma grande ópera. O tenor e o barítono lutam pelo soprano, quando não são o soprano e o contralto que lutam pelo tenor. E Deus é o poeta. Fez o libreto, que Satanás roubou e musicou no inferno. E a Terra é

o teatro. E nós somos a companhia inteira, com todas as partes, primárias e comprimárias, coros e bailarinos. E tudo isso é Machado de Assis”, eu mostrara o livro. “Leiam um pouco. Músico não pode ler só partitura. Tem que ler Machado de Assis. Goethe. Ler todo dia. Proust, William Carlos Williams, Bashevis Singer, ler tudo.” Ficaram me olhando com atenção, curiosos, até fizeram algumas perguntas sobre Machado. Aquela conversa rápida sobre literatura fora um momento de paz entre maestro e orquestra, um momento raro e espontâneo que simplesmente aconteceu, eles haviam tocado tão bem naquele dia, eu estava tão entusiasmado, gostei de ver como apreciaram as ideias musicais de Machado de Assis, fiquei orgulhoso dos meus músicos, e, por um minuto, como acontecia raramente, amei-os como a meus filhos e pensei, com uma certa vaidade, que afinal meus músicos não eram gente inculta e grossa, mas potenciais leitores de Machado de Assis. Isso durou dois minutos, digo, a harmonia entre nós, logo voltei a olhá-los como idiotas que eram, e agora os babacas estavam ali, achando sensacional Pedro Ricardo e aquele papo da escumalha de que o importante era competir. E nem tinha pose de técnico, o nosso técnico, fora jogador no passado e hoje carregava uma barriga proeminente como a minha. Talvez a minha fosse até um pouco maior, mas eu nunca fora atleta.

Era o nosso primeiro jogo, e tínhamos como adversários os músicos da Filarmônica. A última vez que os vira havia sido nas celebrações do centenário da morte de Verdi. Fora deprimente. Passara todo o concerto olhando para os sapatos dos músicos no palco, pensando que eles, os sapatos, eram afinal o retrato perfeito da situação da música erudita no Brasil. Rotos, velhos, sem brilho.

Ficara tão penalizado pelos músicos da Filarmônica, que, quando Pedro Ricardo, na semana anterior, me telefonou para marcar a data

do jogo, pensei seriamente se seria justo competir com aqueles adversários. Se não seria humilhante para eles e constrangedor para nós. Afinal, minha orquestra era uma orquestra de verdade. Não havia sapatos brilhantes como os do Muti entre os meus músicos, mas eram sapatos, os nossos sapatos. Sapatos de couro, com salto de madeira. As garotas usavam tamanquinhos e sandálias de dedo no verão e botinhas no inverno. Seguiam a moda, as musicistas. Não seria correto da minha parte ter a melhor orquestra e ainda por cima ganhar o jogo. Seria desconfortável derrotar aqueles fodidos e seus sapatos furados. Jogariam descalços? “Consegui o Pacaembu”, contara-me Pedro Ricardo, naquela ocasião. “Estão reformando o estádio, mas, para amadores, não há problema.” Acabei aceitando, e agora estávamos ali, no vestiário.

Eu viajaria no dia seguinte para a Europa. Acabara de brigar com Marie, “você não sabe dobrar camisas?”, perguntei, enquanto ela tentava arrumar minha mala. “Não”, ela respondeu. “Também não sei fazer feijão, faxina, nem lavar roupa, nem organizar a sua fortuna crítica. Talvez isso te incomode um bocado.” Eu não dava a mínima para feijão. Aliás, nem para roupas mal dobradas, era até divertido socá-las na mala. Mas, naquele dia, tudo era pretexto para brigar com Marie. Dava-me um prazer imenso tirá-la do sério. “Você não é moderna”, falei. “Isso de não saber fritar ovo é coisa do século XX. Mulher moderna é presidente de multinacional, faz supermercado, leva filho na escola, corre oito quilômetros por dia e prepara um inesquecível risoto de rúcula com pignoli.”

“Sou, sim, do século passado, da época em que os homens não escravizavam suas mulheres, da época em que eles queriam se casar com mulheres independentes, da época em que os homens não se incomodavam com nossa falta de habilidade para assuntos domésticos...”

“Você é de uma geração de veados”, interrompi. “Desde que começaram a queimar sutiã, vocês só estão levando cacetadas dos homens. Qual o namorado seu, além de mim, que abriu a porta do carro para você?”

Marie suspirou, irritada. “Não dou a mínima.”

“Fale”, insisti, “só um nome, me diga. Quero saber. Todos andavam de calça vermelha e usavam brinquinho, tamanquinhos e tinham sua porção mulher. Nunca, desde a Idade Média, as mulheres foram tão maltratadas como na década de 60. Vocês estão comendo o pão que o diabo amassou.”

“Que conversa é essa?”

“Arrumar malas”, respondi.

“Não sou sua secretária. Ligue para Adriana, se quiser uma dobradora de camisas profissional”, disse Marie, saindo do quarto.

Telefonei para Adriana. Não dei a menor importância para o mal-estar que se instalou em nossa casa com a chegada da minha secretária, de barriga de fora por causa do piercing. “Inflamou”, ela disse. “Você acha que está muito feio?” Estava lindo, mas eu não falei nada. Tem gente que até pagaria para lambear aquele falso diamante. “O problema dessa garota é que ela é mimada demais”, comentou Adriana, quando fomos para o quarto, organizar minha bagagem. “Olha só esse bololô. Tudo socado. Você é um artista, maestro. Precisa de alguém que cuide de você. Olhe só essas meias. Essas cuecas. Você não pode viajar assim. Deixa que eu cuido de tudo.”

Adriana continuou com essa ladainha, mas confesso que eu nem ouvia mais. Queria apenas atingir Marie.

Quando saí de casa, Marie conversava com a mãe ao telefone. Falava a língua delas, mas não totalmente, minha mulher não era fluente em hebraico. Certamente reclamavam de mim, as duas. O

problema é que Marie se esquecia das palavras que me ensinava na cama. Esquecia também que eu tinha boa memória. Schonoring. Chato. Pessoa que reclama. Aquilo me deixou com um gosto ruim na boca.

Na verdade, eu estava deprimido porque Marie não me acompanharia na turnê pela Europa. Eu regeria, como maestro convidado, em Florença, Madri e Amsterdã. Na época em que éramos amantes, falamos muito sobre "estar sempre juntos". Teresa raramente me acompanhava, eu passara a vida viajando sozinho, arrumando as malas eu mesmo, sempre sozinho, em hotéis, eu cansara dessa vida, queria ter minha mulher comigo, disponível, companheira. Marie prometera isso, jamais me deixaria, assistiria aos meus ensaios, eu devia ter desconfiado de tantas promessas. Agora a "situação é outra", dissera ela, quando me comunicou que não iria mais comigo. Fora contratada pela minha orquestra, teria oito concertos nesse período e não considerava "profissional largar tudo para viajar com você". Claro que, sendo eu o diretor artístico, não haveria dificuldades para encontrarmos um violinista substituto, mas ela, apoiada por Cláudio, insistiu em que "isso não era profissional". Eu mesmo não considerava aquilo "profissional", aliás, menos profissional ainda era Marie continuar na orquestra depois de termos decidido morar juntos. Porém, me contrariava o fato de ela repetir com aquela intensidade a palavra *profissional*.

"Peça demissão", sugeri, exasperado. Ela e Cláudio riram, como se eu estivesse brincando. Eu mesmo ri e fingi que não era sério. Mas fiquei desapontado com isso, perdi a vontade de reger na Europa. Não sei o que me incomodou mais, se foi a ideia de viajar sozinho, aquela chatice de avião e aeroporto, ou se foi perceber a independência de Marie.

“Tenho oito concertos”, ela dissera, como se oito concertos fossem muito mais importantes que nós dois e nossa vida.

Fiquei muito instável nos dias que antecederam a viagem, despedi Rodrigo da orquestra, por causa de um atraso de vinte minutos. Eu era bem rigoroso no que dizia respeito à disciplina, mas não creio que tivesse mandado esse rapaz embora se não suspeitasse de ser ele o músico que telefonara para minha casa atrás de Marie, conforme Jânia me contara. Foi uma satisfação quando Adriana veio me falar que aquilo o arrasara. Quer dizer, no início foi bom. Depois, me senti culpado, à noite não consegui dormir. Rodrigo tinha uma filha de onze meses e sua mulher estava desempregada. Chamei-o de volta no dia seguinte e o recontratei.

Agora, antes do jogo, ele evitava falar comigo. Não tenho muita certeza, mas creio tê-lo ouvido comentar com um flautista qualquer coisa como e-ainda-por-cima-quer-ser-goleiro.

Fomos para o campo em silêncio. O outro time parecia se divertir bastante, entraram no gramado correndo atrás do spalla, em algazarra, eu conhecia aquele spalla, um péssimo spalla, diga-se de passagem. Usavam uma garrafa de água mineral para molhar o rapaz. Riram muito. Nós, do time adversário, ficamos observando a cena, rindo também. Quer dizer, eu não ri de nada, não achava a menor graça naquilo, queria jogar. Estavam uniformizados, os músicos da Filarmônica, o que foi surpreendente. Um uniforme bem melhor que o nosso. Aliás, tirando as minhas luvas de goleiro, minhas chuteiras especiais e minha camiseta preta acetinada, que eu encomendara ao Cláudio, pelo telefone, quando ele voltava de Toronto, o uniforme dos adversários era bem superior ao nosso. Os caras tinham uma orquestra de merda, mas não se dizia isso ao observar aqueles calções azuis com listas verdes.

Aos dez minutos de jogo, levei meu primeiro gol. Estava desconcentrado. Por que Marie não quisera viajar comigo? São ridículos os homens que exigem que suas mulheres abram mão de tudo. Sempre odiei esse tipo de homem. Sempre me culpei por Teresa ter feito aquilo. Era-me ainda doloroso me lembrar de um dia, muitos anos antes, num rigoroso inverno em Boston, quando cheguei em casa e a encontrei, tranquila e resignada, lavando nossas roupas, ajoelhada ao lado da banheira. Eu havia ganhado uma bolsa para fazer Ph.D. em musicologia, e Teresa abandonara sua carreira de solista para me acompanhar. Vivíamos tão sem dinheiro, não tínhamos nem um tanque, tão minúsculo era nosso apartamento. As roupas molhadas eram colocadas sobre os aquecedores, e Teresa fazia tudo isso sozinha, grávida. Jamais reclamou. Pelo contrário, sua atitude era positiva, incentivadora. "Concentre-se na música", ela dizia. "Deixe o resto comigo." E eu deixava. Toda a borra. Naquele dia, eu estava de folga, passara a tarde no cinema com uma amiga. Senti-me muito miserável ao perceber o altruísmo de Teresa, mas não a ponto de cancelar meu encontro com a mesma amiga no dia seguinte. Ainda agora, quando me lembro, tenho vontade de telefonar para ela e pedir desculpas. Não queria que Marie abandonasse seus compromissos no Brasil. Mas não queria também que ela não me acompanhasse. Nem que repetisse com tanto entusiasmo palavras como "meu violino", "minha carreira", "meu futuro", "meus projetos".

Levei o segundo gol por causa desses meus pensamentos. Vi a jogada se armar na minha frente, um fodido da Filarmônica recebeu a bola no peito, ajeitou e chutou, teria sido fácil a defesa se eu estivesse atento. Mas não consegui agarrar a bola. Fiquei ali plantado, não tenho certeza, mas acho até que estava de braços cruzados no momento do gol.

No intervalo, quando entrei no vestiário, os músicos estavam furiosos comigo. Um clima horrível. Eu me sentia tão inquieto, agitado, não conseguiria ficar no gol no segundo tempo. Tomei uma ducha fria e fui falar com Pedro Ricardo. “Não acho que seja uma boa”, ele me disse, quando mencionei minhas intenções, “a ideia desse jogo é integrar a equipe.”

“Mais um motivo para eu sair do gol”, expliquei. Pedro Ricardo não gostou. Talvez os músicos também não tenham gostado. Eu mesmo não gostei, fiquei com muita raiva, joguei no segundo tempo como lateral esquerdo, dei uns bons chutes nos meus músicos. Acertei Rodrigo algumas vezes.

Depois, para me desculpar, no vestiário, fiquei falando que futebol era mesmo um jogo de impacto, de choque, de contato físico.

Pedro Ricardo estava bem insatisfeito, eu sabia. Os músicos mal olhavam para mim. Pensei em convidar todo mundo para almoçar, mas Marie execrou a ideia. “Vá você”, ela disse, “não estou com o menor saco.” Na verdade, eu também não estava. Voltei para casa com uma sensação de desintegração total. Lembrei-me daquele papo do Pedro Ricardo, de unir a equipe. Três a zero para a Filarmônica. Acabou muito mal nosso primeiro jogo.

“Vejo o melhor e aprovo, mas sigo o pior.” Não sei bem onde li essa frase de Ovídio, aliás, nem sei ao certo se isso é Ovídio, mas, de qualquer forma, não foi à toa que ela surgiu galopante em minha mente. Era exatamente o que ocorria comigo naquele momento. Aprovando o melhor e destruindo tudo. Fazendo cagadas, sem cessar. Seguindo o pior. Tendo muita clareza da situação, ótimas ideias, e emporcalhando tudo com a prática. Sabia que estava passando dos limites, que minhas atitudes eram, no mínimo, censuráveis, no entanto, simplesmente não conseguia parar.

“Você devia me bater”, eu disse a Marie, no sábado à noite, quando voltamos do jantar na casa de seus pais, onde eu fizera um estrago enorme. Ela nem me respondeu, trancou-se no quarto para fumar maconha, fiquei sozinho na sala, zanzando, arrependido.

Eu me comportara de maneira imprópria com Henri e Monique. Quando chegamos, estavam lá alguns amigos da família, todos ricos, a maioria judeus, e o assunto eram as “demonstrações”, termo empregado pelos árabes para denominar a atividade de atirar pedras em soldados israelenses. Havia agora, em algumas cidades palestinas, eles diziam, uma profissão chamada “coordenador de demonstrações”. Garotos que se reuniam depois da escola, em bandos de cinquenta, sessenta, e saíam apedrejando os israelenses. “Isso é uma tendência”, afirmara um dos judeus, que era banqueiro, “a verdade é que os movimentos radicais islâmicos estão cada vez mais tendo o apoio das populações palestinas.” Essa era a opinião de um especialista em terror da Universidade de Jerusalém, explicara o banqueiro. E a dele também evidentemente. O que me impressionou foi o que contou outro amigo, um empresário, em menos de um

ano, quase quarenta militantes de movimentos radicais se apresentaram espontaneamente para a função de homem-bomba. “Um número altíssimo”, ele disse. Fiquei pensando nesse tipo de sujeito que decide ser homem-bomba. Fiz um comentário qualquer, eles me olharam, curiosos. Falei que me interessava pelos homens-bomba. “Pelo fenômeno”, acrescentei. Depois, para acabar com o assunto de vez, perguntei se os índices de mortalidade de crianças árabes eram verdadeiros. O que eles achavam? Não sei por que me meti nessa conversa. Na realidade, eu sempre me irritava com o autismo judeu nos jantares da casa dos pais de Marie. Como gostavam de falar de judeus. Não havia outro assunto? Agastou-me aquilo. Não consegui evitar.

E depois veio a pior parte. Passei a dizer a Marie a minha opinião sobre os convidados. “Você percebe o caráter patológico da corte? Os ricos são como os psicóticos, estabelecem um núcleo e atribuem funções a cada integrante. Toda corte tem um maestro. E também um palhaço. Uma cortesã. Um banqueiro. Um presidente de holding. Você é a jovem talentosa”, eu dissera.

Marie tentava escapar de minhas garras, enfiar-se em algum buraco de conversa, mas eu fazia questão de caçá-la dos judeus para lhe dizer que essa doença americana finalmente chegara ao Brasil. “Ricos interessantes. Ricos que leem, escutam música e não falam besteiras. Não se fazem mais ricos como antigamente, essa é a verdade. Antigamente os ricos saíam por aí caçando leões, acabando com as florestas e poluindo os mares. Hoje, eles fazem coisas piores, mas estão cheios de culpa, filiam-se a ONGs e adoram usar palavras como *excluídos*, *multiculturalismo*, *minorias* e o escambau.”

Também falei para Marie que todos “esses amigos do seu pai” tinham em comum, além de serem ricos e judeus, o fato de

possuírem jatos particulares, com aeromoça e tudo. E que, por mais que eles se esforçassem para parecer despojados, havia sempre um montão de dólares pendurados em cada frase que diziam.

Marie ficou em silêncio durante todo o nosso trajeto para casa; na verdade, ela já estava muda desde o momento em que, na mesa, não consegui deixar de perguntar se todos ali possuíam avião particular. Um deles, o holding, teve a cara de pau de responder que “a nossa empresa tem”. Isso foi antes do assunto crianças árabes. Os ricos são sofismáticos e hipócritas. Falei também isso para Marie. “Gostam de posar que são de esquerda, de dizer que estão preocupados com a má distribuição de renda, mas não fazem porra nenhuma. Só ganham mais dinheiro.”

No carro, eu não parava de falar. “A verdade é que odeio os ricos. Colecionadores de qualquer coisa. Bons vinhos, viagens exóticas. Esse tipo de coisa. Essa gente. Aquelas mulheres. Aqueles assuntos. Odeio tudo isso”, disse a Marie. “E não pense que sou como eles, que adoro os pobres. Tenho um desprezo solene pelos pobres. A patuleia. A escumalha. Sujos, ignorantes, interesseiros, safados. Escrotos, como os vermes. Sempre engravidando. E engordando. E roubando e matando. E sendo atropelados. Acho que odeio mais os pobres até. Minto. Odeio mais os ricos. A ralé, pelo menos, me comove.”

Antes, eu dera um vexame enorme, ficara vagando pelos salões, evitando de maneira bastante acintosa os convidados. O copeiro, tive a impressão de que a função dele era me pajear. “Deseja alguma coisa, senhor?”, perguntou-me, mais duas vezes. “A sua casa”, eu disse a Monique, quando ela veio me chamar, “a sua casa é muito barulhenta. Há muitos cachorros latindo, e isso me deixa agitado. O barulho é uma espécie de veneno.” Ela ficou sem graça com os meus comentários, parou até de dizer para as amigas aquela

bobajada de "meu genro" e "maestro talentoso". "Não consigo comer com esse barulho", eu disse, muito embora não ouvisse latido nenhum. Só o que se ouviam, naquela casa, além da música funcional, eram as risadas de Marie. A maconha sempre a fazia rir muito. "Quando você chega a Israel", ela disse, "logo perguntam se você sabe qual é a segunda língua do país. Todo mundo imagina que seja o russo. A presença dos russos é cada vez maior. 'Não', eles dizem, 'é o hebraico.' Essa é a piada preferida deles." "Conte agora aquela, do Sandorsky", falei, da sala. Ficaram quietos, esperando. Marie se mostrou constrangida. Não riram mais.

No carro, a maconha já tinha deixado de fazer efeito.

"Por que 'aquelas pessoas' não viajam de avião de carreira?", perguntei a Marie.

"Porque somos ricos", ela respondeu, irritada. "E porque não somos como você, não lemos Cioran."

"Nunca li Cioran."

"Não? Achei que você gostava daquela história não-me-mato-porque-o-suicídio-está-ao-meu-alcance, me-matar-é-a-coisa-mais-fácil-do-mundo. Depois de ler Cioran, você vai começar a dizer por aí que ele é o único que presta."

Foi só o que ela disse. E pronto. Entendi tudo. Calei-me o resto do percurso, abri a boca apenas para dizer que Marie tinha absoluta razão, para pedir desculpas, para dizer que, no fundo, eu devia ser um ressentido, com algum complexo de inferioridade, falar tanta bobagem, daquela forma, "tudo isso é uma grande estupidez", concluí.

Quando me lembro desse período da minha vida, me lembro também do sentimento de ódio que me envolvia, qualquer coisa me enchia de raiva e impotência. Nem Marie escapava dessa fúria. Se não estávamos enlaçados um ao outro, se ela não estava me

adorando, meus sentimentos em relação a ela eram bastante ambíguos. Havia, da minha parte, uma desaprovação constante, como se Marie estivesse na iminência de ser cooptada por inimigos. Se o assunto fosse a realidade judia, como naquele jantar, ou se, numa situação mais prosaica, num domingo à tarde, Marie, organizando suas gavetas, encontrasse de repente fotos antigas, fotos dela com as amigas, num jogo de tênis ou num acampamento, sorridentes, felizes, vigorosas, eu era envolvido por uma sensação de mal-estar, um sentimento confuso, inexplicável, uma mistura de sofrimento e raiva. O que há aqui, além desses olhares alegres e suadaes de shopping center, que me deixa tão melancólico? Demorou algum tempo para eu entender o que se passava comigo. Eu. Eu não estava ali. Era isso que via, a minha ausência. Eu não suportava não estar ali. Não pertencer. Não fazer parte. Estar atrás. Estar depois. Não estar. Aquilo me atingia, como um golpe. Não adiantava tentar explicar nada a Marie, naquela altura, depois de ter feito todo aquele estrago no jantar.

Já era quase meia-noite quando decidi organizar as partituras que levaria na viagem. Telefonei para Adriana. "Estão aqui comigo, ia entregá-las para você, no aeroporto, amanhã." Pedi que as deixasse com o porteiro, não queria que fosse me encontrar no aeroporto. Quando cheguei ao seu edifício, não havia nada para mim na portaria. Fui obrigado a subir. "Entra um pouco", ela disse. Não era uma boa ideia, eu sabia. Não havia praticamente móveis na sala, só uma mesa grande, entulhada de papéis, e, por isso, fomos direto para o seu quarto. Antes, passamos pela cozinha e pegamos Cocas light com gelo e limão.

"Veja isso", ela falou, dando rewind no vídeo para mostrar a cena de um filme. Cristo dançando ao som da *Nona* de Beethoven. "Não é sensacional? Adoro esse diretor, já vi tudo dele." Acabei de assistir

ao filme com ela, deitado na cama. Ficamos lado a lado, Adriana de short, às vezes, eu olhava de relance suas pernas, avaliando as marcas que meus dentes afiados fariam naquela carne. Não movi um músculo. Foi ela quem tomou a iniciativa, enfiando sua língua na minha boca. Seus lábios, por causa do refrigerante, estavam gelados. A campainha tocou. Adriana saltou da cama, ouvi-a perguntar, num tom surpreso: "Não era amanhã?" Não, não era. Era hoje, explicou uma voz masculina. O namorado ficou realmente irritado quando me viu saindo do quarto. "Estão todas aqui, maestro", disse Adriana, entregando-me um pacote. De repente, eu era o maestro. "Senhor maestro", ela continuou. "Se o senhor maestro quiser." "Todas as partituras, Ravel, Barber, Saint-Saens, conferi tudo." Quase duas da manhã. Peguei as partituras e me mandei.

O caminho de volta foi horrível, uma sensação de culpa tomava conta de mim. Não há nada a ser feito, comecei a repetir e, de repente, no meio dessa confusão, consegui articular mentalmente um discurso convincente para persuadir Marie a me desculpar. Por um minuto, tudo me pareceu simples, senti uma paz enorme, tudo acabaria bem, depois que pedisse desculpas a Marie. Pensei, inclusive, que talvez valesse a pena ligar para a casa dos pais dela e também pedir desculpas. Aquilo sobre o avião, poderia dizer, pensando melhor, é muito bom ter um avião. Melhor não entrar em detalhes. Simplesmente me desculpar.

O problema é que, ao chegar em casa, já não me lembrava do discurso. Sentia-me completamente exausto. A ideia do voo no dia seguinte, da turnê, do cheiro do avião, do cheiro dos hotéis, dos jantares depois do concerto e, sobretudo, da iminente separação de Marie, tudo aquilo estava acabando comigo.

Turim, Genebra, Trieste e Nápoles, esse era o meu roteiro de viagem. A vantagem de uma turnê europeia sobre uma americana é que, na primeira, você chega aos aeroportos e não tem ninguém da orquestra esperando para te levar até o hotel. Já é alguma coisa não ser obrigado a conversar com um voluntário depois de doze horas de voo. São as donas de casa da orquestra, os voluntários. Responsáveis pela borra.

Saber que, nas velhas nações, você está livre deles, pelo menos na hora de ir para o hotel, e que é possível fazer o trajeto aeroporto-hotel da forma mais civilizada que se pode conceber, ou seja, pegando um táxi, sozinho, com sua mala e seus pensamentos ruins e seu medo de reger mal, já era um alívio. Eu me sentia muito inseguro em relação a novas orquestras. Se o hotel não fosse bom, se os músicos não me recebessem com entusiasmo, começava logo a duvidar da minha competência. Nunca consegui superar isso. Sempre tinha medo de abrir o jornal e ler uma matéria do tipo descoberto-o-charlatão-da-regência.

No primeiro ensaio, recordei como era reger na Itália. Os tímpanos, uma merda. Os violinos, sempre ruins. O resto tocava bem, ia e vinha, sem nunca se importar com o que se tocava ao lado. Mas sempre muito simpáticos. Um bando adorável de merda. O famoso estilo está-ruim-mas-está-bom.

A chegada ao hotel fora impressionante. Não havia trânsito nenhum, mas isso não adiantou nada, porque os semáforos em Turim não deixam você andar. Um atrás do outro. O motorista do táxi me explicou que o irmão do prefeito anterior possuía uma empresa de semáforos. "Assim é Turim", ele disse.

Eu não queria viajar, passara a noite pensando numa maneira de cancelar a viagem, chegara até mesmo a ligar para meu agente na Inglaterra perguntando o que seria possível fazer naquele caso. Os agentes simplesmente não suportam quando você telefona para falar de problemas pessoais. “Bem”, disse-me Freddy, sarcástico, “se você não tem nenhuma doença tropical, o melhor a fazer é ir lá e reger.”

Pouco antes de eu partir, estava tão irritado que dei uns chutes na parede para ver se me acalmava. Adriana esquecera no teatro uma série de partituras da minha turnê, e o laptop despencou da minha mão no momento em que fui guardá-lo na maleta de viagem. E Marie mantinha-se encapsulada, no quarto, depois de ter me obrigado a passar a noite na sala.

“Sessenta e cinco por cento dos judeus americanos universitários se casam com não judeus. Sessenta e cinco por cento perdidos para sempre do povo judeu. É por essa razão que os jovens estão aprendendo hebraico em Agor. Para fugir à indiferença judia, à extinção dos judeus que está por vir nos Estados Unidos.” Durante a madrugada que passara insone, eu relera esse e outros trechos assinalados com caneta vermelha no livro que Marie deixara sobre o meu piano.

Poucas coisas me arrasavam mais do que perceber, em situações análogas, que me escapavam partes importantes de Marie. A minha Marie musical, disponível, amável sublinhava nos livros de seus autores preferidos frases sobre o fato de os casamentos mistos estarem provocando um segundo Holocausto, frases cujos conteúdos eram provavelmente a tradução de suas próprias opiniões.

Era essa Marie, oculta, refratária, que me deixava instável. Por que grifara aquela frase? Seria aquela também a opinião dela?

Nunca falávamos sobre “casamentos mistos”, ou “indiferença judia”. Nem sobre o fato de eu não ser judeu. “Eu nunca tinha entendido o que era ser judia, até chegar a Israel”, dissera certa vez. “Não cresci num bairro judeu. Não recebi os ensinamentos religiosos. Cresci em São Paulo, estudei em colégios onde ser judeu significava sobretudo ser rico. A viagem teve para mim o mesmo significado que a sinagoga teve para os meus avós. Lembro ainda o dia em que fui visitar o Muro das Lamentações. Era uma sexta-feira, e eu estava com uma amiga que estuda sociologia na Universidade de Jerusalém e que, como eu, é brasileira e judia. Lembro que Sofia me disse que tinha inveja das emoções que eu iria viver em Israel. ‘É inevitável’, ela dizia, ‘de repente, você descobre o que é pertencer a alguma coisa. Mesmo que nunca tenha dado a mínima para isso, mesmo que não queira entender, mesmo que pense que isso não representa nada para você. A coisa simplesmente cai na sua cabeça. Aqui você vai entender tudo o que nem pensava em querer compreender.’ Ao escutar isso, senti uma espécie de inferioridade por não ser capaz de me emocionar com Israel da maneira como minha amiga se emocionava, por não ser capaz de me reconhecer como ela se reconheceria naquele lugar. Tudo o que eu sentira até aquele momento fora medo. Visitara o mercado central com um primo do meu pai, que era do serviço secreto e me escoltara com armas. Foi horrível. Mas, enfim, eu realmente acreditava que a minha vida em Israel seria uma vida de estrangeira, e foi então que comecei a ouvir uma música muito melodiosa, cada vez mais próxima, e, pouco depois, me deparei com um grupo de hassidim, recebendo o shabbat, cantando, com suas roupas pretas. Foi o suficiente. Fiquei de tal forma emocionada, que comecei a chorar. Foi como se a melodia me dissesse: você é daqui.” Quando Marie me contou de sua vida em Israel, percebi que jamais poderia dividir isso com ela,

que minha vida fora uma história da normalidade, pais normais, família classe média brasileira normal, sem história de conquistas nem fracassos, sem nada de que se orgulhar, gente normal, com domingos normais, cheios de tédio numa cidade sem graça, cercada de gente desinteressante, gente que nunca mais vi, sem nenhuma singularidade, sem nenhuma emoção. Praticamente um nada. Não significava absolutamente nada para mim pertencer a uma família católica. Os rituais, as rezas, nada. Meus pais não davam a mínima. Muito menos eu. O que restou da minha vida religiosa foi a lembrança da primeira comunhão, da confissão, de o padre ter me dito que eu estava livre dos pecados e de eu ter pensado que tudo aquilo era simples demais. Era só pedir desculpas. Pecar e pedir desculpas. E o pagamento era sempre a absolvição, porque, em última análise, Deus era um tonto.

Enfim, tudo isso para dizer o quanto me sentia excluído da vida de Marie. Até o fato de jamais falarmos sobre a minha não pertinência ao mundo judeu significava algo. O que não se diz é o real. É o que incomoda. O que corrói. Cansei de ter só a sua casca, pensei em falar, naquele dia, antes de ir para o aeroporto. Marie continuava trancada no quarto, em silêncio, magoada por eu ter sido grosseiro com seus pais, com sua família. Cansei de estar fora, de ficar aqui fora, pensei em dizer. Saia já daí, quis gritar. Mas mantive minha política de reconciliação. "Se você ficou chateada, ontem na casa dos seus pais, com a história de crianças árabes, saiba que sou cem por cento contra a Intifada", gritei da sala, enquanto vasculhava as estantes, à procura das partituras. Como Adriana fora esquecê-las? Inacreditável a incompetência das pessoas. "Acho uma idiotice a Intifada", prossegui. "Penso, inclusive, que esses árabes não dão a mínima para o projeto de criação de um Estado palestino. O negócio deles é matar judeus." Esquecer logo a *Terceira bachiana*, Adriana

era uma cretina. “Marie, pode ver se a *Terceira bachiana* está aí dentro?”, falei, colando-me na porta do nosso quarto. “Talvez esteja na minha estante.” Insisti para que a procurasse. Nada.

Demorei muito para perder a paciência, mas, de repente, meu sangue ferveu, ameacei jogar o violino de Marie pela janela, gritei, chutei portas, fiz tanto barulho, que o porteiro do prédio tocou a campainha de casa e perguntou se estava ocorrendo algum problema conosco.

“O porteiro acha que eu quero te matar, Marie”, eu disse, depois de pedir desculpas pelo incidente e dispensar o funcionário.

Marie não demorou a abrir a porta. Estava descalça, de pijama.

“Venha aqui”, ela disse.

Caminhei até Marie. Você vai me desculpar?, pensei em perguntar-lhe, mas ela me abraçou, ficamos algum tempo em silêncio e, em seguida, nos enfiámos na cama, apressados, arquejantes, saudosos, e tivemos o que Marie chamou de “nossa despedida ultrafrenética”. Em geral, depois dessa paz orgástica, eu caía numa espécie de estupor, sentia-me sem energia, porém desintoxicado de mim mesmo e bastante tranquilo.

Marie não comentou o vexame que eu dera na noite anterior, e isso me apaziguou. Em médio prazo, nem as críticas nem o perdão resolveriam coisa alguma. Eu me sentia incapaz de não magoá-la novamente. Sabia que, em pouco tempo, eu estaria outra vez envenenado, cheio de fúria, uma roda o meu comportamento, caminhando e retrocedendo, erguendo e demolindo, construindo e conquistando para depois acabar com tudo.

Mas subitamente, a caminho do aeroporto, eu compreendi afinal que Marie estava à parte desse ciclo perverso. Não importa o que acontecesse. Não importa o quanto tudo desse errado. O quanto ela se decepcionasse. O quanto eu me ferisse. O quanto de carne

ficasse no nosso arame farpado. Tínhamos um pacto. Um pacto antiexplosões, antibílis negra, antifúria, antisseparação. Nada nos afetaria. Ela me pertencia, e vice-versa. Para sempre.

Teresa, ao volante, com seu azedume tradicional, não conseguiu alterar meu humor. Nossa filha decidira viajar comigo para a Europa. Estava lá, no carro, com sua falta de jeito de adolescente, querendo nos mostrar a máquina fotográfica que comprara para a ocasião. Mas Teresa, com seu porrete de palavras desagradáveis, não estava disposta a deixá-la falar. Não tenho certeza, mas presumo que toda aquela conversa sobre os maestros convidados da minha orquestra era para insinuar que minha carreira internacional se devia unicamente ao que ela chamava de "sistema de troca". Nós, os maestros, trocávamos favores e, por isso, vivíamos viajando. Teresa tinha uma maneira que considerava "indireta" de dizer coisas. Perguntou se eu estudaria a partitura no avião. Era como se dissesse: veja como é fácil ser maestro. Uma enganação. Vocês nem se preparam mais. Vão lá e regem, só isso. De qualquer jeito. Sem a menor consideração pela música ou pelo público. Não permiti que Teresa continuasse seu blá-blá-blá, cujo significado era a falta de significado de minha profissão. Já lera aquele livro. Pedi que Eduarda me ensinasse a usar sua máquina.

Chegamos atrasados ao aeroporto, quase perdemos o avião. Eduarda ainda quis comprar algumas revistas. Fiquei na porta, reclamando com Teresa e apressando minha filha.

Foi uma longa viagem.

Quando eu vivia na Alemanha, estudando regência, ficava impressionado com a quantidade de crianças maravilhosas na cidade e com o número infinitamente superior de adultos pavorosos. Depois de um tempo, quase não conseguia deixar de observar com atenção aquelas crianças de beleza extraordinária, para, em seguida, ter o perverso prazer de constatar, estudando suas mães obesas e vermelhas como tomates, que elas seriam “aquilo lá”, aquele horror, ou até mesmo algo bem pior. Jamais gostei de crianças, essa é a verdade. Sempre me espantei com a rapidez com que aprendem a mentir, a enganar, a ser hipócritas e egoístas, e a velocidade com que se transformam nuns cretinos adultos, como todos nós. Além disso, as crianças nascem e acabam os casamentos. Realizam a mulher, nunca o homem. Comigo e Teresa não foi diferente. Eduarda nasceu e se apossou da mãe de forma voraz. Claro que eu amava minha filha, mas de uma maneira confusa. A paternidade sempre me inspirou sentimentos contraditórios. A ideia de ser pai era agradável, mas a presença física do bebê na nossa casa era quase insuportável para mim. Sua fragilidade era assustadora. Eu tinha medo de Eduarda. Medo de matá-la, sobretudo. De esmagá-la, de deixá-la cair e pisar na sua cabeça. Durante seus primeiros anos, eu não era capaz de segurá-la no colo, nem sequer de me aproximar muito dela. No entanto, desenvolvi uma obsessiva preocupação com sua saúde. Não permitia que ninguém, a não ser Teresa, a pegasse no colo, temia que os micróbios dos meus amigos se alojassem em minha filha. Móveis, objetos, maçanetas, tudo tinha que ser desinfetado depois que as visitas iam embora, indignadas de terem que usar máscaras cirúrgicas na minha casa.

Depois, quando Eduarda cresceu um pouco, minhas obsessões estagnaram. Amansei. Aproximei-me de minha filha, tornei-me mais afetuoso, mas sem excessos. Era bom ver aquela garota saudável me chamando de papai e me deixando em paz, na sequência. Fui o que se pode denominar de “pai profissional”, um ausente presente. Não estava ali, mas era como se estivesse.

Portanto, quando Eduarda me telefonou dizendo que queria me acompanhar na turnê à Europa, fiquei desesperado. “Por que viajar comigo?”, perguntei, aflito. “É o meu aniversário”, ela respondeu. “Faça uma festa”, sugeri. Mas minha filha queria conhecer a Europa. Tentei convencê-la de que a Europa era quase só velharia e mofo. “Viajar é sempre uma aporrinhão”, disse, “os aeroportos são infernais, cheios de terroristas e cães farejadores, não acho bom você ir comigo.” Foi Teresa, com sua teoria de que meu “egoísmo patológico” ia me “foder completamente”, quem me fez concordar em levar Eduarda. “Ela está te dando uma última oportunidade. É pegar ou largar.”

O que fazer com minha filha? Onde enfiá-la? Como me livrar da presença dela durante os ensaios? Como ter paciência para ouvir suas histórias destrambelhadas? Eu a imaginava grudada num Michelin, repetindo frases como “Salzburgo é a Roma alemã” ou “Amsterdã é a Veneza da Holanda”, me obrigando a visitar lugares turísticos cheios de japoneses. Há algumas regras, pensei em dizer. É proibido se perder, proibido me acordar, me interromper, me solicitar, proibido falar muito, proibido querer coisas difíceis, proibido me convidar para comer *fast-food*, proibido ser turista comprista, fiz uma lista imensa, mas não foi preciso dizer nada disso. A verdade é que eu não conhecia Eduarda. Não sabia nada sobre ela.

Eduarda suportava qualquer coisa, se interessava por qualquer coisa, descartava qualquer coisa, experimentava qualquer coisa,

queria tudo, ria de tudo e topava tudo. Na verdade, ela era sensacional. “Prefiro ficar com meu pai”, dizia, de uma maneira deliciosamente obstinada e infantil, quando alguém lhe propunha um programa alternativo, durante os ensaios. E ficar comigo significava literalmente ficar comigo. Assistir aos meus ensaios e concertos, jantar nos meus restaurantes preferidos, com todo tipo de chato que me acompanha nessas ocasiões, chato que não fala, chato que fala demais, chato ignorante, chato culto, chato que coleciona todo tipo de bobagem, enfim, músicos em geral. Nunca pensei que fosse gostar tanto de estar com minha filha, de ouvir suas opiniões radicais sobre qualquer assunto e suas gargalhadas cheias de entusiasmo.

Naquela altura, eu já não tinha paciência com certas orquestras europeias, com os “músicos-bovinos”, como passei a chamá-los. Pastavam no palco, sem nenhuma emoção. No primeiro ensaio, impressionavam pelo virtuosismo. No último, pela capacidade de ficar empacados no mesmo local, sem melhorar, sem piorar, sem sentir nada. Vacas atoladas. Sabem tocar, mas detestam o que fazem. E isso não é exclusividade dos músicos europeus. Nos Estados Unidos, a situação é até pior. Os americanos, mesmo os da Big Five, odeiam ser músicos de orquestra. É a profissão mais execrada no país, não perde nem para carcereiro. E é muito desagradável reger esses burocratas, principalmente quando o talento deles é carcomido pela vulgocracia. Podem tudo, os músicos em Genebra. Podem faltar, podem chegar atrasados, podem até errar a *Oitava* de Beethoven, exatamente porque jamais são demitidos. Alguns têm quinze anos de casa. Quinze anos fazendo aquilo, com aquela emoção suíça. Era comum, no final desses ensaios, eu telefonar para o meu agente na Inglaterra e perguntar por que afinal eu tinha que reger aquelas orquestras. “Porque você é

maestro”, respondia Freddy, “e porque não está na categoria de velho mestre, que pode escolher quem mandar à merda.” Eu não pensava como Freddy. A verdade é que eu sabia por que estava ali, estava ali porque era brasileiro. Se você quer ser músico no Brasil, tem que sair do país. O Brasil não respeita quem faz a opção de ficar. Para ser um maestro respeitado aqui, você precisa praticamente virar as costas para o Brasil. Faz parte do negócio, isso aprendi bem cedo.

Mas o fato é que Eduarda acabou sendo responsável por uma das minhas melhores apresentações na Europa. Era seu aniversário, e eu queria lhe dedicar o concerto de Genebra, no Victoria Hall. As vacas atoladas pretendiam me dar só aquilo mesmo, aquela técnica e insipidez musical suíça. Travamos uma batalha, eu e os músicos. “Vocês não gostam de mim”, eu disse, “também não gosto de vocês. Prometo que não volto mais aqui. Mas vocês vão ter que tocar do meu jeito.” Nos ensaios, eu parecia um animal atormentado, fui um pesadelo para os músicos, eles me odiaram, eu sei, mas somente até o dia do concerto. No final da nossa primeira apresentação, enquanto ressoavam os aplausos do público, eles sapateavam discretamente, ainda sentados em suas cadeiras, demonstrando contentamento e admiração.

Sei que Eduarda gostou do concerto. Jamais vou me esquecer do nosso abraço, emocionado e silencioso, e da nossa caminhada até o restaurante, onde jantamos para comemorar seus catorze anos. “Sabe, pai”, ela disse, “a gente podia viajar outras vezes.”

Tive uma semana livre e levei Eduarda para conhecer Roma, onde eu vivera alguns anos de minha juventude. Fiquei tão ansioso para mostrar a cidade à minha filha que, no dia seguinte ao de nossa chegada, tínhamos bolhas nos pés. “Pai, você está bom para escrever aqueles guias do tipo conheça-cada-esquina-de-Roma.”

Andamos a rua Giulia inteirinha, desde a ponte, idealizada por Michelangelo, que ligava o palácio Farnese à villa Farnesina, até a igreja florentina, olhando tudo, sem nenhuma pressa, a casa de Sangallo, a de Michelangelo, os afrescos de Caravaggio no castelo Rizzi, o Museu do Crime, as galerias, enfim, foi muito gostoso. Teresa jamais fora boa companheira de viagem, gostava de comprar, de ver vitrine. E Marie não era curiosa como Eduarda. Pela manhã, decidíamos o que fazer e passávamos o dia na rua, “varrendo cada buraco de Roma”, como dissera Eduarda. “Podemos fazer um Michelin, pai. Falando sério. Conheça Roma em doze anos. Por que, nesse nosso ritmo, parando para ver todos os detalhes insignificantes, só mesmo vivendo aqui.” No quinto dia de viagem, ela já não estava tão animada. “Ficamos na rua o dia inteiro, pai, nem curtimos o hotel. Vamos dormir até mais tarde. Pedir café da manhã no quarto. Eles têm filmes para alugar. Não aguento mais ver igreja, piazza, ruína, nem estátua do Bernini. Já não sei quem foi Sangallo, qual é a igreja Santa Maria in Cosmedin, qual é a Santa Maria in Campitelli, quem fez o quê, esqueci o que é românico, o que é gótico, os estilos, minha cabeça virou uma maçaroca.”

Nossos dias em Roma foram a melhor parte da viagem. Eu me sentia tranquilo, dormia bem, estava concentrado no meu trabalho. Quase nem pensava em Marie. Quase não havia amor por ela. Para falar a verdade, era como se Marie nem existisse, e eu não sentia a menor necessidade de falar com ela. Às vezes, ela me telefonava de madrugada, me tirava da cama, provavelmente maconhada, para dizer coisas completamente açucaradas. “Fala que me ama”, ela dizia, “fala que quer ir para a cama comigo, diga que sem mim você está fodido.” Naquele momento, não tinha o menor sentido repetir aquelas bobagens. Eu não estava fodido, estava concentrado e regendo muito bem. Regendo com tanto entusiasmo que

contaminara até os músicos suíços. “Nosso timbre mudou, maestro, depois da sua chegada”, eles diziam. “Maestro brasileiro revela a beleza da composição latino-americana”, era isso que estava escrito nos jornais. Não se consegue falar de música brasileira sem enfatizar a nossa latinidade exótica. Carregamos o Brasil nas costas, nós, os brasileiros. Mas, enfim, eu não estava nem um pouco fodido. Fiquei sem paciência com Marie. Especialmente no dia em que ela me disse: “Vou te contar uma coisa, vamos viajar para o Chile com meu pai no próximo feriado. Ele nos convidou, está nos dando de presente. Vai ser ótimo, você precisa descansar, levamos algumas de suas partituras, livros, e podemos fazer caminhadas todos os dias. Já vi com Adriana, você não terá concertos nessa semana. A minha prima Fanny também vai. E o namorado dela, que é um artista de Nova York, segundo minha mãe um rapaz muito interessante. E você? Quais as novidades?” “Vá sozinha para o Chile”, respondi. Marie bateu o telefone na minha cara. Mas, no dia seguinte, já havia vários recados na secretária eletrônica do quarto, umas mensagens bem idiotas: “Bom-dia, mal-agradecido, só para dizer que pensei em você”, “Só para dizer que te amo”, “Só para dizer que não vai se livrar de mim.” E o conteúdo não parava de piorar. “Estou magoada. Por que você não me telefona mais?” Pronto, pensei, a ladainha começou. Eis que surge a mulherzinha. Magoada. Aquilo me irritou à beça. Nem sei explicar por quê. Talvez por imaginar que nem bem tínhamos começado nossa história, já havia aquela borra se formando à nossa volta.

Era esse o meu espírito. E então, de repente, as coisas ficaram ruins. Foi em Trieste, logo após o meu concerto. Estávamos no hotel, Eduarda dormia no quarto ao lado, eu não tinha sono. Nunca consigo dormir depois de um concerto. A música ainda fica na minha cabeça por um bom tempo. Já passava das três da manhã, eu lia um

artigo sobre a explosão de um homem-bomba palestino. Depois de Marie, a questão sobre o conflito do Oriente Médio passou a ser minha prioridade nas leituras. Voltando ao homem-bomba: quatro dias antes do acidente, dizia o artigo, três homens-bomba tinham matado vinte e cinco judeus. E, três dias antes disso, outro homem-bomba explodiu três judeus num ponto de ônibus, quase ao mesmo tempo que, em outra parte da cidade, soldados judeus mataram dois palestinos. E, dois dias antes disso, dois palestinos mataram dois judeus numa estação de trem e logo depois foram mortos por judeus. Foi por causa desse artigo que resolvi telefonar para Marie. Ela vivia dizendo que queria entender esse ódio. Ali estava a explicação. Efeito ricochete. Todo mundo mata todo mundo. O motivo não importava mais. Foi por isso que liguei para Marie. Para falar da guerra. Ninguém atendeu na nossa casa. E já eram onze horas no Brasil. E mais tarde, às onze e dez, o telefone continuou tocando, sem parar. Onze e meia, meia-noite, duas, três, cinco da manhã. Nada. O celular, quando tentei pela primeira vez, ninguém atendeu. Nas vezes seguintes, as ligações caíram direto na caixa postal.

Não demorei nem meia hora para entrar naquele antigo estado de inquietação, meu velho eu, vulnerável e desamparado, voltou a funcionar com uma velocidade impressionante. O que está acontecendo?, perguntava. Foi como se, de repente, todo o meu miolo estivesse carcomido. Nada me sustentava, não era capaz de ficar sentado, nem de pé. Imagens horríveis surgiam na minha mente. Marie sussurrando, gemendo, palavras nossas, ditas na cama, mas não era para mim que ela falava, eu não estava ali, havia outra pessoa no meu lugar. Tudo aquilo que fazíamos juntos, ela fazia também com outros, com alguém do seu mundo, um judeu, um músico da orquestra, um estranho, um inimigo. Alguém da sua

idade. Pensei em Adriana. Minha secretária também tinha um relacionamento sério. Nem por isso deixara de me mostrar seu piercing, nem de enfiar sua língua na minha boca na primeira oportunidade. Lembrei-me da nossa última conversa, quando telefonei para o Brasil querendo saber como caminhavam as coisas na orquestra.

“Adorei quando você me beijou na boca”, ela disse.

“Não beijei você na boca”, respondi.

“Não? Aquilo na minha cama foi o quê, então?”

“Você é que enfiou sua língua na minha boca.”

“É mesmo? Que coisa mais invasiva, mais anti-higiênica, enfiar a língua assim na boca dos outros. Nunca pensei que eu fosse capaz de fazer isso. Você devia me despedir, maestro.”

As mulheres fazem isso. Traem. E os homens também. Fodemos as pessoas que amamos. Essa é a regra, vale para todos, para mim, para Adriana, por que não valeria para Marie? Passei a noite discando para casa. A TV não parava de exibir imagens de guerra, “fogo amigo americano”, dizia o repórter, para explicar que os Estados Unidos tinham acertado o próprio rabo com o que eles chamam de “míssil inteligente”.

Eu ainda tinha outro concerto em Nápoles. Antes das sete, já estava de banho tomado, resolvendo tudo por telefone. Falei com meu agente em Londres, não foi difícil arranjar um maestro substituto. A coisa que mais existe no mercado é maestro disponível.

Fui para o aeroporto, carregando minha filha, sem saber se conseguiria embarcar, os voos para o Brasil estavam lotados. Acabei indo para Lisboa, dormindo num hotel horroroso e pegando um voo diurno para o Brasil. No avião, eu parecia um bicho. Dei um trabalho enorme para Eduarda, acho que, finalmente, ela aprendeu a não querer mais viajar comigo.

Cheguei a São Paulo às cinco da tarde. Chovia muito, o céu estava escuro, e a minha sensação era de que as coisas iam piorar ainda mais.

Joguei água no rosto e fiquei me olhando no espelho. Arreganhei os dentes. “Você está péssimo”, dissera Teresa minutos antes, quando nos encontramos no saguão do aeroporto. Dissera mais: “Da próxima vez que mudar seus planos, seja menos egoísta.”

Não gostei da cena de Teresa. Já havíamos discutido quando telefonei de Portugal para avisar que Eduarda e eu estávamos antecipando a volta ao Brasil. “Você acabou de estragar meu fim de semana”, ela dissera. Pretendia “viajar com amigos” e teria que cancelar o programa, por causa do nosso súbito regresso.

Teresa, agora, comportava-se daquela maneira. Falava palavras como “um grupo de estudo de filosofia” e “Litoral Norte”, de um jeito especialmente afetado, empregando-as como armas para me ofender, palavras que combinavam perfeitamente com os saltos altos e anéis extravagantes que agora ela usava. Estava mais magra, notei. E mais musculosa. E também mais alta. Minha sensação era de que Teresa crescera alguns centímetros desde a nossa separação. E que não tinha mais nada a me dizer, exceto aquilo mesmo.

Foi triste despedir-me de minha filha. Não havia terminado bem nossa viagem, eu fora impaciente com ela, principalmente no voo. “Pense, Eduarda”, eu dissera, “antes de me fazer perguntas idiotas.” “Não abuse.” E quando ela quis confirmar se eram mesmo dez horas de voo, logo depois do speech da cabine de comando, não contive o mau humor. “Não foi isso que acabaram de dizer? Se falaram que são dez horas, é porque são dez horas. Ou você acha que estão nos enganando?” Eduarda, nessas situações, não reagia, não demonstrava mágoa. Nisso também éramos parecidos. Tínhamos, os dois, o que eu chamava de “o muro”. Um muro lá dentro, antes do

rosto, que não deixava nada escapar. Nada vazava, nenhuma informação, nenhum sentimento. Na idade dela, eu era exatamente assim, sabia muito bem ouvir os maiores desaforos e ignorar. Sabia ficar imóvel e também invisível. Eu me salvara dessa imobilidade tornando-me maestro. Impermeável. Desenvolvendo um jeito esquisito de amar os outros. Mas Eduarda ainda não sabia se defender. Assimilava meus estrilos de uma maneira delicada, nada se alterava no seu doce semblante. Na nossa despedida, pensei em falar algo sobre a “próxima vez”, mas achei melhor ficar quieto. Não queria me comprometer.

Teresa tinha razão. Eu realmente estava com um aspecto horrível. O cheiro de banheiro do aeroporto fazia com que me sentisse ainda pior. Com a globalização, tudo de ruim ficou igual no mundo inteiro, as periferias, os aeroportos e os saguões de hotéis, e também os cheiros. Cheiro globalizado, de desinfetante, ar-condicionado e lavanda. Minha cânfora acabara, eu usara o resto no voo de volta ao Brasil.

Passei na farmácia, comprei mais cânfora e fui para o terminal de embarque. Era cedo para os meus planos, pensei, embora não conseguisse ainda saber com clareza quais eram os meus planos. Vaguei um pouco, sem rumo, irritado com a movimentação à minha volta. A choldra voadora, uma massa enorme equipada de celulares, falando sobre condições de garantia, fornecimento, acessórios, prazo original. “Queremos um contrato escrito separado, ouviu?” “Os problemas são resultantes do cronograma.” E os nomes que eles diziam, Odair, Edneia, Amílton, “fica a seu critério, Ivaldo”. Fiquei imaginando quais seriam os critérios do Ivaldo, do outro lado da linha. Um curral, o aeroporto. O gado, gerentes, negociantes, o vulgacho, diretores de marketing. “Teremos, Omar, um encontro no Dip, com o pessoal da Geresá.” “Ele é CEO do Pix.” Animais

barulhentos. Tentei fugir da multidão, entrando na livraria. Mas havia uma aglomeração ainda maior comprando revistas. Impressionantes, aquelas revistas que eles vendem. E as pessoas que compram aquelas revistas. As mesmas revistas, sempre, com as mesmas capas, as mesmas matérias, as mesmas atrizes, as mesmas festas, as mesmas dietas, um mundo completamente loiro. O Brasil era agora um país de loiras, foi a conclusão a que cheguei vendo a capa daquelas revistas. Até nossas pretas são loiras. Onde canta o sabiá. Teresa também estava loira, eu notara. Pintara o cabelo. E ficara bem, o tom dourado suavizara o seu rosto expressivo, amansara seus traços. Ia dizer isso a ela, "você está muito bem", mas Teresa foi mais rápida, dizendo-me antes que eu estava "péssimo". "Um aspecto horrível."

Às quinze para as seis, comprei um livro do Coetzee e fui para o bar do aeroporto. Não consegui ler uma linha sequer. Nem mesmo a cânfora cobria o pavoroso odor de carpete. Eu era especialista em reconhecer cheiro de carpetes, inclusive depois de eles terem sido retirados. O fedor fica impresso no ambiente, da mesma maneira com que permanece na orquestra o som produzido por um bom maestro. Há orquestras em que o som do maestro está tão impregnado, que você precisa de muitos ensaios para se livrar dele. Essa é a vantagem da música. Já os carpetes, não há nada, nenhum produto capaz de acabar com esse cheiro maldito.

Às sete horas, liguei para Marie de um telefone público.

"Onde você está? Disseram que deixou o hotel", ela disse.

"Estamos na estrada, vamos para a Ligúria. Volto para Nápoles no domingo. E você?"

Não sei sobre o que mais conversamos, eu estava agitado demais. Só lembro que ela disse qualquer coisa como: "O Cláudio está construindo um relacionamento muito bom com a orquestra", e

de isso ter me deixado alterado. “O Cláudio é um cretino”, respondi antes de desligar, embora minha opinião fosse outra, eu respeitava o meu assistente.

Voltei para o bar, o garçom tinha ligado a televisão. Fiquei sentado no sofá por um bom tempo, sentindo o sangue pulsar nas têmporas. E então tudo começou a ficar muito claro. Não basta você ter coisas, você pode perder o tempo todo, a cada minuto, tudo pode acabar. É isso, o amor. Uma coisa prestes a acabar. Marie, que fora minha, já não me pertencia, nossa associação, nosso pacto, ela havia jogado tudo no lixo. Compreendi perfeitamente a situação. Marie estava me traindo. Foi exatamente naquele momento que passei a pensar nesses termos. Até ali, o que eu sentia era um sofrimento difuso, demorou para que a palavra me ocorresse, resumindo tudo, com toda a sua força. Traição. Antes perder, pensei. Imaginá-la morta foi menos doloroso. É curioso como as ideias se formam na cabeça dos homens. Eu sempre pensava nisso quando lia notícias horríveis nos jornais. Será, eu pensava, será que isso aconteceu simplesmente, sem planos, será destino? Será que os fatos ficam todos acumulados no futuro e, não importa o que você faça, um dia eles entram na sua vida? Como acontecem as tragédias? Acontecem assim. As ideias, de repente, surgem na nossa cabeça. São primeiro um fiapo, um quase nada, e você tenta não pensar naquilo, mas você pensa naquilo o tempo todo. Tudo estava bem claro naquele momento. Eu estava cheio de ódio. E pensava em rivais, em juras, coisas secretas. E punhais. Facas. Venenos. Cordas. Golpes. Potássio. Onde esteve Marie na noite em que lhe telefonei? Depois da terceira dose de uísque, tudo ficou fácil, elaborei uma maneira de resolver meu problema de forma definitiva, um jeito perfeito para não sentir mais nenhuma espécie de dor. Mas logo tudo se perdeu, e adormeci.

Acordei naquele bar, às dez e quinze da noite, havia muito barulho à minha volta. Sentia-me zozzo. Pensei em ir para a casa de Teresa, talvez fosse melhor. Talvez fosse mais seguro, pensei. Por uns minutos, senti saudade da minha vida com ela, da nossa tranquilidade. Lembrei-me ainda do prazer de pegar uma partitura desconhecida, me sentar ao piano, na sala de nossa casa, uma xícara de café nas mãos, ficar ali, sem pressa, imaginando minha orquestra, que eu conhecia tão bem, prevendo cada solo, e Teresa no sofá, tornando tudo tão calmo. Senti saudade de voltar para casa e enfiar o nariz nos cabelos curtos de Teresa, antes de dormir, ficar em silêncio com Teresa, num domingo, nós dois na sala, lendo jornais. Mas isso tudo durou muito pouco, imaginei-me chegando lá, e a vontade de voltar simplesmente acabou.

Tomei um táxi, chovia bastante. O asfalto molhado, refletindo as luzes urbanas, fazia a cidade parecer menos sórdida. Mas era só impressão. São Paulo continuava podre.

Pedi que o motorista parasse na esquina de casa. Desci, caminhei pela rua, puxando a minha mala de rodinhas. Havia algumas pessoas fazendo o mesmo, com seus cachorros. Ao menos, pensei, malas não defecam.

Às dez para a meia-noite, estava na porta do meu apartamento. Tremia bastante. Estava com medo, mas não era exatamente do que poderia encontrar lá dentro. Era basicamente medo de mim. Meti a chave na porta e entrei.

Era um sapato de bico fino, de couro delicado, num tom queimado de vermelho, todo forrado de seda rosa pálido por dentro, onde se lia Valentino em baixo-relevo. Em cima, três rosas minúsculas, feitas à mão. "Acho que são os sapatos mais bonitos que eu tive", dissera Marie, na ocasião em que os recebera de presente da mãe. Nos seus pés delgados, funcionavam como uma joia e ali, na minha mão, eram uma espécie de troféu que eu jamais seria digno de receber. Perdi, eu pensava.

Pouco tempo depois de conhecer Marie, eu chegara à conclusão de que não era nada difícil viver com uma mulher trinta anos mais nova. Exige, fundamentalmente, que você finja o tempo todo. E sabemos fingir, nós, os maestros. Não há nenhuma outra profissão em que se possa fingir tanto. Fingir entusiasmo, vigor. Eficiência. Erudição. Poder. Sucesso. Virilidade. Não sei explicar o fenômeno em outros termos, mas a atração sexual que um maestro desperta tem muito a ver com isso. "As mulheres gostam dos maestros", dizia meu professor de regência na Alemanha. "Quando subimos ao pódio, com nossa batuta em ação, elas ouvem o grito de Chopin a Delfina Potocka: 'Deus salve o pênis onipotente!'"

Mas, afinal, não fingira o bastante, pensei, pondo o sapato no chão.

Caminhei com todo o cuidado, observando os detalhes, meu estúdio, meu piano, meu Brahms na parede, meus livros, minhas coisas estavam todas ali, mas era como se nada funcionasse de verdade. Não era mais a minha casa. Jornais espalhados, partituras, tudo falso. Eu me sentia perturbado, pensava em ir embora, ir para

um hotel, mas, em vez disso, passei na cozinha e peguei a faca de preparar sashimi que compramos em Nova York.

Zanzei com ela um bocado, antes de caminhar até o nosso quarto e ficar parado na porta, imóvel, sentindo subir em mim, rapidamente, uma corrente gélida, que parecia brotar da lâmina. Tentei escutar o que se passava dentro do quarto, mas havia um zumbido na minha cabeça, uma espécie de máquina, um motor ligado, que não me deixava ouvir nada.

Sentia-me invadido por uma enxurrada de pensamentos horríveis.

Abri a porta, e foi isto que vi: a televisão ligada, e Marie dormindo na nossa cama, de calcinha e camiseta, abraçada a um livro.

Acendi as luzes e comecei a vasculhar o quarto. Marie levantou-se num sobressalto, sem entender o que acontecia. “Onde está?”, eu perguntava, enquanto revirava armários, gavetas, e jogava tudo no chão.

Irritou-me seu ar apalermado. Sentada na beira da cama, o cabelo desgrenhado, de repente não havia mais beleza nenhuma em Marie. Um tipo bem comum, totalmente sem graça, parecia uma boneca descorada, desconjuntada, que não conseguia dizer-me nada além de hum e shh e soluços. Até mesmo a sua fragilidade me exasperou naquele momento.

Marie tentou sair do quarto, mas fui mais rápido e me coloquei diante da porta.

“Você sabe quem sou eu?”

Ela não respondia, foi isso que me irritou. Os olhos esbugalhados. As mulheres, quando a coisa fica preta, viram vítimas, isso sempre me impressionou. Fazem burradas enormes, traem, enganam, mentem, azedam, fodem tudo e, quando não há mais saída, começam a chorar.

“Sei tudo sobre mentir e enganar”, eu disse. Marie chorava, mas aquela cena não funcionava comigo. Continuei dizendo a ela que era maestro e que sabia de tudo o que acontecia naquela casa, da conspiração, sabia que havia alguém ali dentro querendo me destruir mas que eu era forte e possuía uma faca. “Ninguém vai me substituir”, gritei. Não queria dizer aquelas coisas todas, mas simplesmente não podia parar. Eu me perdia nas frases, perdia o raciocínio, tudo se embolava dentro de mim. Falei sobre um complô, que envolvia pessoas do alto escalão. E que ela havia dormido fora com algum inimigo meu. Que havia me traído. Trepado com muitos homens. Que meu coração estava estropiado. Que eu a amava. E que Mahler havia dito que onde está a música está também o demônio. Falei que ela era só “uma corda” e que as cordas eram a classe média da orquestra, os pediatras e dentistas e professorzinhos de música, que viviam frustrados porque nunca conseguiram ser solistas, que ficavam lá, na sua vidinha de classe média, prestando seu servicinho medíocre. E que ela nem era madeira, se ao menos fosse madeira, poderia se considerar aristocrata e desprezar as cordas como Maria Antonieta desprezava a patuleia faminta. E que ela devia conviver mesmo era com os trombones e trompetes, o nosso proletariado, gente inculta, grossa, excelentes carregadores de tijolos.

Depois, Marie contou-me que eu a peguei pelos cabelos e fiz com que ela se agachasse no chão e olhasse comigo embaixo da cama. Não me recordo de ter feito isso. Mas me lembro de ter apontado a faca para ela. Lembro-me também da sensação de terror que se apossou de mim, de repente, ao notar aquela arma entre nós. Foi essa sensação que me fez entregar-lhe a faca.

“Use essa porcaria”, eu gritava, enquanto Marie tentava escapar de mim e eu buscava, à força, colocar a faca em suas mãos.

Isso aconteceu depois de eu ter revirado todo o quarto e jogado tudo no chão, inclusive o violino de Marie. Passou pela minha cabeça que ela escondia coisas dentro do instrumento, provas, papéis. Fiz tudo em pedaços.

Ouvi quando Marie saiu. Poderia ter corrido atrás dela, mas decidi acabar minha revista. Vasculhei toda a casa, não havia nada em nenhum lugar, nas gavetas, armários, embaixo dos móveis, atrás dos quadros, nos maleiros e caixas de sapato. No sabonete do banheiro, nenhum fio de cabelo. Só o que encontrei foram pilhas de jornais, com notícias sobre Israel, embaixo da nossa cama. A maioria falava de explosão de bombas e mostrava fotos de gente ensanguentada e soldados trabalhando no resgate. Li quase tudo. O problema dos médicos em Gaza são os casos de *drop flot*, diziam os jornais. Os palestinos mandam as crianças jogarem pedras nos soldados israelenses, que revidam acertando a perna dos moleques. Homem-bomba mata dezenove em Israel. Terrorista suicida mata catorze em Israel. Dezessete mortos e noventa e nove feridos. Sexta-feira negra: quarenta e cinco mortos. Em Ramallah, cento e cinquenta tanques ocuparam a cidade. Franco-atiradores estavam por toda parte. Era isso que estava nos jornais. Não sei como Marie ainda era capaz de pensar em paz com os palestinos. Ela havia falado isso para mim, que acreditava na paz. Que tudo era realmente uma questão de partilha da terra e da criação de dois Estados. Paz. Ri ao me lembrar disso. E, depois, joguei-me no chão, não tinha forças nem para caminhar.

Arrastei-me até a sala e passei o resto da noite acordado, pensando. Primeiro, fui tomado por uma grande sensação de alívio, afinal era ótimo que Marie tivesse ido embora, que tudo tivesse acabado daquela forma. Enfim, eu estava livre daquilo. Livre daquele inferno. Da dúvida. Dos jornais cheios de sangue e ódio embaixo da

nossa cama. Com o tempo, pensei, esqueceria Marie. Nem perderia tanto. Afinal, nunca, em nenhum momento, consegui possuí-la completamente. Sempre fora precária a nossa felicidade. Sempre fugaz, provisória. Tão logo eu entrava em seu corpo, ela já não estava mais lá. E, quando eu saía, ela retornava. E me deixava de fora. Um lampejo, e acabou. Sair e entrar e tudo acabado, isso era amar Marie. Muito melhor acabar, pensei. Talvez eu até voltasse para Teresa. Cheguei mesmo a telefonar para minha ex-mulher, mas Eduarda disse que Teresa ainda não havia chegado. Quase duas da manhã, e ela na rua. Isso tinha que acabar também. Teresa, e aquele comportamento ridículo. Aquelas roupas justas demais, e loira, agora. Absolutamente sem rugas. Quando nos separamos, Teresa estava cheia delas, e depois, magicamente, acabaram-se as rugas. Uma palhaçada. E agora eu era livre. Esqueceria todo o inferno dos meus casamentos. O trabalho me ajudaria. Eu possuía a música. A música em primeiro lugar.

Durante toda a madrugada, senti alívio. Depois, quando amanheceu, fui invadido por um grande sentimento de culpa. Só nesse momento, tive clareza do que ocorrera. Eu estava intoxicado. Talvez fosse algo que comera no avião. Havia um bolo de aço no meu estômago. Minha nuca estava rígida. Meus braços doíam. Talvez isso fosse mesmo uma espécie de doença. Talvez devesse procurar um médico. Talvez houvesse algo capaz de bloquear todo esse processo. Assim, bloqueado, eu seria feliz com Marie. Ficaríamos no estágio em que eu era louco por ela, e ela, louca por mim.

Pensar dessa maneira trouxe paz. Eu estava intoxicado, diria isso a Marie. Procurei pílulas pela casa, havia algumas no banheiro. Adormeci encostado na banheira, com a sensação de que estava tudo praticamente resolvido. Era só uma questão de ajuste.

Uma enfermeira e uma agulha espetando o meu braço, essa foi a minha primeira visão. Só depois senti o cheiro de Marie. Vi sua cabeleira. Seu rosto parecia um borrão, não consegui distinguir seus traços. Monique estava ao lado dela, dizendo coisas, com sua voz de meio-soprano. Talvez falasse comigo. “Ela tem uma voz bonita”, eu disse. Eu me sentia um pouco pesado, demorei a entender o que se passava. Aos poucos, minha visão voltou ao normal. Pedi que todos saíssem dali. Marie permaneceu ao meu lado, explicou-me que, no dia seguinte ao da minha chegada ao Brasil, Jânia, nossa empregada, encontrara-me caído no banheiro. Eu ingerira uma dose maior de soníferos e tivera duas paradas cardíacas, logo depois de chegar ao hospital. Ficara alguns dias na UTI e agora estava fora de perigo.

Temos tanto pavor de morrer, passamos a vida inteira temendo o nosso fim, sofrendo com a ideia do nada, e só o que eu podia dizer sobre quase ter morrido era que não há momentum na morte. Nesse sentido, ela é bem anticlimática. Não me lembrava de nada, nem sequer de ter querido morrer, se é que de fato eu quis. Você deixa de sentir, acabou, é isso morrer.

Tudo me pareceu bom naqueles dias. Marie cuidava zelosamente de minha saúde, talvez porque se sentisse responsável pelo que ocorrera. Não deixava de ser divertido perceber o embaraço das pessoas ao meu redor, sentiam-se todos pouco confortáveis ao lado de um suicida, não sabiam o que conversar comigo e muito menos como dissimular o que conheciam a respeito do meu gesto de desespero. Além disso, um suicida malsucedido não é apenas convalescente, é também uma espécie de herói, encarado com certo

grau de admiração, afinal não é qualquer um que se mata. Tente dar um tiro no seu próprio peito. No hospital, não ligavam para o fato de eu ser famoso. O que realmente me dava status era o meu gesto suicida. A verdade é que os suicidas formam a classe artística do mundo das patologias. Você percebe de tudo nas pessoas que passam a te rodear: compaixão, curiosidade e até vontade de pedir autógrafos e conselhos. Se, naquele momento, eu quisesse montar uma confraria dos suicidas, não seria nada difícil. Quando me sentava no jardim para tomar sol, os deprimidos em tratamento vinham aos punhados com uma conversa fiada sobre música e logo chegavam aonde queriam: técnicas perfeitas para se matar. Houve uma senhora que me disse: "Um dia, nós conseguiremos." Já tentara duas vezes. "Sonífero não é bom", ela concluiu. "Melhor mesmo é estriknina."

Só a rafameia nos trata com desprezo. Na hora de limpar o nosso quarto, ela é tomada por um grande senso de superioridade e nos olha como se fôssemos demoníacos, e isso tem a ver com o que se ensina sobre altruísmo e resignação nas suas igrejas. Se matar é fácil, o duro é continuar limpando chão e chafurdando no Capão Redondo. Difícil é criar filho e lavar roupa suja. Isso é que é difícil, as faxineiras pareciam me dizer.

Enfim, nada como um quase suicídio. "O maestro está descansando", dizia Marie quando telefonavam da orquestra, "o maestro não pode ter aborrecimentos." Claro, eu gostei. Nós, os maestros, adoramos ser tratados assim. Meu professor de regência, na Alemanha, era tão acostumado com esse tratamento cerimonioso que acabou por se referir a si mesmo em terceira pessoa. "O maestro quer que você tome cuidado com os impulsos", ele me disse logo na primeira aula. "Que maestro?", perguntei, ainda ignorante das suas idiossincrasias. Ingenuamente acreditei existir um

“maestro” superior, uma espécie de deus a quem devíamos nos dirigir, e que seria o juiz supremo do nosso exame final. “Há algum outro, nesta sala?”, respondeu meu mestre. “Eu sou o maestro. O único.” No início, achei graça na sua personalidade excêntrica, mas, alguns anos depois, quando regia mundo afora as orquestras que temos que reger, naquela fase da vida em que já não somos jovens maestros talentosos, nem velhos sábios maestros, quando estamos no limbo da nossa profissão, na faixa que vai dos trinta até os cinquenta, regendo tudo quanto é tipo de tralha que aparece diante de nós, compreendi que não é à toa que nosso ofício é tão reverenciado. É uma espécie de pagamento. Não há nada mais solitário do que a vida de um maestro. Como já foi dito, estamos sempre entre a rocha e o mar, no buraco que se cria entre a música e os músicos, entre os músicos e o público, entre a partitura e a interpretação. Além disso, a música já não tem nenhum significado no mundo moderno. Música erudita é para poucos. Sempre foi. Mesmo a ópera. Antes de ser popular, na Itália, era arte de corte, dos amantes da tragédia grega e conhecedores de história. Continuamos tão elitistas quanto no século XVII. Só que mais isolados, sem prestígio, quase inúteis. É uma profissão condenada, profetizam alguns. Por isso, somos tratados com a mesma reverência com que são tratados os micos-leões-dourados e outras espécies em extinção.

“Não quero ser rei, nem imperador”, dizia Wagner, “maestro já me é suficiente.” Marie demorou para entender isso. Foi preciso que eu quase morresse, afinal. Teresa, me lembro, fora bem mais rápida. Mas também, após a separação, mudou radicalmente sua atitude. Nunca mais falou “sirva café ao maestro”, como era seu costume. Fiquei sendo “ele”. “Veja se ‘ele’ quer café”, ela dizia, quando eu ia visitar Eduarda. Mas Marie, lá no hospital, começou a me tratar com

deferência. No início, só se referia a mim dessa forma quando havia médicos ou enfermeiras no quarto e, depois, por brincadeira, passou a me tratar assim quando estávamos a sós. “Estou louca para chupar seu pau, maestro.”

Enfim, voltei a ter paz, no hospital. Adorava o cheiro de álcool que sobressaía aos outros, cheiro de lençol esterilizado, só o odor de comida me exasperava, mas isso acabou logo que me trouxeram a cânfora. Às vezes, me sentia como um saco de batatas em cima da cama, por causa dos remédios, mas até essa sensação era boa.

Ficamos totalmente em paz, eu e Marie. Não falamos sobre o que ocorreu, a faca, meu ciúme, o violino despedaçado. Foi como se nada tivesse acontecido. Não comentamos o incidente nem mesmo quando Marie levou para o hospital o novo violino que ganhara dos pais. Passamos a tarde entusiasmados com a beleza do instrumento e, enquanto ela tocava trechos de um concerto de Brahms, eu exagerava ao assinalar as qualidades de seus harmônicos, embora não fossem muito diferentes dos do velho violino, que eu fizera em pedaços.

Quanto a nós dois, às vezes, me ocorria que aquele tipo de crise acabava por nos unir. É difícil explicar nosso processo, mas era um jogo. Marie inventara esse jogo. Ela começava, me atijando. Eu reagia, ela me punia. Fazia parte do jogo que a culpa fosse minha. Sempre. Eu me desesperava, ela se divertia. Fazia parte do jogo também que eu quisesse resolver a tensão, que eu exagerasse, implorasse, gritando, fazendo escândalos, e, assim, Marie recuava. Tudo voltava às boas. Agora, estávamos naquele ponto em que um se mata pelo outro, e, por isso, ela estava tão feliz no hospital. O suicídio foi o ápice do nosso romance. Uma vida ótima, no hospital. Ela chegava cedo com os jornais, metia-se na cama comigo, e líamos juntos. À tarde, passeávamos pelos jardins, ou pelos

corredores do hospital, de mãos dadas, vadiando. Às vezes, eu estudava alguma partitura, enquanto ela lia, tranquila, deitada no sofá. Também assistíamos a muitos filmes, vídeos que ela trazia da locadora do lado da nossa casa. Mandávamos buscar café expresso no bar, para tomar com os chocolates que as visitas me traziam. “O bom de ser convalescente é que você pode fazer essas coisas sem sentir a menor culpa”, dizia Marie. “Só com maconha consegui ter essa liberdade do convalescente. Até começar a fumar maconha, nunca soube o que era passar a tarde na cama sem um certo mal-estar. Se não estava estudando, sentia-me culpada. Às vezes, ficava agarrada ao violino, paralisada, não conseguia concentração para estudar, nem paz para fazer qualquer outra coisa. Ir ao cinema, por exemplo. Que mal há em ir a uma sessão da tarde? Foi a Dalva, a negona que me criou, que introjetou em mim essa noção de dever kantiana. Ela era protestante da velha guarda. Meus pais viviam viajando, e a Dalva era responsável por minha educação. E, para Dalva, educar era ter horário para tudo. Você não tem ideia do que era a minha rotina. Hora para comer, para ver TV, para fazer lição, para dormir, para acordar. E, quando minha mãe chegava de viagem, as duas brigavam por conta do exagero da Dalva, mas Dalva sempre ganhava. Ameaçava ir embora, e minha mãe cedia. Eu sentia um medo enorme de ser ‘repetente’. A Dalva falava dos ‘repetentes’ como se eles fossem uma espécie de leprosos. A Dalva era foda. A verdade é que foi por isso que comecei a fumar maconha. A maconha fez por mim o que sete anos de terapia não conseguiram fazer. Livrei-me da Dalva. Você devia fumar também. Maconha me permite não fazer nada. Não ter horários. Ficar estatelada no sofá, sem ler, sem estudar, nada de obrigações. Ir até a esquina, tomar sorvete. Me sentar num banco de praça e ficar lá, olhando, sem pressa, os vagabundos, as babás, as pombas, os vendedores de

pipoca. Ligar a televisão e assistir àquelas porcarias todas. A vida é isso também. Vou enrolar um baseado para você qualquer dia desses.”

À noite, ligávamos na CNN para acompanhar os movimentos do exército israelense. Marie tornara-se uma especialista no assunto, sabia até detalhes como o PIB palestino pré e pós-Intifada, e nomes de homens-bomba do Hamas e do Jihad islâmicos.

“E a nossa violência?”, perguntei certa vez.

“Como assim?”

“Você se interessa tanto por violência, por que não olha também para a nossa guerra? Não entendo como, sendo brasileira, você só consegue sofrer de verdade quando os árabes atiram pedras nas crianças judias. Por que não olha nossos jornais?”

“É diferente. Não é uma guerra.”

“É pior que a sua guerra. Vocês têm um ideal.”

Em ocasiões como essa, Marie me dava aulas sobre o que é ser judeu, o significado de um conflito que já dura quase um século, a criação do Estado de Israel e outras questões afins. Eu me sentia mal com essas conversas. Era como se ela me dissesse: você é góí. Eu sou judia. Essa dor, essa expectativa, esse desejo são meus, e você jamais vai compreendê-los. “Você não entende”, a família toda me dizia isso. Mira, a avó de Marie, na única vez em que foi me visitar, contou uma história enorme sobre sua viagem a Jerusalém quando Israel vencera a Guerra dos Seis Dias. “Fazia apenas uma semana que a guerra havia acabado, judeus vinham de toda parte, loucos para chegar até o Muro, eu me senti como se estivesse participando de uma dessas peregrinações que ocorreram mil anos atrás, com os judeus indo visitar o templo sagrado. Só de lembrar, fico arrepiada. Você não sabe o que é isso”, disse. “Imagino”,

respondi, por gentileza. "Não, não imagina, não", ela rebateu. "Tem que ser judeu para entender."

Visitas, leituras, TV, assim passávamos os dias. Eu me sentia cada vez melhor. Meu psiquiatra conversou comigo e Marie, aconselhou-me a fazer análise: "Os remédios ajudam", disse, "mas o acompanhamento terapêutico é fundamental."

"Isso eu não vou fazer", disse a Marie.

"Você tem medo?"

"Preguiça. Preguiça de falar."

"Mas são orientações médicas."

"Você parece a Monique quando fala 'orientações médicas'. Marie, minha linda, minha princesa, eu acredito nos remédios. Peixe fresco fede."

"Perdi o raciocínio. Me ajude."

"Eu e Brodsky temos uma teoria. A psicanálise descongela o peixe. E a psiquiatria mantém o peixe cheirando bem."

Marie começou a rir. Depois, foi até o telefone e marcou uma consulta com o dr. Homero para a semana seguinte.

Adriana me visitou no dia em que recebi alta. Saíra qualquer nota no jornal sobre a minha internação, e alguns jornalistas telefonaram para saber detalhes.

"Se é para escrever sobre a *Doméstica*, do Strauss, esses putos são moles como o diabo, mas, para perguntar se você realmente tentou se matar..." Subitamente Adriana interrompeu a frase. Olhou-me por alguns segundos.

"Continue", eu disse.

"Eu não acredito que você tentou se matar."

"Era isso que os jornalistas queriam saber?"

"Não sei de onde tiraram isso. Você não se mataria. Sei como os suicidas funcionam."

“Cadê o namorado?”

“Foi embora. Quer que eu complete minha teoria?”

“Que teoria?”

“Sobre os suicidas.”

“Vá em frente.”

“Você não é feliz, qualquer um vê isso. Para ser feliz, você tem que ter o idiota automático, sabe como é? Ir para o espelho e dizer: ok, está tudo bem. Você se fode, vai para os alcoólicos anônimos, quase morre para parar de beber, mas diz: ok, eu sou feliz. Você perde o namorado e diz: tudo bem, não vou me matar. Não é o seu caso. Você é muito angustiado, sofre o dia inteiro. Desde que entrei na orquestra, sei disso. Você sofre mesmo, a gente nota. Mas também não é do tipo que se mata.”

“Não?”

“Suicida, não. Você está mais para homicida. Falando nisso, você viu o São Paulo ontem?”

Marie não gostava de Adriana. “Por que vocês riem tanto? Eu saio daqui, vocês estão rindo, volto, continuam rindo. Qual é a graça?”

Quem ria era Adriana. Eu só escutava. Marie implicava acima de tudo com as roupas da minha secretária.

“Definitivamente não sabe o que é uma boa blusa enfiada na calça comprida. Nunca vi a Adriana de jeans. É só sainha, top, ela vive esfregando aquele piercing na nossa cara. Além do mais, é tudo mentira essa paixão dela pelo futebol. É firula. Ela quer é te impressionar.”

Saí do hospital no final da tarde de uma sexta-feira. Ao voltar para casa, pela rua da Consolação, debaixo de um temporal, com o trânsito completamente engarrafado, eu só conseguia pensar que amava aquela cidade, amava Marie, amava meu trabalho, minha orquestra, e que isso não tinha nada a ver com o idiota automático.

Estava tudo bem, tudo tranquilo, as perspectivas eram boas. E eu estava louco para voltar para a orquestra e marcar nosso próximo jogo de futebol.

“Vi nossas mesquitas? Acabaram com elas. Esses assassinos não poupavam nem a igreja da Natividade. É só destruição o que você encontra por aqui. Nossas crianças estão sendo mortas cruelmente”, dizia um palestino. Depoimento de um israelense: “Estamos fartos desse cinismo. Não destruimos igrejas.” Quando entrei na sala, fugindo de Jânia, Marie estava diante da TV, assistindo ao noticiário, vendo imagens de atentados em hotéis e restaurantes.

“Fica comigo”, ela disse.

Deitei-me em seu colo, Marie ficou mexendo em meus cabelos, enquanto apresentavam uma reportagem sobre a apreensão de manuais para terroristas com receitas de nitroglicerina e nitrato de amônia na Jordânia.

Eu não tirava os olhos do corredor, sempre atento à movimentação de Jânia. Tive a sensação de que ela não parava de transitar de um lado para o outro, talvez nos espiasse.

“Você não vai mais estudar?”, perguntou Marie.

Fingi estar interessado no noticiário. Não queria ficar sozinho no estúdio. Desde que voltara do hospital, tinha a sensação de que Jânia me perseguia pela casa, procurando uma oportunidade de ficar a sós comigo. Logo na minha chegada, ela me recebeu na porta, apertando-me as mãos com força suficiente para trocar um pneu. Não gostei nada daquilo. E, minutos antes, naquela noite, estava no meu estúdio, sozinho, destrinchando o *Concerto para orquestra* de Lutoslawski, que regeria em breve, uma obra cheia de dificuldades técnicas e formais, que me exigia tremendo esforço de concentração, quando ouvi seus chinelos de borracha se arrastando

pelos corredores. Uma sensação horrível tomou conta de mim, muito embora eu não tivesse nenhum motivo para temer ou evitar Jânia, a não ser um certo desconforto por ter lhe proposto, no passado, que vigiasse Marie. Mas aquilo havia se resolvido. Eu lhe dissera com todas as letras que não queria saber de nada. O problema era que Jânia tinha uma estranha maneira de se comportar. Não importava o que eu lhe dissesse, fosse para passar uma camisa ou para buscar uma encomenda na portaria, ela simplesmente sorria, um sorriso que podia significar aceitação, indiferença ou ameaça. Naquela noite, ela apareceu na porta do estúdio e fez um sinal. Talvez estivesse apenas se despedindo, é verdade, mas eu poderia quase jurar que me chamava para uma conversa particular. Foi o que entendi. Venha, ela falou. Não fui, claro. Mas fiquei com uma sensação de tragédia iminente, como se ela fosse me revelar algo terrível. A simples visão de Jânia punha-me de sobreaviso, à espera do perigo.

Dormi mal naquela noite. Havia uma festa no prédio, e, várias vezes, o som das músicas me despertou. Fiquei boa parte do tempo rolando na cama, vendo as horas passarem, inquieto, com péssimos pressentimentos. A todo momento, eu me levantava para checar se as janelas estavam fechadas.

Na manhã seguinte, pedi a Marie que desse um jeito de Jânia não entrar na sala enquanto tomávamos nosso café.

“Por quê?”

“Ela nos observa”, eu disse.

“A Jânia? A Jânia me adora.”

A autoestima de Marie foi algo que me impressionou desde o início. A cozinheira a adorava. O porteiro da orquestra a adorava. O manobrista. O dono do boteco. Marie sentia um prazer especial em dizer que era amada pelas pessoas que a serviam. Interpretava

como adoração qualquer manifestação de respeito, cordialidade, atenção ou subserviência. A verdade é que os ricos desenvolveram várias formas de lidar com a culpa, alguns viram filantropos, outros criam ONGs, fundações, e Marie fazia parte da classe que reverencia os pobres. Ela adorava a choldra, e vice-versa. Todos a amavam. Inclusive Jânia.

“Você está dizendo que ela nos espia, escuta nossas conversas atrás das portas?”

“Talvez. Não sei. Ela é curiosa em relação a nós.”

“Jânia mal compreende qual é a nossa profissão. Por que nos espiaria? É uma pobre coitada.”

Fiquei em silêncio. Talvez Marie tivesse razão, talvez fosse apenas cisma. Pensei em lhe contar como Jânia me assustara naquela manhã, entrando no banheiro enquanto eu me barbeava. Fui surpreendido com sua imagem refletida no espelho, exatamente como nesses filmes B de suspense. Tive a impressão de Jânia ter me dito algo. Ela poderia estar somente mascarando chiclete, é verdade. Mas vi seus lábios pronunciarem a palavra *di-nhei-ro*, não tenho certeza, mas talvez tenha sido isso.

Fui para a orquestra bem cedo, estava bastante atarefado naqueles dias, ficara muito tempo fora, e o trabalho se acumulara. Entrei na minha sala, e os problemas começaram a explodir. Antes mesmo do ensaio, fiz duas reuniões, discuti com meu agente o contrato com a gravadora alemã, falei com nosso advogado sobre os royalties dos artistas da orquestra, mandei Adriana marcar novas audições, outras reuniões, e telefonei para Pedro Ricardo para marcarmos um novo jogo de futebol. Talvez fosse mesmo boa a ideia de entrosamento dos músicos, e a técnica do futebol não havia sido totalmente explorada. Pedro Ricardo comentou sobre um

campeonato que estava organizando no interior. "Orquestras pequenas. Algumas bandas, também."

Adriana me desestimulou. "Eles não querem jogar."

"Quem?", perguntei.

"Os músicos. Além disso, futebol não resolve o problema dos nossos malucos. Músico é tudo tantã. Lelé mesmo. Precisamos de método convencional, eletrochoque, Prozac, lítio, sonoterapia, coisas assim. Não adianta chegar aqui com esse papo de futebol. A única coisa que resolve é pegar doido por doido, com hora marcada, e escutar o drama deles. A vidinha deles. Por que você não arranja um psiquiatra para todos nós? Eu toparia. Contaria toda a minha história para qualquer doutor que aparecesse aqui. Ia massacrá-lo com minha infância horrorosa e meu alcoolismo. Isto é, se ele promettesse me receitar uns psicotrópicos. Desses bem bons. Tipo tomou-dormiu. Tratamento tradicional é só o que funciona para nós. Espero que você não tenha que quebrar a omoplata de mais ninguém para o Pedro Ricardo perceber isso."

O ensaio foi péssimo. Desde minha época de escola, aprendi a reger de memória. Nesse aspecto, meu mestre era Bülow: "Você tem que ter a partitura na cabeça, não a cabeça na partitura." No entanto, naquele dia, em dois momentos a música me escapou completamente. Sumiram, as notas. Caminhava para minha sala, pensando nisso, preocupado, quando Marie me alcançou no corredor. Queria fazer um pedido em nome da orquestra. "Eles ainda estão chateados com o que aconteceu com o Rodrigo", ela disse. "Esquece essa história de futebol."

"O que aconteceu com o Rodrigo?", perguntei.

"Você deslocou a omoplata dele no jogo. É por isso que ele ficou de licença."

Marie reclamava quando os músicos a tratavam como minha espiã, mas pelo jeito não se incomodava em ser usada como garota de recados. De alguma forma, aquilo me atingiu. Talvez eu não devesse ter recontratado Rodrigo, pensei.

“Que história é essa de Rodrigo?”, perguntei. “Quem mandou você falar comigo?”

“Por que você está gritando?”

“Esse cara não desiste?”

“Meu Deus! Do que você está falando?”

“De homens que olham teus peitos no ensaio. Homens que não sabem jogar futebol. Homens que quebram omoplatas e organizam os músicos contra mim.”

Marie fechou os olhos, permaneceu alguns instantes em silêncio, como se buscasse palavras. “Olha aqui”, ela disse. “Escute só.” Pausa. “Vamos combinar o seguinte.” Com as mãos na cintura, inquieta, Marie não conseguia organizar seu discurso, precisava de algum tempo para dissimular sua indignação. Enquanto isso, consegui me acalmar.

“Desculpa”, eu disse. “O Rodrigo é um cara legal.”

“Você fala nesse rapaz como se...” Marie se interrompeu, suspirando.

“Como se...?”

“Foda-se o Rodrigo. Foda-se o jogo também. Só toquei nesse assunto porque achei que seria bom para você. Para a sua relação com os músicos.”

“Você tem como me convencer”, eu disse num tom animado. Marie me enlaçou pela nuca.

“É? O que aconteceu hoje no ensaio? Você não estava concentrado.”

“Escute a minha proposta. Fazemos uma troca.”

“Que troca?”

“A Jânia. Você manda ela embora, e eu cancelo o jogo.”

Marie se afastou, cismada. “Você está bem?”

Ri, nervosamente. Talvez não fosse um bom momento para tocar naquele assunto.

“Qual o problema?”, perguntou Marie.

“Não gosto dela.”

“Jânia não é uma superempregada. Não cozinha, tem aquela cara de tonta, concordo. Mas é boa pessoa. Sustenta a mãe, tem um padrasto safado, bêbado, que vive enchendo o saco. Não sei por que você implica com ela.”

“Tenho uma sensação ruim, é difícil explicar.”

“Que sensação?”

“Vigilância. Conspiração. Ela vai nos trair.”

Marie me olhou com desconfiança. Disse que não entendia como eu podia falar em conspiração. E no Rodrigo. Fez muitas perguntas. “Você se sente perseguido?” Quis saber se eu estava dormindo bem. Se tomava a medicação corretamente. Se ia regularmente às sessões do dr. Homero.

Eu me enrolei um pouco na tentativa de tranquilizá-la. Fiz um discurso enorme sobre o som expressivo de Rodrigo, sobre a sua incrível afinação. “Não tenho nada contra ele.” Prometi também que cancelaria o jogo. “Fique com Jânia”, falei finalmente.

Quando nos despedimos, Marie parecia bastante preocupada.

Voltei para a minha sala e pedi que Adriana cancelasse o jogo. Passei o resto do dia estudando a partitura. Não devia ter falado em conspiração com Marie. Revi com cuidado os trechos que me escaparam durante o ensaio. Nem do Rodrigo. Eu fizera tantas vezes aquela peça, como podia tê-la esquecido? Isso, sim, era traição.

Antes de ir para casa, Cláudio, meu assistente, apareceu na minha sala, um tanto nervoso. Havia uma estranha harmonia entre seu estado de espírito e sua cabeleira.

“Arrume os cabelos”, eu disse.

Fazia tempo que não conversávamos pessoalmente, Cláudio viajara muito nos meses anteriores, regendo em Boston e Toronto, encaminhando sua carreira fora do Brasil. Gostávamos muito um do outro, mas, ultimamente, ele se afastara de mim. No início, pensei que fosse só uma questão de agenda. Mas, naquele dia, ficou claro que havia mais alguma coisa.

“E então?”, perguntei.

Falou-me da viagem, contou que os músicos canadenses tocaram Strauss muito bem, que o pianista era uma daquelas máquinas de música, não errava uma nota, não levantava uma dúvida, “um chato”, ele disse, “tocaram Villa sem ginga e sem alma”. Cláudio evitava me olhar. Falou mais alguma coisa sobre Toronto, citou não sei quem que disse que a cidade era só chinês com chinês, judeu com judeu e preto com preto, e mais alguma bobagem do tipo.

“Está tudo bem?”, perguntei, quando ele estava de saída.

“A orquestra está ótima. Assisti ao seu ensaio.”

“Não estou perguntando da orquestra. Refiro-me a você.”

“Muito bem”, ele disse, aflito para deixar a sala.

“Ele tem uma amante”, contou-me Adriana depois. Sua teoria era de que conhecíamos a amante de Cláudio. Ou ele não agiria “daquela forma” ao telefone. “Oi! Onde você está? Posso te ligar em dois minutos?”, disse Adriana, imitando Cláudio. E completou: “Só quem tem amante fala ao telefone com a preocupação de não mencionar o nome da pessoa. Sei tudo sobre ter amantes.”

“Você acha que pode ser a Marie?”, perguntei.

Adriana me olhou, surpresa. "Você não está falando sério, suponho."

"Claro", respondi.

Quando cheguei em casa, Jânia ainda estava lá. "Maestro", ela disse.

Fingi não ouvir. Tomei minhas pílulas, entrei no quarto, tranquei a porta e fiquei esperando Marie voltar.

Era preciso conter a respiração e, num gesto rápido, abrir a carteira, sacar as notas e entregar o dinheiro, como se não estivesse fazendo nada. Pior, como se tudo fosse natural, um pagamento lícito. Um contrato. Assim que Jânia aparecia diante de mim, eu lhe entregava o dinheiro. Não dizíamos nada, na maioria das vezes, eu nem lhe fitava o rosto, apenas punha as notas na bandeja, fingindo estar atento à minha atividade.

Apavorava-me a ideia de ser pego de surpresa, de chegar o momento da cobrança e eu estar de mãos vazias. Passei a frequentar assiduamente caixas automáticos e a colocar estrategicamente algumas notas em peças de roupas e nas gavetas da casa.

Lembro ainda hoje como começou a chantagem de Jânia. Numa segunda-feira, Marie ainda dormia, eu tomava meu café da manhã, lendo aqueles horrores de sempre, homicídios, skinheads e seus tacos de beisebol, índices altíssimos de todas as porcarias, sequestros, Uganda, enfim, digeriria minha dose diária de tragédia, antes de ir para a orquestra, quando recebi o sinal de Jânia. Estava completamente farto daqueles códigos que ela me enviava de maneira dissimulada. Decidi resolver o assunto de uma vez por todas e fui procurá-la na cozinha. Encontrei-a encostada na pia, besuntando uma fatia de pão com margarina.

“Você quer falar comigo?”, perguntei.

Tive a impressão de que ela fez um movimento afirmativo com a cabeça, mas seus lábios emitiram um sonoro não.

Não me recordo dos detalhes da conversa, mas, quando me dei conta, já estava oferecendo dinheiro a Jânia. Depois disso, nossa

relação se tornou automática. Bastava que ficássemos a sós, eu sacava a carteira e lhe dava algum dinheiro. Na verdade, sentia-me pressionado a fazer isso, como se, com essa ação, pudesse evitar uma calamidade.

O mais angustiante era o sentimento de estar ligado a Jânia, como se pertencêssemos a um grupo de terroristas que se reúne para decidir quem será o próximo homem-bomba. Agora minha casa não significava conforto, mas ameaça, constrangimento. Mal me sentava no sofá para ler um livro ou estudar, Jânia logo aparecia para a cobrança. Não interessava o quanto eu lhe dava, a mulher queria mais, não se cansava de me extorquir. E Marie se negava a despedi-la, ainda que eu insistisse.

Para evitar aborrecimentos, adotei a estratégia de, ao entrar no edifício, perguntar ao porteiro se minha mulher havia chegado, pois já percebera que Jânia se sentia intimidada com a presença dela. Caso Marie estivesse fora, eu subia para o apartamento de Rachel. Minha vizinha se livrara do gesso e agora caminhava com dificuldade, apoiada em muletas.

Havia tempos que a administração da orquestra lhe fazia os pagamentos e serviços de banco, e era comum Rachel me telefonar pedindo que comprasse algum medicamento na farmácia. Adorava remédios, de todos os tipos, era especialista em enxaquecas e usava expressões como “última geração” e “não residual” para falar das vantagens de seus produtos preferidos. Eu gostava de visitar Rachel e também de levá-la aos meus concertos, instalando-a no meu camarote. “Vou te dizer uma coisa: você fica lindo no palco. Parece um ator. Sabe que eu nunca tinha notado esse seu ar de galã?” Sentávamo-nos na cozinha, ela coava café, comíamos pão fresco com manteiga, e eu a ouvia bater sempre na mesma tecla, a estupidez da vida da filha. “Ela é muito bem remunerada, sem

dúvida. E tem status também. Vive com essa gente do FMI, essa cambada toda da economia. Mas fico pensando, maestro, é normal alguém viver dessa forma, metido dentro de um banco, o ano inteiro, sem ver o céu, não ter marido, namorado, férias, filhos, cachorro, nada? Uma mulher que não tem tempo nem para amar um homem? Digam o que quiserem as feministas, há um momento em que nada na nossa vida é mais importante que a maternidade. É verdade que, depois, você se estrepa toda. Sonha que terá sempre o amor das suas crianças e que aquele bebezinho que joga os bracinhos de alegria quando te vê não vai ser capaz de te abandonar. E então o que acontece? Você fica viúva, e eles se lixam para a sua solidão." Depois de uma pausa: "Faz quinze dias que ela não me telefona. Quer dizer, dezesseis."

No porta-retratos da sala, havia uma foto de Ester que me deixava cheio de curiosidade. Tailleur, olhar inteligente, uma mulher interessante. Devia fazer sucesso com os ministros. "A verdade", concluía Rachel no final de nossas conversas, "é que minha filha não gosta de mim."

Marie também não gostava de Rachel, "aquela velha tagarela", dizia, e de fato Rachel falava demais, mas havia algo na sua tagarelice, ou na sua casa, com móveis antigos, de cores sombrias, que me acalmava. Algumas vezes, adormeci na poltrona, e foi preciso que Marie viesse pessoalmente me acordar, porque Rachel se recusava a incomodar-me.

Pois bem. O que importa, no momento, é saber que ao voltar de uma de minhas frequentes visitas a Rachel, encontrei Jânia e Marie na cozinha. As duas interromperam a conversa quando notaram minha presença. Entrei em pânico. Tire essa mulher daqui, pensei. Marie foi mais rápida, me pediu que as deixasse a sós, por alguns minutos. Postei-me no corredor e ouvi Jânia contar as dificuldades

que enfrentava na casa da mãe, onde o padrasto a assediava todas as noites, fazendo-lhe ameaças. Para meu espanto, Marie resolveu o assunto em dois segundos, convidando-a para morar conosco. Havia um bom quarto de empregada, com banheiro, ela poderia ficar ali, sem problemas. "Se o maestro não se opuser", concluiu Marie.

"Não quero essa moça vivendo aqui", eu disse a Marie, quando ela entrou no banheiro para escovar os dentes. "É tudo mentira", falei do quarto. "Duvido que alguém queira ver a boceta dela."

Marie veio até a porta, como se quisesse ter certeza de que eu dissera aquela grosseria. Depois de enxaguar a boca e lavar o rosto, voltou para o quarto e perguntou se eu não sentia compaixão. Discorreu longamente sobre o que a preocupava, a fragilidade de Jânia, a possibilidade de uma gravidez indesejada, as graves consequências de um acontecimento como esse para a família.

Não cedi.

"É só por um tempo", insistiu Marie. "Prometo."

"Eles gostam dessa confusão."

"Eles quem?"

"Eles", respondi.

"Eles. Claro. Os pobres. A choldra, não é? Eles, a plebe, como você diz. O populacho. A patuleia."

Enraivecida, Marie afirmou que "a choldra era a única coisa boa no país", e que, "aliás", ela "odiava" essa minha maneira de aludir aos "mais simples", que o fato de eu usar a palavra *choldra* mostrava o quanto desprezava "as pessoas", que Jânia era um "material humano" de muita qualidade.

"Concordo plenamente", eu disse. "É melhor que todos os tenores juntos."

Marie nem riu do meu comentário, foi logo dizendo que nesse aspecto eu era exatamente "um maestro". Pronto, pensei. Começou.

Ela já estava como minhas antigas amantes, que, no início do relacionamento, me amavam porque eu era maestro e, depois, quando nem tudo saía como queriam, me odiavam por eu ser maestro.

A cantilena de Marie seguia de vento em popa. Surpreso, fiquei sabendo que ela detestava “esse lado obscuro” da minha personalidade, esse “execrável senso de superioridade tão comum aos maestros”. Ouvi suas críticas com atenção e seriedade, mas quando ela começou a me acusar de ser “antinordestino” e a dizer que eu desprezava a cultura popular, o folclore, que eu detestava “rock inteligente”, aquilo me pareceu tão sem sentido, que não consegui segurar mais o riso. “Viva os índios”, gritei.

Marie, completamente desprovida de senso de humor, comunicou-me que Jânia viria morar conosco. Estava decidido.

Fiquei desesperado. Não havia local na casa onde eu me sentisse seguro. Jânia com suas pernas curtas e seus planos escusos poderia me capturar a qualquer momento. Passei a ter insônia. Por conta desses episódios, Homero, meu psiquiatra, resolveu mudar meus medicamentos. “Essa história vem aumentar minhas suspeitas. Desde o início, o seu quadro não me pareceu depressivo. Acho que você sofre de um transtorno obsessivo. Esses pensamentos ruins que te acometem, denominados de ‘intrusos’ na psiquiatria, é que geram essa sensação de estar sendo observado, perseguido. Conversei longamente com Marie. Jânia não parece ter motivos para agir da maneira como você descreve. O que me parece é que você mesmo cria essa situação.”

“Ela me chantageia.”

“Como?”

Contei a ele toda a história.

“Mas ela te pede dinheiro? Ela te ameaça?”

“Não verbalmente. Mas eu sei que é chantagem. Ela me olha de maneira ameaçadora.”

“Depois de dar dinheiro a ela, como você se sente?”

“Aliviado.”

“Você consegue se encontrar com Jânia e não oferecer dinheiro a ela?”

“Nunca tentei. Ela me obriga a isso.”

Homero me convenceu de que minha atitude era uma compulsão, uma forma que eu encontrara para me libertar de uma sensação desagradável, criada por mim mesmo.

O fato é que trocamos os remédios, e, algumas semanas depois, as mudanças eram visíveis. Não me sentia mais compelido a oferecer dinheiro a Jânia, nem pensava mais nisso. Na verdade, não conseguia pensar em nada. Nem manter a ereção, estudar, nada. Esses remédios realmente acabam com nossos tormentos, mas levam junto o suco da vida. Ficamos completamente secos.

O sinal de que o tratamento não me fazia bem ocorreu no meio da semana seguinte, no último ensaio da *Sagração da primavera*. Eu conhecia a obra, sua instrumentação agressiva, seus ritmos constantemente variados, enfim, já regera a peça em Berna e Genebra, e a considerava fácil e simples como poucas. Os dois últimos ensaios haviam sido muito bons, o que me deixou preocupado. Excelentes ensaios, concertos medíocres. Músicos satisfeitos demais são sempre um problema. Mal comecei o ensaio geral, tive a sensação de que surfava numa grande onda, cuja função era abocanhar minha memória. Era como se eu fugisse do esquecimento com pressa, acelerando os ritmos, correndo. Num determinado momento, exausto, fui engolfado pela onda. Fiquei me sentindo oco, confuso. Tirei todos do eixo e criei um caos

indescritível. Os músicos pararam e me olharam, surpresos. Silêncio total na sala.

À noite, joguei fora todos os remédios. Liguei para Homero e disse que não queria mais aquela porcaria. Já não conseguia nem trepar por causa deles. Meu pau simplesmente não ficava duro. “Digo para meus pacientes não lerem as bulas. Ficam impressionados e acham que estão vulneráveis a todos os possíveis efeitos colaterais. Remédios como esses podem diminuir a libido. Mas faz pouco tempo que você está com essa medicação. Não acho provável que esteja afetando sua memória. Nem a sua vida sexual.”

“Veja isso”, dizia Marie quando íamos para a cama antes dos remédios, “é só eu passar minha língua na sua boca, e pronto, seu pau infla como um air bag.” Ela se envaidecia ao notar o poder que exercia sobre mim. “Você mal pode sentir minha respiração”, dizia, “olhe só”, falava, com a mão sobre meu pênis, conferindo a transformação. Mas os remédios acabaram com isso. Sentia-me gasto, vazio, sem desejo. “Disfunção sexual, incluindo impotência e distúrbios de ejaculação”, era o que estava escrito na bula.

Na noite anterior, ficara muito deprimido. Cheguei em casa, e Marie estava linda, usava uma saia preta, curta, e uma blusa branca, de seda. Pegou a bolsa, “nem feche a porta”, disse, “estamos de saída. Você precisa fugir desse esquema casa-trabalho. Comprei ingressos para o filme do Scorsese”. Tudo foi muito bom. Eu me sentia disposto, apaixonado, tranquilo. Depois do cinema, fomos comer numa cantina italiana, Marie bebeu mais do que o normal, rimos à beça. Voltamos para casa e, no caminho, Marie me disse que era feliz comigo. Nos últimos dias, tudo entre nós ia bem. Era bom acabar o dia e saber que ela me esperava. Marie não era boa cozinheira, nem gostava muito de cozinha, mas preparava saladas gostosas de presunto de Parma e figo, e outras do tipo, coisas leves

que comíamos juntos, antes de assistir a DVDs, ou ler na cama, estudar, enfim, foi um momento bom da nossa vida. Mas, naquela noite, quando fomos para a cama, cheios de desejo, eu brochei. Já brochara muitas vezes, acontece com todo homem, mas agora eu sabia que aquilo tinha a ver com os remédios. Mostrei a bula para Marie, “o que adianta me sentir bem, ter equilíbrio e ter o pau mole?”, perguntei. “Só mesmo jogando no lixo essa tralha toda.”

“Você está cansado”, ela disse. “Deita aqui comigo. É bom ficar assim, agarrada a você, namorando. Deita aqui.”

Não desisti. Tranquei-me no banheiro e fiquei esfregando meu pau, pensando em tudo, na boceta de Marie, na sua bunda maravilhosa, nas nossas sacanagens, e nada fez meu pau levantar. Voltei para a cama arrasado, Marie já dormia profundamente.

E, no dia seguinte, a tragédia do ensaio comprovou minha teoria. Aqueles remédios estavam acabando comigo. Eu já não conseguia trepar e agora não conseguia reger também.

Embora Homero insistisse em afirmar que a suspensão do remédio não agia de forma automática no organismo, tudo o que posso dizer, por ter me livrado dos medicamentos, é que o concerto daquela semana foi muito bom. Reger, assim como criar, tem a ver com fúria, com vontade e com pau duro também. Regi, como nos velhos tempos, com confiança e prazer.

Na segunda-feira, quando acordei, a chantagista veio logo sacar-me dinheiro. Não permiti nem que ela dissesse bom-dia. Eu já havia falado com meu contador na sexta, preparado todos os papéis e contas.

“Você está despedida”, eu disse.

Jânia sorriu-me, aquele sorriso nojento. Talvez estivesse me desafiando.

“Tente”, eu disse, “me arrancar mais um centavo, e eu acabo com você.”

Houve um tempo em que, quando um solista desmarcava um concerto, eu me transformava numa ameaça para a sociedade. Isso foi bem no início, quando assumi a orquestra e era obrigado a explicar para minha agente suíça que São Paulo, Bolívia e Uruguai eram lugares distintos. Mas as coisas tinham mudado muito, desde então. Na verdade, não foi nada difícil substituir um violinista que havia cancelado um concerto. Mais um. Ultimamente pareciam estar virando moda os cancelamentos. Passei duas horas conversando com Hanna pelo telefone e pude escolher. "Agora, os artistas convidados não me perguntam só sobre violência, bundas e dengue", contou-me Hanna, "eles também se interessam pela sua orquestra."

Convidamos Enrique Lamadrid, músico de talento excepcional, que enfrentava "um momento difícil", segundo Hanna, devido à recente separação. Fora trocado por um revendedor de lambretas, fiquei sabendo depois.

Lamadrid desembarcou em São Paulo na segunda, e Adriana, logo depois de recepcioná-lo no aeroporto, telefonou-me, preocupada. "Acho bom você ficar atento com esse fulano. Não estou certa de que ele não vai se matar no hotel", disse. Naquele mesmo dia, convidei-o para jantar na minha casa. Não devia ser fácil ser trocado por um revendedor de lambretas. Eu me lembrava bem da ex-esposa de Lamadrid, arquiteta, leitora de poesia, uma mulher muito interessante. Acabar dessa forma, com um revendedor de lambretas? Como teria acontecido? Não deve haver muitos revendedores de lambretas em Barcelona. Veja como são as mulheres, pensei, ao rever os olhos de cabra morta de Lamadrid. As

melhores, como Carmen, as mais talentosas, as mais gostosas, acabam sempre com o entregador de pizzas. Precisam de uma atenção servil que nós, cerebrinos, não somos capazes de oferecer. Estamos ocupados demais, estudando, criando ou ganhando dinheiro. E então chega um revendedor de lambretas, e pronto, assunto resolvido.

Definitivamente, Lamadrid não era o mesmo galã sedutor que eu conhecera anos antes, em Londres. Do velho Lamadrid, somente os olhos dependurados, só isso. No mais, o homem era só farrapo, cheio de dor para dar. Depois de duas doses de uísque, apresentou uma teoria bastante científica sobre a tendência biológica do ser humano à traição, que lera numa dessas revistas semanais. "Pau duro significa bombeamento de sangue. Até para trair, o macho trabalha mais. Já as mulheres não precisam de nada. Abrem as pernas e pronto, assunto resolvido." Para ele, a ideia de fidelidade era "uma falácia catalogada". "Os cientistas afirmam que até os piolhos traem."

Talvez esse discurso científico consolasse Lamadrid.

"O que aconteceu com Carmen?", perguntei. Houve um minuto de silêncio, Lamadrid manteve a vista baixa, como uma vaca laçada. Teria sido um espetáculo sórdido, com detalhes miseráveis, se Marie não irrompesse na sala, com a pele brilhando debaixo da roupa colorida de ginástica. No mesmo instante, o misógino abandonado se transformou num ser cuja única função era fazer elogios à minha mulher. Fiquei estupefato com a metamorfose. Como num passe de mágica, o cadáver se transformou numa figura esguia, de cabelos muito pretos e pele muito branca, gestos elegantes e orelhas pontudas, como o demônio. Eis o violinista, pensei. Eis que surge o violinista. Assim, diabólico, sedutor, enlaçando Marie numa longa

conversa sobre violinos, cheio de risotas e galanices, que entravam pelos meus ouvidos e se instalavam nos nervos.

Naquela noite, por causa do vinho, Marie não demorou nem um minuto para dormir, mas eu fiquei ali, louco de raiva, sem ter o que fazer, rolando na cama, com a música de Mignone, que estudara durante a tarde, ecoando perfeita na minha cabeça como um bicho selvagem. Por que estava tão agastado com Marie, se afinal fora o cadáver quem jogara charme para minha mulher? Um bom filho da puta, o Lamadrid. Carmen fizera muito bem em trocá-lo por uma lambreta. "A Marie é a única nesta mesa que come direito", ele falou, elogiando o fato de minha esposa não devorar, como ele próprio, o prato de massa que eu mesmo preparara. Os jargões cretinos do violinista faziam sucesso com Marie. Divertiam-se os dois. A gargalhada de Lamadrid trotava no meu cérebro, levando-me a efabular coisas excruciantes.

No meio dessa agonia, senti Marie, nua, enfiando as pernas entre as minhas. Foi uma espécie de facada boa, uma onda de eletricidade que atravessou meu corpo e incendiou tudo. Finalmente eu voltava a ser o que era. Fui depressa até o espelho do banheiro e fiquei alguns minutos me observando, eufórico, como era bom ter meu pau duro de volta. O que é, afinal, um homem sem isso? Para que servem a memória e o talento, se o nosso pau não sobe? Voltei para a cama, Marie me cingiu nos braços, sonolenta, e enquanto fazíamos amor, era só nisso que eu conseguia pensar: coisa boa que é ter um pau bem duro.

Tivemos uma manhã pacífica: tomamos café, ajudei Marie a lavar a louça e ajeitamos a casa. Havia alguns dias que estávamos sem empregada. Marie ainda tentava me convencer a recontratar Jânia, brigávamos por conta disso, mas eu não estava disposto a ceder. "Vamos ficar um tempo sem ninguém", eu dizia.

Quando fomos até a banca comprar jornal, perguntei o que ela achava de Lamadrid.

“Um chato. Fala muito e se acha o fodão.”

Voltamos para casa de mãos dadas, eu me sentindo mais tranquilo, não havia motivos para temer o espanhol.

No caminho para o teatro, conversamos sobre a possibilidade de uma viagem a Israel. A sugestão fora minha, mas Marie não se entusiasmou. “Não sei se eu gostaria de voltar agora”, ela disse. “Minhas amigas me deram um manual quando cheguei a Jerusalém. Evite multidões. Evite ônibus. Compre tudo o que puder pelo telefone. Na época, todas as lojas já ofereciam serviços de televendas e entregas em domicílio. Agora, tudo deve estar pior. E vai continuar ruim enquanto o Sharon estiver no poder.” Combinamos ir para a Grécia, fiquei de ver minha agenda para programarmos nossas férias.

Resumindo, estávamos em paz.

Qual não foi a minha surpresa ao notar, pouco tempo depois, que Marie não estava a postos para o nosso ensaio quando entrei no palco? Nem Lamadrid. Os dois apareceram com um atraso de quatro minutos, Lamadrid sem nenhum vestígio da depressão suicida, e Marie, alegando que fora mostrar o prédio ao violinista. Eu a fizera ter gozos oceânicos a noite inteira, meu pau estava todo escalavrado de tanto foder, e ela se prestava a ciceronear aquele bode? Meu estômago começou a doer quando notei que Lamadrid segurava o estojo do violino de Marie. “Um chato”, ela havia dito. No entanto, estava lá, paparicando o rapaz.

Os dias seguintes foram difíceis. Lamadrid era dono de uma técnica violinística extraordinária, mas não era esse o único motivo de sua popularidade na minha orquestra. Os músicos estavam literalmente enfeitiçados por aquela cabeleira espanhola. Melhor

dizendo: por aquela franja. Tudo o que se via, enquanto ele tocava, era uma franja enorme, que só faltava falar. Era quase um ser, aquela franja. Depois dos ensaios, os músicos batiam os pés, para cumprimentar a franja, e eu mal conseguia disfarçar minha irritação. Era impressão, ou ele e Marie trocavam olhares? “Ataquem juntos”, eu gritava, sem conseguir que os violinos tocassem de forma uníssona. Faziam tudo errado, os imbecis, e eu não parava de falar que estava insatisfeito. “Vocês estão péssimos”, dizia. Por crueldade, fiz com que alguns violinistas tocassem individualmente. Marie foi a mais castigada.

Outros episódios levantaram minhas suspeitas. No intervalo de um ensaio, vi os dois na cafeteria, conversando. Vi também que Marie lhe emprestou nosso guia de restaurantes paulistas. Em casa, ela não desgrudava do celular, levava-o até para o banheiro. Em alguns telefonemas, falou de maneira lacônica, como fazem os amantes. E, numa terça-feira à noite, simplesmente sumiu, chegando em casa às onze horas. “Eu falei que era aniversário do tio Moisés”, ela me disse. “Entrei na sua sala quando você estava em reunião com os produtores só para dizer isso.” Ela de fato entrara na minha sala, mas eu não me recordava nada de tio-moisés. Aliás, nunca ouvira falar nesse tio. E por que mantivera o celular desligado?

Na quarta-feira, percebi que Marie evitava olhar para Lamadrid. Foi como se eles me passassem um recibo, não queriam que eu notasse a intimidade entre os dois.

Lamadrid foi ousado o suficiente para me convidar para um almoço. Levei Marie, queria ver até onde os dois eram capazes de chegar. Foi bastante desagradável. Acabei perdendo a compostura quando Lamadrid, cuja mãe era americana, comentou que o frescor

de nossa orquestra tinha a ver com a nossa falta de tradição em música erudita.

“Quem te falou essa bobagem?”, perguntei. “Quando os antepassados da sua mãe matavam índios, nós já compúnhamos motetos para dezesseis vozes.”

“Ele não teve intenção de te ofender”, Marie comentou mais tarde.

“E o que você tem a ver com isso? Qual o seu interesse no franjão?”

Depois do ensaio da tarde, cancelei meus compromissos e, quando Marie deixou a garagem da orquestra, já estava no carro, pronto para segui-la. Itinerário: Consolação, avenida Paulista, uma rota diferente da que ela costumava percorrer. Havia me dito que iria para casa, e, no entanto, lá estávamos, descendo a Augusta. Marie não percebeu minha presença nem mesmo quando enveredou pelas ruas tranquilas do Jardim Europa. Embicou o carro na garagem da casa dos pais, que tinham viajado para o exterior. Que local melhor para um encontro clandestino? Quem suspeitaria?

Estacionei no quarteirão seguinte e caminhei até a casa, pensando que as pessoas são sempre o que pensamos que elas são. São só aquilo, nada mais. Não conseguem nunca ser um pouco melhores. Mas podem ser terrivelmente piores, é verdade. Não há limites para o quanto elas podem ser horríveis e detestáveis. O quanto podem mentir e enganar. Não há fim para esse tipo de porcaria.

Caminhei pelo jardim, contornando a casa, entrei pela cozinha e fiz sinal aos empregados para que não anunciassem a minha presença.

Encontrei Marie no salão, falando ao telefone. Ela desligou assim que cheguei.

“Oi, amor. Você está bem?”, perguntou.

Ajeitei meu cabelo. Peguei o aparelho que ela usara e dei redial.

“Vim falar com seu pai”, eu disse.

“WJSP Segurança”, ouvi a voz feminina do outro lado da linha. Desliguei.

“Meus pais viajaram”, falou Marie. “Pensei que você soubesse. Para quem está telefonando?”

Coloquei o aparelho no gancho. “Para a orquestra. Ocupado.”

“Vim ver o que está acontecendo com o alarme da casa”, explicou. “Dispara a toda hora, os técnicos vão chegar daqui a pouco.”

Olhei fixamente para Marie. Ela começou a mexer nas pastas que estavam sobre a mesa de centro, cheia de papéis.

“Não quer almoçar comigo? A Dalva está fritando pastéis.”

Saí de lá depois de ouvir o parecer dos técnicos sobre o alarme, com a barriga cheia de pastéis, me sentindo um pouco idiota, meio arrependido, mas isso durou só algumas horas.

No dia seguinte, já acordei desconfiado. Desmarquei alguns compromissos só para acompanhar melhor aquele imbróglio. Chequei o celular de Marie, anotei os números registrados nas “chamadas recebidas”. Liguei para cada um deles, procurando pistas. Confrontei as informações que ela me passava. Telefonei para o dentista, perguntei se ela havia estado lá. Fiz o mesmo com o cabeleireiro, onde ela disse ter cortado o cabelo, muito embora eu não conseguisse ver o tal corte.

Perdi o sono naquela semana. Esperava Marie dormir e ia para a sala, vasculhar sua carteira, agenda, bolsa. Até as partituras eu conferia, as anotações, procurando algum código secreto, alguma conspiração. Você vai encontrar, dizia a mim mesmo. Continue. Mexa em tudo.

No dia do concerto, eu me sentia especialmente mal. “Você acha que um homem que acabou de ser trocado por um revendedor de lambretas pode ficar feliz desse jeito?”, perguntei a Adriana.

“Preciso ver que antidepressivos ele toma. Quero para mim também. Viu como ele penteia o cabelo?”

Corri tanto com a orquestra naquela noite que fiz Lamadrid parecer um rato envenenado, saltando frases e me buscando desesperado com os olhos. Havíamos combinado um ritenuto para a frase final, mas não mantive o andamento suspenso e deixei que Lamadrid se espatifasse sozinho.

O concerto foi um desastre. Mas a plateia, aquilo que alguém definiu como “essa abrangente qualquer coisa que não é nada”, provavelmente não percebeu. Nunca sabe de nada a choldra. Para ela, tudo é feijoada, e o bom é empanturrar-se. Os críticos também deviam estar felizes, afinal é sempre mais confortável destruir do que louvar.

No camarim, Marie veio perguntar o que havia acontecido.

“Pergunte ao gola rulê”, eu disse, referindo-me a Lamadrid. “Foi ele quem estragou tudo.”

Eu estava bastante agitado, e me incomodou notar a tranquilidade de Marie. “A sua calma fura o meu estômago”, disse. Falei também que sua maneira de me olhar, como se compreendesse tudo, acabava com os meus nervos. “Odeio a sua compreensão. Por que você não grita às vezes? Um dia, vou te ensinar a chutar portas.”

Quando Marie deixou o camarim, com seu ar superior, meu pescoço estava tão rígido que eu mal conseguia respirar. Não havia nenhuma posição em que me sentisse confortável, minhas costas doíam muito. Maestros vivem com dor nas costas, essa é a verdade.

“Você não anda nada bem”, disse Adriana, começando a massagear minha nuca. Muito bom o toque de suas mãos. Senti um calor descer pela espinha, levantei-me, apressado.

“Estou indo”, falei.

Adriana tentou bloquear o meu caminho. “Não quer que eu faça uma massagem?”, perguntou.

Eu já havia me metido em muita confusão por causa dessa história e aprendera a lição direitinho: quando é para receber massagem, o melhor mesmo é pagar um japonês.

Basta que eu abra os olhos, e pronto, já estou acordado, operando. Mas, naquela manhã, foi como se tivesse que ser alçado de algum lugar muito distante, de um poço profundo, como se viesse à tona aos poucos, rebocado. Ouvi passos pela casa, palavras engroladas, o telefone não parava de tocar e, do banheiro, vinha uma fragrância boa de xampu. Não conseguia me movimentar nem para me livrar dos cobertores, embora transpirasse muito. Era isso que os soníferos faziam comigo, transformavam-me numa pasta de carne, sem forças para nada. Abri os olhos e, antes mesmo de perguntar a Marie aonde ela estava indo com aquelas malas, lembrei-me de uma parte do sonho que tivera durante a noite, em que eu arrancava a cabeça de um homem e depois, apavorado, com medo de ser preso, enfiava as duas partes do cadáver num bueiro na esquina da alameda Itu com a Bela Cintra. Conteí a Marie. Falei que, no sonho, alguém me informava que o bueiro por mim utilizado era o mais sofisticado de São Paulo, pois tinha um sistema centrifugador bastante eficaz, e que eu escolhera o melhor, considerando a tragédia toda.

“Sabe de quem é essa cabeça?”, perguntou Marie, sem deixar de dobrar roupas e acomodá-las na bagagem. “É sua. Você está arrancando a sua própria cabeça.”

Perguntei-lhe se ia viajar, e ela me informou, com muita firmeza, que estava me deixando. A vingança do gola rulê, eu disse a mim mesmo, pensando que pior do que ser trocado por um revendedor de lambretas era ser trocado por alguém que fora trocado por um revendedor de lambretas. Comecei a rir.

“Jânia me contou tudo”, disse Marie.

Eu queria perguntar, ou melhor, negar, negar veementemente, qualquer coisa que Jânia pudesse ter inventado, mas era como se estivesse bloqueado, entupido. Fiquei na cama, paralisado, observando o estrago. Marie fez um discurso enorme, disse que não conseguia entender como eu fora capaz de pagar a nossa própria empregada para vigiá-la, que jamais pensara que eu pudesse fazer algo tão pequeno, tão sórdido. "Você não tem nada para me dizer?"

Tentei falar alguma coisa, mas, de minha boca, saiu um som cavernoso, que mais parecia um grunhido.

"Imagino que meu telefone esteja grampeado, também. Talvez você tenha contratado algum detetive para me seguir. É isso? Afinal, o que foi que eu fiz para você agir dessa maneira? Como é que você pode ser tão desconfiado, tendo uma mulher como eu? Não sei se isso é demais para você, mas a verdade é que eu te amo. Quem fez esse estrago em você? Não fui eu. Nem Teresa. Teresa, até onde eu sei, foi uma grande mulher. O que há, então? Por que transformar nossa vida nesse inferno? Uma coisa são as nossas brincadeiras de posse, outra é isso que você está fazendo. Você vive dizendo que não é judeu. Que eu não te perdoo por não ser judeu. Por que diabos isso te incomoda tanto? Você não é judeu. E nada vai te transformar num judeu. E eu não quero que você seja judeu, se quisesse ser casada com um judeu, simplesmente casaria com um judeu. Você tem ciúmes até das minhas leituras sobre Israel. Bisbilhota meus livros para ver o que eu assinalo. Se me interessa por quem vai ocupar a posição do Arafat, se me interessa com as mulheres no exército israelense, se leio sobre os muçulmanos que se candidatam a homens-bomba, se fico grudada na CNN, você se incomoda, porque isso não tem a ver com você, não é a sua questão. E você não entende como você pode não ser o centro de todas as coisas da minha vida. E se aparece alguém novo na

orquestra, a primeira coisa que te passa pela cabeça é que vou me atirar correndo nos braços dessa pessoa. Sabe por que eu não fui para a cama com o Rodrigo, com o Sandorsky, com o Lamadrid? Porque eu não quis foder com ninguém. Nem eles quiseram. Talvez o único que desejou isso tenha sido você. Talvez você fique feliz com essa ideia. Talvez precise que alguém te traia, os músicos, a orquestra, seus funcionários, eu. Para você dizer: olha como eu tenho razão, esse mundo é tão filho da puta, que eu só tenho mesmo motivo para odiar. Você não tem amigos. Quem é seu amigo? Até agora, só vejo você com os maestros convidados. Nem a Eduarda tem espaço na sua vida. Você odeia todo mundo. Odeia minha mãe. Odeia meu pai. Odeia Teresa. Odeia minha avó. Odeia o spalla. Você de costas para o mundo, o mundo de costas para você, acho que esse é o seu projeto de vida. Eu estou cansada dessa sua atitude. Do seu mau humor. Da maneira horrível como você trata os músicos. Quem está traindo nesta casa é você. Você me traiu quando ofereceu dinheiro a Jânia. Eu aceito desculpas. Isso não vai me fazer ficar aqui, mas seria ótimo se você ao menos dissesse que está se sentindo mal com toda esta história. Fale alguma coisa. Por favor, fale alguma coisa.”

Ficamos alguns minutos em silêncio. Marie se sentou na cama, cobriu o rosto e chorou por um tempo. Não era verdade que eu pagara nossa empregada para espiar Marie. Eu simplesmente dava dinheiro a ela e cansei de ouvir seus agradecimentos. A mãe fizera uma cirurgia nas pernas graças ao meu dinheiro. O curso de computação do sobrinho, ela também devia a mim. Sem falar da aquisição da TV e da máquina de lavar. Mas as pessoas, como já foi dito, vingam-se muito bem dos favores que lhes prestamos. Jânia abusara, passara a me chantagear e, quando eu dei um basta, pondo-a no olho da rua, a diaba se revoltou e procurou Marie com

um monte de mentiras nojentas. Não devia jamais ter lhe oferecido dinheiro. Nem sei por que fizera isso. Nunca fui religioso, mas havia dentro de mim uma força tão potente quanto a crença em santos, ou a fé em Deus, é para alguns, impulsionando-me a tomar determinadas atitudes. Eu me obrigava, por exemplo, a tratar bem os médicos – muito embora os odiasse –, “acreditando” que, não sendo simpático com eles, corria sempre o risco de receber a notícia de que estava com câncer. Como explicar esse tipo de idiossincrasia a Marie?

Senti um carinho imenso por ela naquele momento, tive vontade de me sentar ao seu lado, enxugar suas lágrimas, explicar toda a confusão, mas simplesmente não fiz nada. Deixei que ela chorasse bastante, que se levantasse e fosse embora, levando as malas.

Assim que Marie saiu, liguei a televisão. Demorou para entrarem as notícias sobre o conflito no Oriente Médio. A política antiterrorista de Israel não seria mais a mesma, dizia a reportagem. Agora Israel iria reocupar as áreas palestinas, enquanto persistissem as ações violentas. De alguma forma, aquelas notícias sobre Israel faziam com que eu me sentisse próximo de Marie. Pensei em lhe telefonar. Mas não me sentia capaz para fazer nada.

Passei o resto da manhã na cama, embaixo do edredom, com o ar-condicionado ligado, sentindo-me oco, sem ânimo para coisa alguma. Não me mexi nem quando ouvi a voz de Adriana na secretária eletrônica, informando que o presidente da Associação Pró-Sinfônica estava me aguardando na orquestra.

Dormi e acordei muitas vezes, sempre com a sensação de estar tendo pesadelos horríveis, embora não conseguisse me lembrar de nada. Minha cabeça latejava, e foi com grande dificuldade que cheguei até a porta, quando a campainha soou. Se for a Rachel, pensei, vou ver se ela tem Tonopan. Na verdade, o que me fez

levantar foi pensar que minha vizinha teria mais novidades da filha. “Ela está tendo problemas no banco”, dissera Rachel havia alguns dias, “por causa de outra mulher. Você sabe, para acabar com uma mulher, nada como outra mulher. Não sei como funciona uma orquestra, mas na vida real é assim, jamais se pode confiar numa mulher. Se você trabalha com uma, se é hierarquicamente superior a ela, é bom saber: ela vai derrubar você. E, se você é mulher, pior ainda, porque as mulheres não querem só pegar o seu lugar, querem também acabar com você.” Rachel me contara histórias terríveis sobre a batalha que Ester enfrentava, e desde então eu lhe perguntava todos os dias se sua filha fora despedida. “Ainda não”, respondia ela. Impressionante como as pessoas demoram para tomar decisões. Nem sei por que aquele assunto me interessava tanto, mas, às vezes, no intervalo entre os ensaios, eu ligava para minha vizinha para saber se algo ocorrera. Havia uma expectativa no ar, e devo dizer que isso acabou por me unir mais a Rachel.

Quando abri a porta, dei de cara com Eduarda, minha filha, com quem não falava fazia mais de três semanas. Só quando Teresa saiu do elevador, com o cachorro e as malas, lembrei-me do compromisso assumido dias antes, pelo telefone. Minha ex-mulher passaria o mês fora e queria que “a filha ficasse com o pai”. Discutimos bastante na ocasião, senti-me profundamente ofendido pela maneira como ela dizia “ficar com o pai”, acusando-me de ausência. “Você é ausente”, ela dissera, “isso não é uma acusação, é um fato.” Uma sensação gélida percorreu meu corpo quando Teresa me disse que, além de Eduarda, o cachorro também ficaria comigo. “Eu e Cláudio não podemos levar.”

“Que Cláudio?”, perguntei.

Teresa riu. “Não se faça de bobo.” Todo mundo já sabia, garantiu-me. A notícia saíra até em coluna social, comentou, demonstrando

um certo orgulho. Ela sempre gostara de coluna social, essa era a verdade. Quando estávamos casados, era a primeira coisa que lia. Antes mesmo de checar se o jornal trazia ou não alguma crítica de meus concertos, antes de ver a cotação do dólar, as tragédias todas, notícias da nossa economia desastrosa, ela conferia quem tinha ido a que festas, jantares, quem tinha se separado e quem tinha traído. “Essa gatinha”, dizia, “é um bando de biribas, uns vermes que vivem da nossa carne.” Mas agora, pelo jeito, os vermes eram bons. Teresa e Cláudio, meu assistente, estavam juntos na coluna social. “Firmes”, ela salientou. Cláudio estudava uma proposta de assumir a orquestra de Fort Worth, Texas. Viajariam naquela noite para os Estados Unidos.

Não ouvi mais o que Teresa continuou a dizer, fiquei surdo por alguns instantes, zozzo, pensando que houve um tempo em que eu gostava tanto de Teresa, tinha tanto carinho por ela, que chegara a pensar em matá-la, só para não lhe dar o desgosto da separação. Quando Marie voltou de Israel, colocando nosso romance na base do tudo ou nada, gastei dias pensando numa boa forma de matar Teresa. Jamais quis que Teresa sofresse, jamais. E agora ela me dizia que estava namorando o meu assistente.

Eu passara os últimos cinco anos recebendo elogios de Cláudio, havia tempos o filho da puta falava para todo mundo que eu era seu mestre, devia ter desconfiado, ninguém faz tantos elogios assim sem sentimento de culpa. Ainda mais se você é um músico. Nunca acredite nessa bobajada que se diz em camarins. Elogios, conosco, só pelas costas.

Só ouvi a parte final do blá-blá-blá de Teresa: “Estamos envolvidos.” Esse era o tipo de expressão que Cláudio adorava: “Estou muito envolvido com Mahler”, dissera-me dias antes. Meu Deus, como pude não perceber? Todo aquele seu papo sobre

formação de plateia, que consistia basicamente em agradar aos medíocres, embora ele tentasse glamorizar tudo, supervalorizando o Ph.D. que fizera em Chicago, tudo aquilo já era parte do plano, e eu nada percebera. Ele roubara minha mulher e certamente estava levando a orquestra também, o filho da mãe. Estavam conspirando contra mim. Seu sonho era me tirar da orquestra. E, por isso, ele viajava tanto, para disfarçar. Dizia que estava vendo algumas orquestras fora do país, mas, no fundo, estava mesmo era de olho na minha.

“Ele é dez anos mais novo que você”, eu disse a Teresa.

“E daí?”

“É meu assistente.”

“E daí?”

“Não percebe que ele só está com você porque você é minha mulher?”

“Eu não sou sua mulher.”

O cachorro exalava um cheiro nauseante, fui buscar minha cânfora no banheiro e, quando voltei, Teresa já havia ido embora. Corri para o interfone: “Peça para Teresa me esperar”, disse ao porteiro.

“Se você quiser conversar sobre o Cláudio, desista”, ela disse, quando saí do elevador.

Eu não queria conversar sobre Cláudio, queria que ela levasse o cachorro embora, só isso. Demorei para começar o assunto, sentia uma estranha dificuldade para articular minhas ideias. Na verdade, fiquei tentando decifrar o que havia de novo no rosto de Teresa, não foi imediata a constatação de que seus lábios estavam intumescidos, proeminentes, certamente injetara qualquer porcaria neles. Por que as mulheres faziam aquilo? Todas agora tinham aquele beicinho de artista de cinema. Triste envelhecer daquela forma.

“Você está muito bonita”, eu disse.

Ela me olhou com desprezo.

“Marie acabou de me deixar”, continuei. Não estava fazendo nenhuma proposta evidentemente, jamais me passou pela cabeça reatar com Teresa, queria apenas mostrar como a minha situação estava complicada, queria convencê-la a subir até o meu apartamento para tirar aquele cachorro enorme de lá. Mas Teresa confundiu tudo, achou que eu estava propondo uma reconciliação. Começou a rir e a falar: “Não seja ridículo. Não há a menor chance para nós dois, sabe por quê? Porque nunca houve. Nunca te amei. Só hoje me dou conta de que sempre fui infeliz com você. Precisei me separar para descobrir isso. Fazemos sexo todos os dias, eu e Cláudio, sabe o que é isso? Ele me adora, me trata como uma deusa. E vem você me dizer... não seja ridículo.”

“Volte lá e pegue aquele cachorro”, gritei, enfurecido.

Teresa entrou no carro, sempre rindo e repetindo: “Não seja ridículo”, e partiu. Fiquei ali, me lembrando da nossa separação. Bem que ela me avisara. Quando saí de casa, fez questão de me intoxicar com as palavras *marido*, *adulterio*, *divórcio*, *amante*, *advogado* e a frase “Vou acabar com você”.

“Quero que você seja feliz”, eu dissera na ocasião.

“Quero que você e a felicidade se fodam.”

No elevador, pensei que Teresa só podia estar se vingando ao colocar um labrador dentro da minha casa.

Ver o cão completamente à vontade aumentou-me a irritação. Dei dinheiro para Eduarda almoçar em algum lugar. “Leve o cachorro”, disse.

Tomei uma ducha, me vesti, sofrendo, não com a traição de Cláudio. Quando se é maestro, aprende-se logo a lidar com isto, a perfídia. É a nossa primeira lição: fuja dos que lhe chamam de

mestre, porque amanhã são eles que vão puxar o seu tapete. Com isso, eu lidava bem. O que me dava aquela agonia era saber que Marie me abandonara e que havia um cachorro dentro da minha casa. Telefonei para o Homero antes de sair. "Passe aqui", ele disse, "vamos conversar." Foi o que fiz.

"Como andam as coisas?", perguntou, assim que me acomodei na poltrona diante de sua mesa.

Contei, de uma maneira frenética, tudo o que me ocorrera nas últimas horas, o cachorro, o violinista demoníaco, Marie, Cláudio e sua conspiração. Homero me ouviu com tranquilidade e depois insistiu na questão dos remédios. Não deixei que fosse adiante, falei do prodígio de minha memória, da importância de reger de cor e de como a química era destruidora nesse aspecto. Contei-lhe que, depois de ter suspenso a medicação, mais do que memorizar as partituras, passei a ser capaz de colocar-me questões como: "Qual foi o primeiro programa que fiz na temporada de 1986?" Ou: "O que almocei na segunda-feira da semana passada?" Disse-lhe que conseguia me lembrar de tudo, ou quase tudo, embora isso me desse bastante trabalho. E muito alívio também quando a questão se resolvia. Propunha-me divisões complicadas, sem papel, sem caneta, e demorava um bom tempo, mas havia um momento em que os números apareciam dançando na minha mente. Nada disso era bom, segundo Homero.

Falou-me sobre a minha relação com Marie, disse-me que meu ciúme não era normal, que tudo o que eu lhe contava sobre inveja, desejo de posse, suspeita, emulação, competição, rivalidade, despeito, contas, repetição, alívio, receio de perder alguma coisa, eram distúrbios provocados por uma patologia. Meu mal tinha nome: transtorno obsessivo compulsivo, Toc, como diziam os especialistas. "É por isso, por exemplo, que você telefona diversas vezes para

Marie, os rituais de verificação são sintomas da sua doença.” Disse que meu comportamento bizarro, a desconfiança excessiva e infundada de Marie, “tudo isso faz parte da doença”. Otelo era portador desse mal. E José, da ópera *Carmen*. “E Pozdnychev, lembra? Da *Sonata Kreutzer* ? E para citar alguém de carne e osso, Freud. A vida da mulher dele era um inferno. Sabia que Frank Sinatra certa vez interrompeu um show para telefonar para Ava Gardner? Por quê? Porque estava doente. Uma doença física, como o câncer. Temos material científico que prova que a doença tem a ver com a diminuição de serotonina no organismo, uma enzima ligada à autoestima.” O que mais gostei foi quando Homero me explicou que a palavra *Eifersucht*, “ciúme” em alemão, tem no seu significado a ideia de mexer com o fogo, *Eifer*, “arder”, e *sucht*, “vício”. Ou seja, ciúme é o “arder doentio”. “Você está doente”, ele disse, “e precisa se tratar.” Falou que meu quadro se complicaria sem os remédios.

Não me agradava nem um pouco a ideia de voltar a tomar remédios, meus argumentos eram mais fortes que o dele, afinal o que pode ser mais importante que o nosso pau duro e a nossa memória?

Cheguei à orquestra me sentindo um pouco melhor. Falei com o pessoal da administração, mandei despedirem Cláudio. “Ele não está mais contratado”, disseram, “não quis renovar o contrato.” Aquilo acabou comigo. Como não me contaram? Eu não mandara renovar? Sim, mandara. Mas fora o próprio Cláudio quem não quisera. “Está ganhando por concerto”, me informaram.

Demiti o gerente da orquestra. Assim, eles aprendiam a obedecer às minhas ordens.

Trabalhei o dia todo, não pensei em nada, trabalhei apenas. Vez por outra, um furacão de lembranças passava por mim, Marie,

Cláudio e Teresa, o cachorro, e minha boca ficava com um gosto ruim, ácido. Toda vez que isso acontecia, eu chamava alguém da minha equipe para fazer uma reunião.

À noite, estava saindo, Adriana me pediu uma carona. Durante o trajeto, não parou de falar, mas eu só prestei atenção nas suas pernas firmes. Quando chegamos à porta do prédio, ela colocou minha mão sobre seus joelhos e me convidou para tomar uma Coca light. "Vamos subir", disse, "vai ser bom." Eu estava cansado, triste. Mas subi e fui para a cama com Adriana.

“Café da manhã na cama”, disse Adriana, entrando no quarto completamente nua, com duas latas de Coca light, gelo e limão. Olhei no relógio, passava das dez. Ela pôs os refrigerantes na mesa de cabeceira, ajeitou os travesseiros e deitou-se ao meu lado. “Coisa boa que é foder, não é?” Depois da nossa farra, uma confusão de sensações tomou conta de mim. Exausto, doido para sair dali, ouvi toda a história do alcoolismo de Adriana, desde quando ela começara a beber vinho com o pai, aos domingos, até os episódios de vômitos, sarjetas e escândalos. O que me arrasava especialmente era perceber que não fazia nenhum sentido nós dois ali. Só perdíamos, os dois. Mas Adriana inventara, com base num estranho silogismo, que eu, gostando de Coca light tanto quanto ela, só poderia ser também um ex-alcoólatra, e, por esse motivo, ela me considerava “um cara especial”. Parar de beber, para certas pessoas, é uma espécie de religião. “Na verdade, eu não gostava da bebida. Meu negócio era ficar bêbada. Você não sente vontade?”, ela perguntou várias vezes. Não adiantou eu explicar que nunca fora alcoólatra, ela continuou me tratando como um ex-viciado. Em algum momento da nossa conversação, tive a impressão de ouvir um eu-te-amo, foi essa a razão que me fez me levantar tão bruscamente. Nunca entendi por que as mulheres fazem isso, mal dormem com você, já começam a falar de amor, pensei, procurando minhas roupas. Colocar sexo e amor num único pacote deve ser uma patologia feminina. Nós, os macacos, não associamos sexo a nada. Sexo é sexo.

Enquanto me vestia, contei a Adriana que lera no jornal uma notícia sobre a síndrome do panda, uma inaptidão sexual que ocorre

com os ursos asiáticos. Expliquei que os bichos, grandes como os gorilas, não trepam porque dá muito trabalho enfiar o pau do tamanho de um dedo mindinho na boceta da urso. “O mundo todo está assim”, eu disse, “ninguém mais quer foder. Dá muito trabalho”, concluí.

Adriana entrou no banheiro e voltou metida num roupão acetinado, cheio de rosas vermelhas. “Que papo é esse de panda?”

“Você quer ser mãe?”, perguntei.

“Isso faz parte das eliminatórias?”

“O quê?”

“Eu digo: sim, quero ser mãe e vou para o espaço?”

Abracei Adriana, rindo. “A resposta é não. Não quero ser mãe. Quero trepar com você. Quero ser amante, namorada. Quero que você me foda e me faça gozar. E quero me divertir. Isso faz você se sentir melhor?”

Concordei. “Você está fodido comigo”, ela disse. “Ao contrário daquelas cantoras que aparecem lá, eu sou inteligente. Aliás, antigamente eu achava que era papo furado essa história de cantor ser burro, hoje sei que é verdade. Os caras só ouvem, o mundo vem pela orelha. Não leem nem bula de remédio. Tenho até uma teoria para a estupidez dos tenores. Muito agudo afeta o cérebro. Cria um vácuo. Eu não sou cantora. Tenho massa cinzenta. Cuidado comigo.”

Quando eu estava entrando no elevador, Adriana me puxou pela camisa e me beijou na boca. “E o eu-te-amo que eu falei foi de mentira. Não acredite em nada do que eu disser enquanto estivermos fodendo, está bem?”

Fazia um calor infernal. Andei até o fim do quarteirão, tapando o nariz para evitar o cheiro horrível da cidade e rindo do jeito de Adriana, “assistente”, como gostava de se intitular. Zanzei um bocado até lembrar que estacionara meu carro dentro do prédio

dela. Voltei para o edifício, não foi fácil ter acesso à garagem, o porteiro não entendia o que eu dizia, e vice-versa.

Assim que entrei no carro, naquele estacionamento que cheirava a desinfetante, fui tomado por uma sensação de solidão e isolamento, fiquei paralisado. Lembrei-me de Marie, logo em que nos casamos, nua, ao meu lado, com um livro que trazia um trecho do Código do Amor, encontrado num manuscrito do século XII. "Escute isto: Regra 23: 'Quem está tomado por pensamentos de amor come e dorme menos', eu como e durmo menos. Regra 25: 'O amor verdadeiro só encontra bem naquilo que pode agradar ao amado', eu só encontro bem nas coisas que dizem respeito a você, sua música, seu pau, suas ideias. Regra 26: 'O amor nada pode recusar ao amor', nunca recusei nada a você e deixei Israel para viver aqui. Regra 15: 'Toda pessoa que ama empalidece diante do amado', eu não me habituo com a sua presença, toda vez que você aparece na minha frente, meu sangue vai embora. Regra 27: 'O amante só pode saciar-se com o gozo do amado', eu só me sacio com o seu gozo. Regra 3: 'Uma pessoa que ama é ocupada pela imagem do amado assiduamente e sem interrupção', e é isso mesmo, penso em você o tempo todo, você, você, você."

E agora Marie havia me deixado. Imaginei seus pais conspirando contra mim em hebraico. Cada vez mais, usavam aquela língua na minha presença, exatamente para que eu não entendesse nada. Eu dominava três idiomas, mas eles conseguiam fazer com que me sentisse inferior por não falar hebraico. Lembrei-me de um jantar na casa deles em que perguntei, mais por educação do que por interesse, sobre o ritual de conversão para os homens. Monique rira de minha pergunta, o que me enchera de fúria. Marie, mais tarde, tentara aplacar minha fúria argumentando que era espantoso para os pais dela, depois de terem visto a própria filha reivindicar sua

identidade judia, ouvir o genro não judeu falando sobre conversão. “Na verdade, eles ficam emocionados. Durante muito tempo, vivemos como não judeus, não frequentávamos sinagogas, nem associações israelitas. Eles jamais se preocuparam em me transmitir o judaísmo. Mas, na adolescência, eu quis ser judia. Fui atrás da história da minha família, quis ir para Israel. Foi por minha causa que eles recuperaram a cultura da comunidade.” Marie se referiu à secularização do judaísmo, à “indiferença judia”, mas nada adiantou, de toda a nossa conversa só ficou nos meus ouvidos a risada carregada de desprezo de Monique. Você não fala a nossa língua, você não pertence. Era esse o significado daquele riso estrepitoso.

Debrucei-me no volante, o coração disparado, uma pressão no peito. Estava confuso, pensei em voltar para o apartamento de Adriana. De repente, tive um acesso de riso. Era sempre assim, eu me sentia como se houvesse uma bolha dentro do meu peito e, quando tentava chorar, não saía nada, ou, então, uma gargalhada como aquela, sem sentido.

De volta ao meu apartamento, encontrei Eduarda assistindo à TV. “Pai”, ela disse. “Agora não”, respondi, indo em direção ao quarto. O cachorro veio atrás de mim, “fora”, falei, “sai”, mas o bicho não tinha a mínima inteligência. Mais que gatos, peixes, mais do que qualquer outro animal, eu odiava cachorros, o servilismo da espécie ataçava meu sangue. Bati o pé, para assustá-lo, e sem querer pisei na sua pata.

“Pai”, gritou Eduarda, socorrendo o cão, que gania com exagero.

“Foi sem querer”, eu disse.

“O nome dele é Nego.”

“O quê?”

“Meu cachorro se chama Nego.”

“Tire o Nego daqui”, ordenei. Eduarda ficou me olhando, perplexa. Só naquele momento me dei conta do quanto ela era parecida com a mãe. Igualzinha a Teresa, o mesmo olhar recriminador, a mesma postura crítica. O mesmo tom de voz também.

Entreí no quarto, furioso comigo mesmo. Desorientado, experimentando toda sorte de sensações, telefonei várias vezes para o celular de Marie e deixei mensagens horríveis, chamei-a de aproveitadora, disse que ela só se interessara por mim para conseguir um lugar na minha orquestra e que era péssima violinista.

Deitei-me, tentei ler, mas não havia paz. Levantei-me, zanzei pelo quarto, aflito, era como se algo fizesse com que eu permanecesse de pé. Comecei a revistar os armários, sem saber exatamente o que procurar. Não havia nada ali. Gavetas vazias. Cabides sem roupas. Conteí os cabides. Depois, debrucei-me na janela, fiquei olhando a movimentação lá embaixo. Talvez Marie voltasse. Conteí nove cachorros, em cinco minutos. Marie não voltaria. Talvez isso fosse bom. Mas não era esse o nosso jogo. Ela havia feito a parte dela, ir embora. O resto seria comigo. O resgate seria por minha conta. Tudo isso ficou, de repente, absolutamente claro para mim. O jogo continuava, afinal. Avançávamos sempre. Observei ainda por mais alguns minutos os transeuntes, eu gostava daquele bairro. Tomei banho, fiz a barba e fui para a casa de Monique.

“Ela não está bem”, disse minha sogra, “é melhor vocês conversarem outra hora.” Não lhe dei a mínima atenção, subi as escadas e entreí no quarto de Marie.

“Vamos embora”, disse, “pegue suas coisas.” Antes que Marie respondesse, abri seu guarda-roupa, procurando uma mala.

“Deixe isso”, ela falou. “Não vou voltar.”

“Você devia telefonar para o Homero. Recomecei o tratamento.”

Abri a porta superior do armário, as malas estavam lá.

“Fico assustada com você. Quando penso que está tudo bem...”

“Ok, foi um erro”, eu disse, interrompendo. “A Jânia nunca devia ter trabalhado lá. Onde arranjo uma escada?”

Marie suspirou, fez sinal para que eu largasse aquilo.

“Não foi a Jânia.”

Achei um guarda-chuva no armário. Com o cabo, tentei alcançar uma das malas.

“Tudo bem”, eu disse. “Acabou. Eu mudei. Prometo.”

Alguma coisa no armário impedia que a mala fosse retirada. Puxei com força. Nada.

“Você não consegue pedir desculpas?”

“O que há com essa mala? Não consigo puxar.”

“Pare de mexer nas minhas coisas. Largue isso e peça desculpas. Isso pode melhorar sua situação.”

Forcei um pouco mais, e, de repente, a mala caiu sobre a minha cabeça e foi parar no chão, fazendo um grande barulho.

“Desculpa”, eu disse. “Desculpa. Você tem toda a razão. Desculpa.”

Marie pegou a mala. Sentei-me na cama, exausto.

“Pegue suas coisas”, falei.

Naquele dia, Marie não tinha certeza de nada, na verdade, estava com medo, confusa. Mas, apesar disso, concordou em voltar para a nossa casa.

No caminho, não me senti alegre nem triste. Seria diferente se ela simplesmente tivesse voltado por conta própria.

“Você mente, você trai, você é sacana e pensa que todo mundo faz o mesmo. Esse é o seu problema”, disse Adriana.

Havíamos acabado de fazer sexo, e lá estava Adriana estragando tudo. “Claro que eu posso ser menos desagradável”, ela disse, “basta que você desligue o celular e pare de telefonar para Marie de cinco em cinco minutos, para saber onde ela está, se chegou, se saiu, e o que ela acha do esporro que você deu nos músicos durante o ensaio. É um pouco demais. Eu me incomodo em ter que ouvir essas conversas, ouvir vocês combinando o filme que vão assistir hoje à noite. E nem venha com esse papo de não-te-prometi-nada. Isso não tem nada a ver com relacionamento, nem com promessa. Só com sensibilidade.”

Fui embora, irritado. Adorava esses encontros na casa de Adriana, no meio da tarde, esses momentos de paz que ela me proporcionava, com almoço preparado por nós mesmos, tudo era muito bom, mas, cada vez mais, eu me exasperava com aquele papo-terapia sobre o meu casamento. “Existe algo de neurótico nessa telefonação”, ela dizia. Admito que eu vinha exagerando, mas não se tratava de uma coisa que eu conseguisse manter sob controle. Só sentia uma certa tranquilidade depois de ouvir a voz de Marie. Se Eduarda atendesse o telefone e me informasse que Marie estava no banho, eu não acreditava. Era preciso ouvir a voz dela. Temia que algo de ruim ocorresse no seu caminho da orquestra para o trabalho. Era como se algo ruim nos rondasse. Os telefonemas afastavam o perigo, era essa a minha sensação. Quanto mais eu telefonava, mais tudo ficava sob controle.

Houve bons momentos entre mim e Marie. Logo que ela voltou, tiramos alguns dias e fomos para Nova York. Eu estava tranquilo, dormia a noite toda, me sentia muito disposto. Fazíamos longas caminhadas pela cidade, sem rumo, de mãos dadas, entrando em todos os lugares que nos interessavam. Marie fez algumas compras, e eu aproveitei para visitar meu agente americano, traçamos planos para o futuro, foi ótimo.

Assim que chegamos a São Paulo, encontrei um postal de Lamadrid endereçado a mim, dizendo que lamentava o que ocorrera no concerto e esperava que pudéssemos voltar a trabalhar juntos no futuro. "PS: Mande um abraço para sua adorável esposa." Perguntei a Marie o que ela achava daquele "adorável".

"Simpático."

"Vocês ficaram muito amigos, não foi?"

"Contato profissional."

"Mas você mostrou o teatro para ele."

"Por educação."

"Você havia dito que fora porque ele pedira."

"Sim, ele pediu, fui gentil e mostrei o teatro para ele."

A partir daí, as coisas entre nós só pioraram. Era comum eu prendê-la na minha sala depois do ensaio, com interrogatórios desse tipo. "Conte de novo aquela história do Lamadrid", eu dizia. Ficava possesso se percebia qualquer incoerência nas respostas, todas anotadas num caderno que comprara especialmente para isso. Gostava também de examinar sua bolsa, abrir sua correspondência e conferir recibos e contas telefônicas. Brigávamos muito por causa de minhas atitudes, ela perdia a paciência, ameaçava ir embora, eu recuava, apelava, falava do meu tratamento, dos vinte miligramas diários de fluoxetina que era obrigado a tomar por causa dela, o que era mentira, pois eu jamais voltara a pisar no consultório de

Homero. Enfim, o jogo continuava, ela ganhando, eu me sentindo cada vez mais instável. Para agradá-la, eu mesmo recortava as matérias que saíam sobre Israel nos jornais. Dez palestinos mortos. Cinco israelenses mortos. Dezenove palestinos mortos. Dez israelenses mortos. E assim por diante. Não paravam de explodir bombas. Mas não era só isso. Agentes israelenses prepararam uma emboscada para matar um ativista do Hamas, escondendo-se numa van de legumes. E agora o governo de Israel equipava trabalhadores estrangeiros de máscaras contra gases. Se os Estados Unidos atacassem o Iraque e Israel fosse atacado por Bagdá, eles estariam preparados. Tudo isso estava nos recortes de jornais que passei a colar na parede de nosso quarto.

Naquela noite, decidi mudar meu método de checagem.

“Fale aqui”, pedi a ela, mostrando o gravador que eu comprara, “não tive nada com Lamadrid.” Disse que, dessa forma, teríamos uma “declaração oficial”. Menti que aquele procedimento fora ideia de Homero “para melhorar a qualidade da nossa relação”. Eu estava agitado demais, pensamentos horríveis vinham à minha mente e não deixavam que me concentrasse em nada. Achei que Marie fosse fazer um escândalo danado, mas ela simplesmente pegou o gravador e fez o depoimento tal como eu sugerira.

No outro dia, saímos juntos de casa para o ensaio, cada um no seu carro. Marie estava linda, de jeans, cabelos presos. “Adoro você de jeans”, eu disse.

Antes do ensaio, recebi o recado de que ela não viria, sentira-se mal no trajeto e fora para a casa dos pais.

Na volta do meu almoço no apartamento de Adriana, encontrei Henri, o pai de Marie, na minha sala.

“A situação está insustentável”, ele disse. Pensei que nossa conversa seria sobre mercado financeiro ou qualquer coisa do

gênero.

“Descobrimos que você não está se tratando. Falamos com Homero. Não queremos mais que Marie volte. Ela ficará conosco a partir de agora. É definitivo.”

Depois que ele saiu, fiquei andando pela sala como um bicho enjaulado. Não queria que a coisa fosse do jeito deles. Era necessário que fosse do meu. Telefonei para Homero e deixei um recado bem grosseiro com a secretária dele.

Às seis horas, liguei para o Henri e disse que compreendia toda a situação, mas que não queria que Marie abandonasse a orquestra. “Ela é muito talentosa. Seria uma grande perda para a orquestra e também para Marie. Não há nenhum outro lugar onde ela possa tocar.”

“Vou falar com ela”, respondeu meu sogro. Desligamos num tom amigável.

À noite, tentei falar com Marie, mas ela não quis me atender. No dia seguinte, no entanto, apareceu para ensaiar. Temerosa, insegura, mal me cumprimentou quando entrei no palco. Sua mãe permaneceu na plateia o tempo todo e sorria para mim toda vez que nossos olhares se cruzavam.

Depois do ensaio, mandei chamar Marie na minha sala. Ela veio, acompanhada da mãe.

“Por favor, Monique, deixe-nos a sós”, pedi. Ela queria a todo custo participar da conversa, mas Marie a convenceu a esperar lá fora, com Adriana.

“Foi a melhor solução para nós dois”, disse Marie, quando ficamos a sós. Deixei que falasse bastante, senti um prazer enorme em escutar todos aqueles clichês de fim de romance que, tempos antes, eu repetira para Teresa.

“Não queria que você ficasse chateado comigo”, foi sua última frase.

“Você está despedida”, falei.

Marie ficou me olhando, sem entender.

“Pode ir embora”, ordenei. “Suma da minha frente.”

“Pensei que...”

“Pensou errado.”

Marie saiu titubeante, antes de começar a chorar, e Adriana entrou logo em seguida, com ar bastante satisfeito. Não fez a menor questão de esconder que ouvira tudo atrás da porta.

“Maestro, você fez muito bem. Melhor cortar o mal pela raiz.”

Demiti Adriana também. Estava de saco cheio de gente achando que me entendia.

“Minha querida Eduarda,

Cláudio acabou de ser contratado e vai finalmente assumir a direção artística da orquestra de Fort Worth. Estamos muito felizes, hoje alugamos uma casa linda, com um grande jardim. Você vai adorar, querida, a cidade é uma graça e fica a poucos minutos de Dallas. Amanhã vou ver a sua escola, já marquei uma reunião com o diretor. Aguarde mais um pouco, querida. Logo irei te buscar. Beijos da mamãe que te adora.”

O cartão-postal chegou quando Eduarda estava na escola. Fiquei aliviado por saber que minha filha tinha “prazo de validade”, como dizia um velho amigo maestro, “essa é a vantagem da separação. Quando os filhos vêm para te visitar, você sabe o dia em que eles estarão indo embora”. Finalmente eu me veria livre daquele cachorrão, cuja especialidade era cheirar boceta de mulheres. É só isso que um labrador faz. Mas, enfim, o que me irritou foi toda aquela história de Cláudio e Fort Worth, aquele evidente clima de hostilidade em relação a mim. “Aguente mais um pouco”, escrevera Teresa. O que significava aquilo? Que era um suplício para Eduarda viver com o pai? Estávamos hospedados no Caesar Park da rua Augusta havia duas semanas, desde que eu deixara o apartamento de Marie.

Logo que Marie me abandonou, Henri telefonou para avisar que “mandaria alguém” buscar as coisas da filha. “Não se apresse”, ele dissera, “pode ficar no nosso apartamento o tempo que for necessário.” Os ricos adoram fingir desapego às coisas materiais. Avisei que deixaria o imóvel deles naquele mesmo dia. Não levei

absolutamente nada comigo. Só alguns livros de Marie, por causa das frases que ela grifara. Mais nada.

Não fosse meu prestígio, nenhum hotel nos aceitaria com o cachorro. Ficamos com duas suítes, Eduarda só podia sair com o animal pelos elevadores de serviço, com o compromisso de jamais cruzar o hall de entrada. Todos se esforçavam para que nos sentíssemos bem ali, mas ela estava sempre com uma expressão crítica ou tediosa, agarrada ao seu pequeno monstro, ouvindo músicas horríveis ou assistindo a porcarias na televisão, jamais querendo conversa comigo. Com a mãe, no entanto, ao telefone, era só entusiasmo. Chegava a entrar em detalhes como a descrição da roupa que estava usando; às vezes, sussurrava as frases e explodia em gargalhadas que me deixavam totalmente descontrolado.

Tínhamos vivido momentos felizes, deliciosos, como o da nossa viagem a Roma, eu sempre fora um pai amoroso, e agora ela e a mãe tratavam Cláudio como se ele fosse alguma coisa. Jamais chegaria a lugar algum o sujeito. Estava muito ansioso para dizer tudo isso a Eduarda, nem consegui deixar o hotel antes que ela voltasse da escola.

“Agunte mais um pouco, querida”, li em voz alta, quando Eduarda entrou no quarto.

“Eu não mexo nas suas coisas.”

“Imagino que você diga à sua mãe coisas muito agradáveis sobre morar com seu pai.”

“Eu só falei que você não gosta do Nego.”

Gritei com Eduarda, disse que ela era uma pirralha e não sabia de nada, não sabia que Cláudio era um traidor.

“Você acha que todo mundo é contra você”, ela rebateu.

“A sua mãe me trocou por alguém que durante anos tentou ocupar o meu lugar na orquestra.”

“Foi você quem deixou minha mãe.”

Eu me sentia totalmente inflamado por dentro, e me irritava o fato de Eduarda responder-me daquela forma. Sempre fora tão obediente e agora me desafiava. Ela e a mãe, sempre juntas.

“Vá para o Texas, vá para Fort Worth. Mas fique sabendo que aquilo nem é Dallas”, falei, “e depois não venha me dizer que quer voltar a morar comigo.”

Quando deixamos o apartamento de Marie, telefonei para Teresa, comunicando que íamos para um hotel. “Até quando você vai fazer a sua filha sofrer com a precariedade da sua vida sentimental?” Teresa sugeriu que fôssemos para a casa dela, “pelo menos lá Eduarda terá conforto”.

O dia começara muito mal naquela manhã. Nada estava bem, na realidade. Os primeiros dias sem Marie foram insuportáveis. Eu acordava, punha cânfora no nariz para tolerar o cheiro de carpete do hotel, pegava o carro e ia para a frente da casa de Henri e Monique. Ficava lá, de tocaia, aguardando Marie sair. No início, queria apenas vê-la. Depois, passei a segui-la, anotar os lugares onde ela almoçava ou fazia compras. E também tentei abordá-la, algumas vezes. Numa sexta-feira, ela tomava um sorvete na Oscar Freire, eu saltei do carro para lhe devolver um livro. Na verdade, havia ali uma frase que ela grifara cujo conteúdo eu gostaria de discutir: “Todo mundo se preocupa com Israel [...] mas você sabe com o que eu me preocupo? Com isto aqui. Os Estados Unidos. Alguma coisa terrível está acontecendo bem aqui. Eu me sinto como na Polônia em 1935. Não, não um antissemitismo. Isso virá, de qualquer maneira. Não; é o crime, a impunidade, gente com medo. O dinheiro – está tudo à venda, e é isso que conta. Os jovens estão cheios de desespero. As drogas são apenas desespero. Ninguém tem vontade de se sentir assim tão bem se não estiver profundamente desesperado.” Eu

queria dizer a Marie que não concordava com aquilo, o problema não era Israel, nem os Estados Unidos. *Autodestruição* é a palavra que explica tudo, eu ia dizer. Somos todos homens-bomba. Vivemos o momento da nossa própria extinção. Vamos acabar com tudo. Era isso que eu tinha para falar.

Mas Marie não me dava nenhuma oportunidade de abordá-la. Não queria me ouvir, tentava fugir de mim e, por isso, discutíamos. “Você não percebe que acabou?”, ela disse, certa vez. “O que eu devo fazer para você entender isso?” Sim, eu compreendia cada palavra, mas ela não poderia voltar para mim? Não poderia me perdoar?

Mais tarde, as coisas ficaram ainda piores. Eu não conseguia mais me controlar com Marie. Nosso último encontro fora lamentável, depois de persegui-la pelas ruas dos Jardins, emparelhei meu carro ao dela no farol, desci e comecei a dizer que ela jamais tivera aula com Sandorsky, que os dois foram amantes e que eu sabia de tudo.

Nem durante os ensaios eu conseguia me livrar dos pensamentos e imagens horríveis que se formavam na minha mente. Lembro-me de ter subido até a minha sala, num intervalo de concerto, e de ter ligado para o conservatório de Tel Aviv, apesar de saber que, por causa do fuso horário, o local estaria fechado. Mas, na ocasião, imaginava que Marie aproveitava os momentos em que eu regia para telefonar para Sandorsky, e que os contatos se davam através do conservatório, pelo fato de o maestro ser casado. Tudo isso era confuso. Por que, por exemplo, eu não considerava a hipótese de os dois se falarem à vontade por celular? Não sei. A ideia do conservatório, dos telefonemas noturnos, eram certezas.

Também não sei explicar por que voltei a imaginar que Marie estava tendo encontros românticos com alguns dos meus músicos. Minha cabeça não tinha paz, cheguei a marcar uma entrevista com

um detetive particular para perguntar sobre grampos. Fui até o escritório dele na rua da Consolação e incomodei-o bastante. Disse que, na minha opinião, quando um homem pensa em grampear o telefone da mulher, ele já é um corno consumado. "É certo que está sendo traído", afirmei. "Nem sempre", respondeu o detetive. "Temos tido boas surpresas." Ele não quis me dar os números, e insinuei ter lido em algum lugar que, em noventa e nove por cento dos grampos, há constatação de traição. "Não temos estatísticas", ele disse, "de qualquer forma, o que o incomoda é a dúvida, não é?" O sujeito sabia tudo sobre foder com a vida dos outros. Falou-me que era capaz de entrar em arquivos de qualquer empresa, ofereceu-me uma série de serviços. Fiquei de pensar e nunca mais voltei lá. Fiquei com nojo de tudo aquilo, inclusive de mim mesmo.

Naquela época, eu estava saindo com Leontina, uma violoncelista russa que era muito amiga de Marie. Os russos trocam o *ó* e o *u* pelo *a*. Falam *pata merda. Albaquaque*. Nem sei por que estou contando isso, talvez porque a graça de minha relação com Leontina fosse apenas essa, eu vivia tentando ensiná-la a pronunciar o *ó* e o *u* adequadamente. Mas foi ela quem me contou que Marie havia sido convidada para fazer uma audição para a orquestra de Fort Worth com Cláudio.

Isso aconteceu no mesmo dia em que Eduarda recebeu o postal da mãe, o que me deu a certeza de que havia uma conspiração contra mim. Estavam me atacando por todos os lados ao mesmo tempo. Almoçávamos juntos, eu e Leontina, e ela demonstrava satisfação com a novidade. Achava que seria bom para uma musicista brasileira tocar numa orquestra estrangeira, como se a Fort Worth fosse uma grande orquestra e não apenas mais uma orquestrinha de província. Mas os russos são assim, para eles qualquer lugar é uma beleza, até o Texas.

Depois do almoço, liguei para Hanna, minha agente, e pedi contatos com o pessoal da Fort Worth. "O que você quer com eles? Posso te ajudar?"

Ninguém podia me ajudar. Peguei os números e telefonei pessoalmente para a orquestra. Atendeu uma tal de Alberta, informando-me que o diretor ainda não chegara. Foi só isso que a deixei falar. "Vocês acabaram de contratar o maestro Cláudio, um mau-caráter que vai acabar com tudo de musical que existe por aí", eu disse. Contei que o despedira e que despedira também Marie, a moça que estava indo para fazer a audição de violino. A mulher tentou me interromper uma série de vezes, os americanos não suportam que você não seja patologicamente objetivo, se você faz qualquer tipo de introito, eles se desesperam, por acharem que estão perdendo tempo. Não há nada mais exasperante para um americano do que a sensação de que está perdendo tempo. Para eles, é algo muito primitivo perder tempo, mesmo para os moradores de Fort Worth. Não deixei a tal de Alberta me interromper.

"Não posso admitir que profissionais sem qualidade usem o nome de minha orquestra para conseguir postos na sua."

"Não tem ninguém da administração aqui no momento. Ligue mais tarde."

Deixei meu nome e número, pedi que o manager da orquestra entrasse em contato comigo. "É urgente", eu disse. Desliguei o telefone, louco para dar esporro em alguém. Às vezes, só me acalmava assim, berrando com os outros. Mas, naquele dia, as pessoas estavam fazendo tudo direito na orquestra. Rosa, a nova secretária, era muito eficiente. Ficara oito meses desempregada e, como todo mundo que vinha trabalhar conosco, passara a se interessar por música. Na primeira oportunidade em que ficamos a

sós, ela me falou que estava “doida por Liszt. O senhor gosta de Liszt?”. Não disse a ela que Liszt era o que se poderia chamar de “a classe média dos compositores”, talvez um dia percebesse sozinha. “Ouça as peças para piano”, respondi. “E Wagner?”, ela perguntou. *Tannhiiuseré* porcaria. *Lohengrin* é quase porcaria. Wagner só presta no *Tristão e Isolda* e no *Anel*. Não falei nada disso, ela que se fodesse.

“Vamos ver a nossa agenda?”

Na verdade, eu sentia saudades de Adriana. Já havia lhe telefonado algumas vezes, deixado recados, mas ela não ligava de volta.

Naquela tarde, decidi passar na casa dela. Adriana abriu a porta e, antes mesmo que eu percebesse seu estado de embriaguez, senti o forte odor de vodca.

Apenas um pé calçado, camisola suja, cabelos desgrenhados, fiquei com pena de Adriana. Ela me abraçou forte, engrolando frases como: “Vamos foder”, “Estou louca para alguém me chupar gostoso”. Levei-a para o quarto.

Coloquei-a na cama, fui para a cozinha, pensando em preparar um leite quente, mas não havia nada na geladeira. Precisei de uma nova dose de cânfora no nariz para andar no meio daquela bagunça, garrafas vazias, restos de comida em panelas que deviam estar ali fazia dias.

Quando voltei para o quarto, Adriana dormia. Telefonei para a orquestra e mandei que Rosa providenciasse uma faxineira, frisando que era algo particular e que eu mesmo pagaria. Liguei para o motorista de Eduarda e dei-lhe uma lista de compras, pedindo que as entregasse na casa de Adriana.

Marlene, a faxineira, chegou antes das quatro. Deu uma boa ajeitada na casa, lavou as roupas, a cozinha, o banheiro, ajudou

depois a guardar as compras que o seu Mário me trouxe e preparou uma canja.

Adriana só foi acordar às oito, ainda um pouco embriagada. Ajudei-a a entrar no chuveiro, dei banho nela, vesti-lhe roupas limpas e penteei seu cabelo. Depois, obriguei-a a tomar a canja, dando-lhe colheradas na boca. Troquei o lençol da cama, e ela voltou a dormir.

Telefonei para o hotel, Eduarda havia saído para passear com o cachorro, me disseram na portaria. Fiquei folheando revistas velhas, com a TV ligada num programa de entrevistas em que um político falava que Israel devia “comprar um território em alguma região”. Telefonei para Marie na casa dos pais, mas agora os empregados já respondiam de cara que ela não estava. “Diga para ela ligar no canal 13”, falei. Queria que Marie ouvisse os absurdos que o entrevistado dizia. “Mas por que Israel tem que sair de lá, e não os palestinos?”, perguntou o jornalista. “Os palestinos ocupam uma área maior e são mais numerosos.”

Ainda continuei ouvindo as besteiras do fulano por mais alguns minutos e acabei dormindo no sofá. À meia-noite, acordei com a voz da Adriana. Ela queria saber o que eu fazia ali. Não se lembrava de nada, do banho, da sopa, “aposto que não foi você quem fez a faxina”. Mostrei-lhe os mantimentos, disse que a achei muito magra, que tinha que se cuidar. Perguntei se precisava de dinheiro, ofereci-me para ajudá-la. Com uma expressão de contrariedade, Adriana me pediu que fosse embora.

“Você precisa se tratar”, eu disse.

“Isso faz com que você se sinta bem?”, ela perguntou.

“O quê?”

“Essa palhaçada de me ajudar.”

“Se quer saber se me sinto culpado por você voltar a beber, não, não me sinto.”

Adriana levantou-se, estava tão frágil, fiquei com pena dela. Acendeu um cigarro, “agora eu fumo também”, disse. Depois, abriu a porta, me chamou de “maestro escroto”, falou que não precisava dos meus “conselhos idiotas” nem queria ouvi-los. E que eu devia, sim, me sentir culpado por ela ter voltado a beber. “Eu te amo”, ela disse.

Ficamos em silêncio alguns instantes, meus olhos fixos no chão.

“Queria que você voltasse para a orquestra”, falei.

“Por quê?”

“Você foi a melhor secretária que já tive.”

“Vai se foder.”

Adriana ficou esperando que eu saísse. Dentro do elevador, ainda ouvi seus soluços.

Nem passei na suíte da Eduarda para ver se ela estava bem e dizer boa-noite. Tentei falar com Marie, ao celular, mas ela mudara seu número.

Pensei em ir até lá, entrar na casa, mas, por um momento, tudo me pareceu sem sentido. Dizer o que a Marie?

Tomei um remédio para dormir.

Não havia ensaio naquela manhã. Sentei-me na plateia com a sala escura e fiquei ali de olhos fechados, ouvindo o silêncio. Não sei quem disse que a vida sem música é simplesmente um erro, mas isso é tão verdade quanto dizer que a vida sem silêncio é um equívoco. Essa era uma das razões pelas quais eu me sentia tão bem na plateia da minha orquestra. Ali havia paz. Com todas as portas fechadas, eu me afundava numa das poltronas, totalmente isolado do mundo externo, ouvindo o som do silêncio, que já não existe em lugar nenhum.

Assim que entrei na minha sala, Rosa veio com a novidade: “Temos um pedido do governo federal, eles querem utilizar a nossa sala para a apresentação de um espetáculo de escola de samba que encerrará o debate internacional sobre desenvolvimento sustentado”, falou, entusiasmada. Mandei-a telefonar para o palácio e dizer que infelizmente não seria possível aquiescer, “a vocação deste espaço é sinfônica”, expliquei.

“Mas é para o presidente”, ela insistiu.

“Escola de samba aqui não entra. Compromete a qualidade acústica da sala.”

“Nosso diretor de marketing disse que não é má ideia usar nosso espaço para eventos populares.”

“O evento não é popular. É para empresário rico que quer ver bunda de mulata. No dia em que formos convidados para tocar num terreiro de partido alto, vou pensar no assunto.”

Naquela manhã, eu despertara inquieto, os soníferos não me proporcionavam mais noites tranquilas. Acabei acordando atrasado, tomei um banho rápido e, antes de sair, passei na suíte de Eduarda.

As camareiras já tinham arrumado o quarto, e o cachorrão não estava ali. Não consegui imaginar o que ela fizera com o bicho, nem me ocorreu perguntar nada aos funcionários do hotel.

Passei o resto da manhã na orquestra, falando ao telefone. A administradora da Fort Worth me ligou de volta, mas, naquela altura, eu já havia perdido a vontade de fazer a campanha contra Cláudio. “Cláudio é um excelente maestro”, disse a ela, com sinceridade. Acabei convidando-os para tocar conosco. Na sequência, liguei para a minha agente na Suíça e devo ter sido muito confuso.

“O que você quer, afinal? Você convidou ou não a Fort Worth para tocar no Brasil?”, ela perguntou.

Expliquei que tudo o que ela devia fazer era ignorá-los, não dar continuidade a nada.

“Continuidade a quê? Não falei com eles. Não fiz nenhum convite. Foi você que começou essa história. Não estou entendendo essa conversa. Você está bem?”

A consequência da confusão que eu criara com a Fort Worth era óbvia. Com a expectativa de tocar no Brasil, os dirigentes da orquestra acabariam aprovando Marie na audição. Certamente a administradora conversara comigo imaginando que eu ainda fosse o marido de Marie. Devia ter concluído que meu convite se dera por conta disso. Uma troca. Ela aprovava Marie, e eu convidava a orquestra para tocar no Brasil. E ia explicar tudo isso a Hanna, mas fiquei com preguiça. Ela não estava de bom humor. Mal atendeu, já começou a reclamar, a falar mal de seus artistas. Acalmei-a, falando mal de todo mundo também, e desliguei o telefone na primeira oportunidade. Continuei a ruminar meu problema e decidi que não levariam Marie para viver no Texas. Era uma questão de tempo, pensei, ela voltaria a viver comigo. Não seria a Fort Worth que estragaria tudo.

Pensando assim, fui para a frente da casa dos pais de Marie, disposto a esperá-la. Estava no carro, aguardando, quando notei um homem pondo uma placa "aluga-se" no jardim do imóvel do outro lado da rua. Fui tomado pela ideia de morar naquele local. Dali, poderia vigiar constantemente Marie, acompanhar todos os seus movimentos com relativa facilidade. Liguei para o pessoal da imobiliária, coloquei-os em contato com a minha secretária e, alguns minutos depois, recebi um telefonema do proprietário: "Sou amigo do seu sogro", ele disse. "Terei o maior prazer em alugar a casa para o senhor, maestro. Aliás, quero cumprimentá-lo pela apresentação do *Rake's progresso*. Fui preparado. Li o libreto do Auden. Que maravilha!" Ultimamente eu estava bem popular aqui. Sempre vinha alguém me dizer que gostara do concerto, dos programas, e isso me dava muita satisfação.

Eu estava exatamente ouvindo os elogios do proprietário, quando a garagem da casa dos pais de Marie se abriu e o carro dela apontou na rua. Corri, coloquei-me na frente do automóvel.

Pedi que ela abrisse o vidro, mas Marie agia como se eu fosse um assaltante. Tive vontade de quebrar a janela. O segurança saiu da guarita e se aproximou. Bati no vidro com força. "Abra essa porcaria", disse.

Marie desceu o vidro, mas não completamente. Estava com medo de mim.

"Recebeu o meu recado?", perguntei.

"Fala logo o que você quer, estou atrasada."

"Por que não atende minhas ligações?"

"Você é um balde de problemas. E está me enchendo o saco. Por que não vai se tratar? Seu caso é médico. Sinto muito, não posso ajudar você."

"Já sei de seus planos com a orquestra de Fort Worth."

Marie não se manifestou.

“Sem uma carta de recomendação minha, você jamais será aprovada”, eu disse.

“Vamos ver.”

“Mas de que torturas infernais padece o homem que, amando, duvida, e, suspeitando, adora”, recitei.

Nada. Inabalável, Marie.

“Você nunca leu Shakespeare, não é mesmo?”, eu disse.

Outro nada como resposta. Ocorreu-me então que Cláudio poderia muito bem estar interessado em Marie. Isso explicava perfeitamente o convite.

“O Cláudio está querendo alguma coisa com você?”, perguntei.

“Você acha que eu não tenho nenhum talento musical? É essa a sua avaliação? Eu quero trabalhar”, ela disse. “E o Cláudio está me oferecendo uma oportunidade. É só isso.”

Comecei a rir. “Essa é a nova mania dos ricos? Antigamente, os ricos não queriam saber de trabalhar.” Senti vontade de dizer que ela era completa e exclusivamente minha e que não tinha o direito de tocar com o Cláudio, nem com nenhuma outra orquestra, mas, por alguma razão, consegui conter a agressividade. Quer dizer, mais ou menos.

“Você não vai passar na audição”, falei. “Nem nessa, nem em nenhuma outra. Conheço todos os agentes. Ninguém quer te contratar.”

Marie arrancou com o carro e me deixou ali, sozinho.

Quando eu estava voltando para a orquestra, disposto a telefonar para todos os agentes do mundo e pedir que não contratassem Marie, meu celular tocou novamente. Era Mário, o motorista. Perguntou o que estava acontecendo com Eduarda. Ela não estava no hotel, de manhã, quando fora buscá-la para a levar ao colégio.

Tocara no seu quarto e, como ninguém atendeu, achou que ela havia dormido na casa de uma amiga, como ocorrera muitas vezes. Mas, agora, fora buscá-la no colégio e descobrira que Eduarda faltara à aula.

Fui direto para o hotel. Talvez Teresa soubesse de algo.

“Você está me preocupando”, ela disse ao telefone. “Falamos ontem, ela me ligou dizendo que ia passear com Nego e depois ia estudar para uma prova de matemática.”

O celular de Eduarda não atendia. Leontina foi para o hotel, Rosa também. Começamos a telefonar para todas as amigas, todos os conhecidos, o que nos deu imenso trabalho, pois eu não sabia absolutamente nada da vida de minha filha, nem mesmo a série que ela cursava no colégio. A diretora mostrou-se bastante indignada quando percebeu minha ignorância.

O gerente do hotel, ciente da situação, veio conversar comigo. Os funcionários do período noturno tinham visto Eduarda sair com o cachorro, mas não a viram voltar.

Isso me preocupou. No quarto de minha filha, encontrei sua bolsa com todos os documentos, nada indicava que ela pretendesse passar a noite fora. As camareiras disseram que, pela manhã, a cama estava arrumada, como se ninguém houvesse dormido nela.

Teresa começou a telefonar de cinco em cinco minutos. “Você está me dizendo que nem sabe se ela dormiu no hotel, é isso? Que diabo de pai é você?”

Em meio a esse monte de telefonemas, o proprietário da casa em frente à dos pais de Marie ligou para dizer que mudara de ideia, não iria mais alugá-la. Evidentemente o sujeito falara com Henri. Mas, naquela altura, o imóvel era o que menos me importava.

No final da tarde, sem nenhuma notícia sobre Eduarda, eu estava tão tenso que já não conseguia nem me sentar.

“Acho que devemos começar uma busca em hospitais”, disse o gerente do hotel. “Nosso porteiro da manhã disse que ontem ocorreu um atropelamento na avenida Paulista, com vítima.”

Era meia-noite quando Leontina me telefonou do necrotério. A vítima do atropelamento era uma adolescente, havia sido levada para lá sem nenhuma identificação.

“Não é Eduarda”, eu disse.

“Ela estava com um cachorro”, respondeu Leontina. “Acho que você deve vir agora mesmo.”

Não sei direito como cheguei àquele local, me lembro de tudo de uma maneira muito confusa, algumas pessoas falavam comigo mas eu não conseguia escutá-las. O cheiro era horrível e senti náuseas. Entramos numa sala toda cinza. Um jovem funcionário descobriu o corpo que jazia sobre a mesa metálica.

Era Eduarda.

Acordei com a televisão ligada no Premiere Combato. “Você perdeu a luta de Ronnie Lynn e Mark Smith”, disse Leontina, que, desde a morte de Eduarda, passara a viver comigo no hotel. “Perdeu também o Steve Malcon e Brad Dickson, mas nem foi grande coisa. Acabou no quinto round, o Dickson parecendo uma paçoca de sangue.” Impressionavam-me seus novos conhecimentos sobre luta livre, ela gostava de anotar a pontuação dos nossos lutadores preferidos, Leon Bruce, Warwick, Burn, embora depois nunca soubesse onde escrevera os resultados. “Quando se é russo, esse assunto de dar e levar porrada interessa muito.”

Eu passara o fim de semana dopado no sofá, em frente à televisão. Às vezes, conseguia me levantar, comer alguma porcaria, ir até a janela, mas tudo exigia um grande esforço.

Aos sábados, depois do último concerto da semana, eu começava aquilo que denominei de “molotov Homero”, Frontal, Lexotan, Dormonid, havia uma série de remédios prescritos pelo psiquiatra, eu tomava vários e me sentia talvez não muito diferente daquelas pessoas que foram ao velório de minha filha, aquelas pessoas que simplesmente estão na nossa vida, por acaso, por azar, por coincidência, aqueles conhecidos, ex-amigos, ex-músicos, antigos vizinhos, mulheres de quem você nem se lembra mais, tios distantes, primos distantes, essa gente que não está nem aí para você mas faz questão de ir ao velório da sua filha e sofrer o conveniente, e mais questão ainda de esquecer tudo ao chegar em casa.

Os psicotrópicos, de certa forma, fazem isso conosco, com eles, sofreremos como sofrem os que não têm nada a ver com a história.

Como os que leem a notícia no jornal. Como aqueles que no velório ficavam me olhando, como se compreendessem perfeitamente a tragédia de um pai que tem a única filha de catorze anos atropelada por um ônibus na avenida Paulista. Era nisso que eu pensava enquanto ouvia as expressões de condolência no velório. Até o maestro Elias apareceu por lá. Pensei que já tinha morrido, e eis que surge o leão, decrépito, louco para me consolar. Olhava-me como se, no quesito perdas, fosse superior a mim. Lembrei a última vez que o vira regendo, aquela cabeleira desgrenhada no palco, as cordas miando, os metais guinchando, fui embora no meio do concerto. E, no velório, ele estava lá, contemplando a minha dor.

“Se tivessem inventado o Rivotril na Idade Média”, disse-me Rachel, que também era especialista em bolinhas, “Deus não teria essa popularidade toda.”

No velório, uma garota se aproximou trazendo pela mão um rapazinho que não devia ter nem dezesseis anos. Alto, bonito, olhos injetados que não me encaravam.

“Este aqui, maestro, é o namorado da Eduarda.”

Fiquei o resto do tempo ao lado do namorado de Eduarda, e sua presença silenciosa, nem sei explicar por quê, foi a única que me trouxe algum tipo de conforto.

Durante a semana, a rotina da orquestra me ocupava integralmente. Tudo o que não fosse música era deixado de lado. Isso era o que eu podia chamar de paz naqueles dias. Só dessa maneira eu conseguia não pensar em Eduarda, no seu corpo miúdo estirado sobre a mesa metálica do necrotério. Logo que reconheci minha filha, um funcionário do IML me abordou, para me entregar um envelope com os objetos encontrados com ela: uma goma de mascar, sabor menta, e uma presilha de cabelo, azul, com desenhos infantis.

Dizem que Toscanini regeu na noite seguinte à da morte de seu filho de quatro anos. Desde aquela noite, no necrotério, Toscanini passou a ser o meu exemplo. Nunca trabalhei tanto como naquele período. Havia dias em que me sentia tão agitado que, após os ensaios, não tendo mais o que fazer na minha sala, percorria os banheiros para checar o papel higiênico. Cheguei a ajudar uma faxineira a esfregar uma mancha do piso do saguão. “Não faça isso”, falou Rosa, ao flagrar-me no local. “O senhor é o nosso maestro. Por favor, não fica bem.”

Meus ensaios eram uma espécie de luta contra os músicos. Num deles, um violino da terceira estante riu, e eu arranquei o arco das suas mãos e joguei-o na plateia. Não me fazia feliz perceber o mal-estar provocado por meus gritos e xingamentos. Nem respiravam, com medo de me contrariar. Eu não estava, como de costume, exigindo apenas que eles fossem ótimos. Não estava apenas sendo rigoroso. Não era só música o que eu fazia ali. Era também um exercício de sobrevivência, uma forma de evitar que meu subterrâneo viesse à tona.

Ainda bem, eu pensava, que tenho a minha orquestra no Brasil. Talvez cometesse suicídio se, na ocasião da morte de Eduarda, fosse o regente artístico da Filarmônica de Nova York. Estouraria os miolos se tivesse como assessora uma dessas profissionais americanas que saem às ruas e voltam para a orquestra com um saco de dinheiro. Nada ao meu redor funcionava como eu queria. Era preciso berrar, xingar, despedir, ofender, ameaçar, e isso me ocupava inteiramente. Não há inferno interior que aflore nessas circunstâncias. A dor verdadeira precisa de um ambiente menos demandante. Não se consegue sofrer plenamente com tanta coisa a ser feita ao redor. Assim, eu me mantinha durante a semana. Mas, depois do concerto do sábado, eu desabava. “Você devia falar com seu médico sobre o

Rivotril”, insistia Rachel, achando que a medicação dela era superior à minha. “Sabia que Rivotril é para epiléticos? Quando li essa informação na bula, fiquei chocada. Por que meu médico me receitou isso? Eu só sou deprimida. Só sou desesperada. Só tenho uma filha que andava para lá e para cá com o ministro da Fazenda e que foi despedida do banco onde trabalhava. E que, até há pouco tempo, me odiava e agora precisa de mim. E que está grávida não sei de quem. Você sabia disso, maestro, que a Ester está grávida? Quase quarenta anos, grávida. Não tenho noção de quem seja o pai. Ela só chora, o dia inteiro. Esses dias, tocou a campainha de casa e, quando abri a porta, se atirou nos meus braços, chorando, como uma menina de oito anos. E me chamando de mãe. Sabe aquela executiva de aço, que vivia metida em tailleur, dando cacetada na mãe? Aquela mulher acabou. Aquela mulher é um caco. E eu também. Nós duas juntas formamos um bom trapo. A diferença é que, com Rivotril, eu funciono. Quando li a bula e vi que esse remédio era para epiléticos, pensei: afinal, eu sou o quê? Qual a diferença entre mim e um epilético? Eu sou exatamente isso. Epilética. A palavra me define totalmente. Sou neurótica, velha e epilética. Você também é epilético. Devia até pedir Rivotril para o dr. Empédocles.” Rachel ainda não memorizara o nome de meu médico.

Naquela segunda-feira, tomei café da manhã no quarto. Leontina cuidava de mim com carinho, escolhia a roupa que eu usaria, servia e adoçava meu leite, besuntava com geleia a minha torrada. Eu me sentia grato por isso. “Pegue meus óculos, meu bem. Os meus remédios. O meu café. O meu isso. Meu aquilo. Você está sempre pedindo coisas, é só eu passar na sua frente que me dá uma tarefa”, dissera Marie, em certa ocasião. “Que mania de achar que todo mundo tem que te servir. Parece meu pai. Meu pai vive cercado de secretárias, quando chega em casa, continua dando ordens, como se

estivesse no escritório.” Marie jamais assumira esse papel, ao contrário de Teresa, cuja “servidão ao marido”, como ela própria dizia, fora sua principal atividade por muitos anos. “Toda a minha juventude”, como ela não se cansava de dizer. “Abandonei minha carreira solo por sua causa.” Ninguém mais lembrava que Teresa estudara violino um dia, ela mesma admitira milhares de vezes sua falta de talento musical, mas essa frase fora uma espécie de slogan que utilizara durante a maior parte do nosso relacionamento, a ponto de, um dia, eu pensar, após um acesso de riso, que poderia apresentá-la desta forma para os novos amigos: esta é Teresa, que abandonou o violino para me acompanhar.

Tomei banho e fui me encontrar com Teresa. Ela e Cláudio viajarão para os Estados Unidos naquela noite, e eu ficara de passar na casa dela, nem sei bem para quê, talvez para lhe dar mais uma vez a oportunidade de falar o quanto me responsabilizava pela morte de nossa filha.

Quando Teresa chegou ao Brasil, tivemos um momento de carinho. “Por quê?”, ela perguntou, chorando. Mas depois, quando nos encontramos na sala do crematório, Teresa culpou-me pela morte de Eduarda, disse que eu era egoísta e que nem sequer sabia o que se passava com nossa filha, que, na noite do acidente, eu nem notara que ela não havia dormido no hotel, que tudo poderia ter sido evitado se eu fosse mais presente. “Uma merda de pai”, ela dissera. “Um grande bosta, isso é o que você sempre foi.”

Passava das onze, quando cheguei na casa de Teresa. Fiquei aguardando na sala, enquanto os empregados embalavam pacotes e cobriam os móveis. Já podia sentir o cheiro de casa abandonada. Durante anos e anos, na juventude, hospedei-me nesse tipo de residência, cujo proprietário nunca está presente. Eu vivia viajando e sempre ficava na casa de amigos, que, por sua vez, estavam

também no mundo, regendo concertos. A casa de Teresa já havia se transformado num desses locais, sem espiritualidade, onde, por mais que você esteja só, não consegue se sentir em paz.

A urna com as cinzas de Eduarda estava na mesa ao lado da lareira. Ocorreu-me que eu gostaria de prestar uma homenagem à minha filha, que poderia jogar um punhado daquela matéria, que fora sua, no mar, ou num jardim, que havia ali uma energia indestrutível e que talvez isso, esse ciclo, fosse o que chamamos de imortalidade. Senti um grande alívio ao pensar dessa maneira. Que havia pelo menos isso. A matéria. Peguei uma pequena caixa de metal, que Teresa usou durante anos como enfeite de mesa, e, quando estava abrindo a urna, Teresa irrompeu na sala, amparada por Cláudio. Ela praticamente me atacou ao ver a urna em minhas mãos. Arrancou-a de mim, com fúria. "Você não vai ficar com nada."

Expliquei-lhe minha intenção, "não quero tudo", disse, "apenas um punhado". Falei da homenagem.

"Um punhado? Foi isso que você disse? Um punhado da sua filha?"

Antes de subir para o quarto, Teresa me deu um tapa no rosto.

Ficamos, Cláudio e eu, em silêncio algum tempo.

"Cuide de Teresa", eu disse, para encerrar o assunto. Ele me acompanhou até a garagem. Já estava entrando no carro, quando resolvi fazer o pedido. Não havia o menor clima, mas não cheguei nem a hesitar.

"Não leve Marie para Fort Worth", pedi. Foi a última vez em que nos vimos.

Agora Marie: eu havia me encontrado com ela na cerimônia de despedida de Eduarda. Não trocamos nem uma palavra, apenas ficamos de braço dado no momento da cremação, ela, querendo me

confortar, e eu, não sentindo alívio algum. Pelo contrário, sua presença deixou-me mais agitado e deprimido.

Alguns dias depois, telefonei para a casa dela e lhe pedi que fosse ao hotel. Era uma quinta-feira, Leontina tocava na orquestra sob a regência de um maestro convidado.

Às nove horas, Marie me interfonou do hall do hotel, sugeriu que tomássemos algo no restaurante. Insisti para que subisse.

"Achei que fosse encontrar Leontina", ela falou, ao entrar na minha suíte.

Fiz o convite formalmente, disse que gostaria muito que ela voltasse para a orquestra, que poderíamos esquecer aquela bobagem toda.

"Você é uma grande violinista. Faz falta na minha orquestra."

"Eu não quero."

"Por quê?"

"Não quero mais. Só isso."

"Mas antes você queria."

"Eu sei. Mas não quero mais tocar lá. Não é por sua causa. Por nós, quero dizer. Não dá mais."

Fiquei alguns minutos em silêncio. Marie se levantou.

"Ele não quer mais que você toque lá?", perguntei.

"Meu pai?"

"Não. O cara com quem você está saindo."

"Você me despediu, não foi isso? Não há ninguém."

"Eu demito e contrato quem eu quero. Essa orquestra é minha. Minha. Diga isso a ele."

"De quem você está falando?"

"Você está saindo com alguém. Quem é?"

"Você devia tentar ser feliz com Leontina. Ela é uma garota legal."

“Quem é ele? Eu quero saber.”

Marie foi até a janela. “Você nunca confiou em mim? Em nenhum momento? Nunca te passou pela cabeça que eu sempre fui fiel a você? Que amei você de verdade?”

“Rodrigo?”

Marie suspirou, contrariada.

“Não”, continuei. “Aposto que foi com as trompas. Instrumento heroico, com amplo repertório. Você gosta das trompas, trompa é Deus. Se você não transa com o maestro, melhor transar então com a trompa. Não acho que você transou com os oboés. Muito neuróticos. Você não tem paciência para esperar que eles façam aquelas palhetas com casca de cana, o dia inteiro.”

Marie pegou sua bolsa.

“Nada disso. Fique aqui. Estou tentando adivinhar. Posso garantir que, com as flautas, você não teve nada. Gente esnobe, cheia de francesismos, e você está cansada disso, não é mesmo? A Monique esgotou sua cota de nariz empinado. Nem com os violas, você não gosta desses violinos que não deram certo. Nem com os trombones, os peidadores da orquestra. Os comedores de puta. Os que assistem a vídeo pornô, você acha tudo isso muito vulgar. Nem com os clarinetes, aquela gente tímida, você gosta dos poderosos, não é? Me deixa pensar. Claro, os metais, que são maconheiros como você. Ou os tímpanos, porras-loucas também. E as cordas? Não me diga que transou com as cordas. As cordas são as pessoas mais desinteressantes do mundo. Piores do que cordas, só mesmo os bailarinos, que só pensam nos pés. Já sei. Você transou com todos os nossos violoncelistas. Aquele instrumento bonito, sensual, aqueles homens abraçados ao instrumento. Aquilo é mesmo bonito. Diga, estou curioso. Músicos são caipiras que só pensam em tocar

uma nota perfeita e tão imbecis quanto dentistas, que só pensam em próteses. Conte para mim. O Haroldo?”

“Eu vou embora do Brasil”, ela disse.

“Não vai, não”, respondi. “Quem é ele?”

Ficamos em silêncio.

Marie quis dizer algo, mas desistiu. Caminhou em direção à porta, fiz o mesmo, antepondo-me ao seu caminho. Não sei por que ela se desesperou tanto, nem por que começou a gritar daquele jeito. Eu só queria conversar, só queria que ela me dissesse o nome do cara.

“Saia daí”, ela gritava.

E então Leontina abriu a porta e entrou. Foi assim, bem rápido e bem constrangedor.

Marie foi embora, e, desde então, nunca mais nos falamos.

Foi uma noite horrível, eu sentia uma necessidade enorme de dizer a ela que não haveria nenhuma audição em Fort Worth. Liguei várias vezes para a casa de seus pais; os empregados, quando ouviam minha voz, desligavam o telefone.

“Vai começar uma luta sensacional do Roy Sanders”, disse-me Leontina, ao me ver ao telefone, ofendendo o copeiro da casa de Marie.

Não respondi. Continuei discando ininterruptamente.

“Ela não quer falar com você”, insistiu Leontina.

“Você me faria um favor?”, pedi. “Telefone você para a casa dela. Diga que é uma amiga.”

“Eu, não. É ridículo. Na Rússia, isso tem um nome: humilhação.”

“Você só tem que colocá-la na linha.”

“Como é que você pode amar uma mulher que...”

Não deixei que ela continuasse. “É um favor que estou pedindo”, disse.

Leontina demorou para agir. Ficou me olhando de uma maneira ao mesmo tempo crítica e ausente. Pegou o telefone, chamou Marie e me passou o aparelho.

“Você não vai para lugar nenhum”, vociferei, quando ouvi a voz de Marie do outro lado da linha. “O Cláudio não quer saber de você em Fort Worth. Ele me disse isso pessoalmente.”

Silêncio.

“Acabou sua carreira de musicista, Marie. Ninguém mais vai querer saber de você.”

Marie desligou o telefone, não escutando as outras coisas que eu tinha para dizer. Se bem que eu não lembrava mais que coisas eram. Fiquei alguns minutos sentado, organizando o meu pensamento para uma nova investida. Acabaria com ela. Pensei em pedir a Leontina que ligasse novamente. Mas, àquela altura, minha russa estava arrumando as malas. Decidira ir embora.

De qualquer forma, não adiantaria mais pedir que Leontina intercedesse. Nada no mundo poria Marie de volta ao telefone naquela noite.

As variações bruscas de Camargo Guarnieri são como uma Kombi velha, com escapamento estourado. Você nunca sabe quando vai ouvir aquele estrondo, e, de repente, pá, o motorista do carro ao lado toma um tremendo susto. Depois que você se familiariza, essas interrupções rítmicas violentas e a pulsação desigual das sinfonias do Guarnieri não impressionam mais, e você passa a ver o compositor tal como ele é: redondo, previsível, artesanal. Genial mesmo era Villa-Lobos. Não posso deixar de pensar, enquanto ensaio, que Guarnieri devia odiá-lo, ainda que dissesse admirá-lo imensamente. Villa deve tê-lo feito acumular uma quantidade de bÍlis capaz de envenenar um batalhão de soldados. Quem era mesmo que dizia que todo contemporâneo é detestável? E que é fácil admirar o gênio morto, mas que nunca nos conformamos com o gênio vivo, pulsando ao nosso lado, eclipsando nosso talento? Imagino que Camargo Guarnieri desejou muito a morte de Villa. Ser seu contemporâneo foi uma espécie de castigo para ele. Deus deu-lhe o dom, e o diabo deu-lhe o Villa-Lobos. Imagino que o seu *Uirapuru* não foi uma homenagem a Villa. Foi uma tentativa de perdoar seu rival.

Era nisso que eu pensava durante o ensaio. Simplesmente não me entregava à música, a cabeça voava solta, sem controle. Os músicos notavam a minha falta de concentração.

“Desculpe, senhores, errei.” Errei várias vezes, e houve um momento em que senti necessidade de rever a partitura da *Sinfonia número 2* de Camargo, que sabia de cor. Pedi que me trouxessem. Enquanto meu assistente foi providenciá-la, saí do palco e telefonei oito vezes para o antigo celular de Marie. Eu sabia que ela havia

trocado de número, sabia que o aparelho estava desabilitado; no entanto, sentia-me obrigado a agir daquela forma e posso até dizer que ligar várias vezes para aquele número de ninguém, ouvir a voz metálica da gravação: "Este número de telefone não existe" de certa maneira me acalmava.

A partitura chegou, retomei o ensaio de forma muito tumultuada. Exasperava-me a maneira como os músicos me olhavam. Não era mais como antigamente, esperando meus comandos, não eram mais instrumentos que eu tocava. Desde que Eduarda morrera, passaram a me olhar diferentemente. Era como se, de súbito, tivessem começado a gostar de mim. Agora me admiravam, não porque eu era o maestro, mas porque era um homem desgraçado, sofrendo pela morte da filha adolescente, e isso me tornara um igual. Na cerimônia de cremação, eu notara que não era solidariedade o que demonstravam, mas uma curiosidade malsã, como se quisessem perguntar: e então, maestro, que tal o sofrimento? Como funciona a dor por dentro? Sentiam pena de mim, os putos.

O ensaio continuou de maneira catastrófica. Chamei um dos flautistas de debiloide e exauri os músicos, repetindo várias seções. Gritei com meu assistente por ter me informado que era meio-dia. "Isto não é uma fábrica", respondi, embora eu mesmo exigisse que os horários de ensaio fossem rigorosamente cumpridos.

O resto do dia, senti-me muito mal, vi um bando de adolescentes descer a Augusta, meninas que acabavam de sair do colégio, barulhentas, gargalhantes, e aquilo destruiu o meu coração. Geralmente, antes do concerto, eu dormia uma hora, para alcançar uma concentração mais profunda. Naquela tarde, no entanto, era como se algo me intoxicasse. Não consegui me deitar, nem me sentar, nem andar pelas ruas, tudo me deixava desconfortável, aflito.

Peguei o carro e fui para a casa dos pais de Marie, sentindo-me completamente disposto a resolver aquela situação. Eu dizia isto, ao volante: "Vou resolver esse assunto de uma vez por todas", embora não me ocorresse nenhuma ideia sobre como agir.

Estacionei o carro e aguardei. Fiquei olhando as empregadas levarem os cachorros para cagar nas ruas. Demorou quase uma hora para que Marie aparecesse, embicando o carro na garagem. Quando o portão eletrônico se abriu, entrei com ela.

Marie fez uma expressão de enfado ao me ver, nem me cumprimentou ao saltar do carro, virou as costas, fui atrás dela, entramos na casa, já com a criadagem toda alvoroçada com a minha presença.

"Não me obrigue a ser rude com você", ela disse, ao chegarmos à sala.

"Seja rude", respondi. "Por favor, seja rude."

Sentei-me no sofá.

"Tenho medo de você", ela falou. "Cada vez que você se aproxima, fico apavorada."

"Pode continuar."

Ouvi Marie dizer que não sabia mais o que fazer, que nosso casamento fora um "verdadeiro inferno", uma sequência de interrogatórios e averiguações. E que eu não estava bem. Que era natural que tudo isso acontecesse. Que, afinal, eu perdera Eduarda. Mas que já não fazíamos bem um ao outro. Que ela percebia meu desequilíbrio. Todo mundo percebia. Que os músicos estavam preocupados comigo. E que havia boatos de que queriam me afastar da orquestra. "Procure seu médico. Isso é muito sério. É óbvio que você precisa de cuidados."

Os pais de Marie apareceram, para dar suporte à filha. Criou-se uma linha divisória, eles lá, eu cá, os três contra mim. Olhavam-me

da mesma maneira, como se eu fosse um inimigo, um estrangeiro. Era isso que eu era, afinal. Um não judeu. Eu não tinha a menor noção do que representava saltar em Lod e se sentir rodeado por judeus, como dissera Mira, a avó de Marie, certa vez. "Você salta do avião, olha à sua volta e vê que ali você é a maioria. Não tem que explicar nada para ninguém. Você é judeu, e pronto." Eu não sabia o que era isso. Não tinha a mínima ideia. Não falava a língua deles. E eles falavam juntos, a mesma coisa, um complementando o outro, "vá embora", era o que diziam. Falaram ainda de advogados, do processo de divórcio. Henri deixou claro que Marie não tinha interesse em absolutamente nada, "quero dizer, financeiramente". Era só questão de conversar e resolver tudo.

Fiquei olhando aquele triplo bombardeio.

"O que você quer?", Marie gritou. "Fale."

Eu queria que as coisas fossem diferentes, pensei em dizer. E que ela não tivesse me traído. E que Eduarda estivesse ali, conosco. Queria voltar a reger como antes, sem angústia, sem medo das pessoas, sem duvidar dos meus conhecimentos, sem depender da partitura nem da resposta dos músicos.

"Fale. Você quer o quê? Me diga."

"Quero os nomes."

"Que nomes?"

"Das pessoas com quem você está envolvida."

Os três ficaram me olhando, esperando mais.

"Faça alguma coisa", disse Monique para o marido, num tom baixo. "Tome uma atitude."

Marie subiu as escadas, fui atrás e, quando ela bateu a porta do quarto no meu rosto, comecei a gritar, disse que daria um tiro na cabeça se ela não voltasse a viver comigo.

Só naquele momento notei que Henri estava grudado no meu braço. "Calma", ele dizia, sem parar. Odeio que me peçam calma, fico mais exasperado ainda. Expliquei isso a ele, enquanto descíamos as escadas.

Na sala, eu e Henri ficamos sentados, sem nos falar. Eu estava transpirando muito, e minha pressão deve ter caído. Serviram-me algo para beber, um suco de limão, bem doce.

"Você está bem?", perguntou Henri.

"Preciso comer algo", respondi. Não punha nada no estômago desde a manhã anterior e me sentia fraco.

Fomos para a cozinha, e, ao entrarmos, Henri fez sinal para que os empregados nos deixassem a sós. Ele mesmo pegou um salmão defumado, queijos e pão. "Experimente esse azeite", disse. Comi sem fome, sem sentir o gosto de nada. Mastigava e engolia, pensando no que Marie dissera. Henri não parou de falar. Pôs outros tipos de azeite na mesa, "esse tem manjericão". Impressionante como alguém consegue manter uma conversa sobre nada durante tanto tempo. "E esse é aromatizado com alho e mel. Como São Paulo é uma cidade incrível, não é mesmo? Antigamente eu viajava, ia ao Fauchon e pensava que nunca teríamos algo assim. Sabe que até aquela pasta, Barilla, Monique trazia na mala? Não tínhamos nada aqui no Brasil. Hoje, quando viajo, nada me surpreende, em termos de potência, riqueza, luxo ou miséria. Temos tudo isso, eu digo, tão bom ou melhor."

Depois de um tempo, ele me disse que se preocupava comigo. "Eu gosto muito de você."

"Por favor", ele continuou depois de uma longa pausa, "sei que você pode compreender a minha situação de pai. É um pedido sincero que lhe faço. Deixe a minha filha em paz."

"Não consigo", respondi. E fui embora.

Quando cheguei ao hotel, avisaram-me que havia alguém me esperando na biblioteca. Fui até lá, e um senhor levantou-se ao me ver. Suas roupas eram rotas, o cabelo, branco, pele queimada de sol. Identificou-se como sendo o motorista que tinha atropelado a minha filha.

A sensação foi que tudo se repetia. Era como se, naquele momento, eu estivesse recebendo novamente a notícia da morte de Eduarda.

“O cachorro está vivo”, ele falou.

Contou-me que ele mesmo socorrera Eduarda, que ela simplesmente surgiu na frente do ônibus, que ele imaginava que a culpa tinha sido do cachorro, pois não entendia como ela avançara numa rua tão movimentada. Contou ainda como as pessoas foram insensíveis, como olhavam tudo e não faziam nada, como precisou berrar para conseguir auxílio. Disse que ficou no necrotério até as duas da manhã, que não havia nenhum documento para identificar a menina, nada, nenhum papel. E que voltou para casa levando o cachorro ferido. O cachorro tivera uma sorte imensa: seu genro trabalhava de segurança numa clínica veterinária, e só por isso ele fora salvo.

“Agora ele está na minha casa”, disse. “Manca e tem que ser alimentado na boca, mas está bom.”

Resolvera me procurar porque achou que eu poderia querer o cachorro da minha filha. Poderia me trazer, se eu quisesse.

Ficamos nos olhando; na verdade, ficamos os dois olhando para lugar nenhum. Ele me contou que tinha uma filha dois anos mais velha que Eduarda. Tive a impressão de que, em algum lugar, ali bem próximo, estava tocando a *Valsa da dor*, de Villa-Lobos.

“O senhor está ouvindo esta música?”, perguntei.

“Que música?”

Nós nos despedimos. Quando ele estava saindo, pedi seu endereço.

À noite, quando entrei no palco e fui recebido com aplausos, já havia brigado com meu assistente, que me esperara na porta do camarim para perguntar se eu tinha certeza de que não queria as partituras. "Não gosto que falem comigo antes do concerto, isso me desconcentra. Você já devia saber."

"Estou obedecendo a ordens do novo gerente da orquestra."

Foi exatamente isso que me exasperou. Eu nem sabia que havia um novo gerente. Quem contratara? "Eu mando aqui", eu disse.

"Só achamos que talvez o senhor quisesse a partitura", ele respondeu. "Só isso."

"Outro maestro", falei, "mandaria você embora agora mesmo."

Há muitos nomes para o que se passou ali naquela noite. Mas tudo o que posso dizer é que fui abandonado pela música. Foi uma punição certamente. A música me punira, atirando-me no vácuo. Dentro de mim, havia algo dizendo: não há mais nada para você. Acabou. Chega. Vá embora. Escapou-me completamente, não apenas uma frase, mas toda a música. Não adiantou o spalla me salvar na entrada equivocada. Eu perdi a música. E, quando toda a orquestra estava para ruir diante de mim, um celular soou na plateia.

Fiz a orquestra cessar. O celular continuou soando, e houve um burburinho na sala. Era a oportunidade de salvação. Na coxia, estava meu assistente, com as partituras nas mãos. Bastava dar um sinal. E recomeçar o *Uirapuru* do Camargo Guarnieri, que eu praticamente destroçara. Agora, era só começar de novo, com segurança. Com concentração. Algo muito simples, na verdade. Era apenas uma questão de ir em frente. Não sei o que me deu. Senti um nada enorme à minha volta. Olhei para os músicos, para a plateia. Aquilo

tudo não tinha mais o menor significado. Não sem Eduarda. Sem Marie.

Virei as costas para a orquestra e abandonei o palco.

“Maestro”, ouvi uma voz me chamar. “Como vai a senhora?”, perguntei, ao ver a mulher se aproximar da mesa do restaurante onde eu almoçava. Além dos fãs, só aos médicos eu era assim receptivo, embora os odiasse do mesmo modo. Não há muitas coisas piores no mundo do que os médicos. Você está morrendo, e eles continuam te matando ou não te deixam morrer. Enfiam tubos na sua garganta, abrem sua barriga, ligam seu coração numa tomada e te mantêm vivo. Ou te matam, com o mesmo procedimento. Por isso, temendo que me dessem alguma notícia ruim, eu os tratava como se fossem merecedores de respeito. Era como se, dessa maneira, conseguisse evitar o diagnóstico de câncer ou qualquer outra doença incurável. Com os admiradores que se aproximavam para me elogiar, eu também experimentava essa sensação de que era preciso respeitá-los, ou a música me puniria, tirando-me algo. Não havia mais razão para agir dessa forma com os fãs. No entanto, minha atitude era mecânica, um vício.

Vai me cumprimentar, dizer que adora meus concertos, pensei. Que sou um grande regente de Strauss. Era isso que sempre falavam. “Como vai, maestro?”, perguntou a senhora, que exalava um odor de velhice, roupa velha, perfume velho, pó de arroz velho. Lembrei que era esse mesmo cheiro que minha avó exalava. “Quase não reconheci o senhor”, ela disse. “Meu marido falou: ‘É ele, sim.’ E eu pensei: não, não pode ser.”

Sorri.

“O senhor”, ela continuou, “engordou um bocado.” Eu, sendo amável, esperando ouvir um elogio, e levei essa. É o que dá ser atencioso, pensei.

Saí do restaurante sem saber o que fazer com o resto da tarde. Era uma sensação estranha não trabalhar. Não estudar, não ensaiar, não reger, não me desgastar todos os dias. Cancelara todos os meus concertos fora do Brasil para aquele ano. "Você não deve fazer isso", dissera meu agente. "Reja pelo menos em Londres." Ele não tinha a menor noção de como eu me sentia aliviado por não ter mais que subir ao palco. Os músicos de qualquer orquestra do mundo sabem se um maestro é bom ou ruim já nos primeiros minutos do ensaio. Antes mesmo do ensaio, só pela maneira como você entra na sala, só pela maneira como você os cumprimenta. Eles estão sempre prontos, para te adorar ou para te foder. Era muito bom estar livre dessa sensação. Eu não tinha mais nem a minha orquestra. Os jornais anunciaram minha saída com destaque. "Como o senhor vai viver sem essa orquestra?", perguntou uma jornalista. "Vivendo", respondi. "Mas e o seu público?" Como se eu fosse o Roberto Carlos. O público que se foda, pensei. Mostraram-se surpresos, todos. Eu também me surpreendera. Sempre acabei meus contratos com orquestras com brigas horrorosas. Era a primeira vez que simplesmente virava as costas e ia embora.

Entrei no carro que alugara recentemente, o motorista ouvia rádio.

"O senhor pode desligar isso, por favor."

"Aonde vamos, maestro?"

Olhei no meu caderno de anotações. *Alameda Itu, 1432*, estava escrito. O que Marie fora fazer naquele local? Folheei as páginas anteriores, consultando as informações dos últimos dez dias em que a seguira pela cidade.

19 de setembro – Casa da prima Muriel, acupunturista, almoço na Oscar Freire com desconhecida. Oscar Freire, sem rumo. Entra e sai de lojas. Resto do dia em casa.

*20 de setembro – Recebe visita de um casal (???). Loja de chocolates, dois pacotes para presente. Loja de lingerie. Marie era uma comprista, como a mãe. Roupas caras, sapatos caros, de grife, sempre. Tudo bem simples, mas bem caro. E nada de ostentação, porque rico fino não ostenta. Rico fino, como dizia um amigo maestro, combina marrom com preto. E rico brega, marrom com bege. *Celular no farol (12:25) – Com quem? Pamplona, Marie ao celular. Marie no escritório do pai. Marie na farmácia. Marie na aula de tênis. Professor suspeito. Conferir tudo.**

Nem sempre eu entendia as minhas observações. Chequei mais algumas notas e voltei para a daquele dia: *Itu, 1432*. Fora ali que eu perdera Marie, naquela manhã, *11h, entrada no edifício*, estava anotado. Devo ter cochilado cerca de meia hora, pensei. Lembro que, quando olhei no relógio, antes de almoçar, eram 13h. Não demorei mais que quinze minutos para chegar ao restaurante. Portanto, Marie saiu do edifício entre 11:15 e 11:45. Para onde teria ido?

“O senhor viu quando a moça entrou no carro?”, indaguei ao motorista.

Ele já me dissera diversas vezes que não vira Marie deixar o local, que se distraíra lendo o caderno de esportes; no entanto, eu não conseguia parar de repetir a mesma pergunta. Dessa última vez, anotei a resposta: *Lia jornal*. Você pode ser um bom mentiroso se tem uma boa memória, isso eu aprendera muitos anos antes. Era assim que eu descobria a mentira de todos. Checar sempre.

Pensei em voltar para a casa de Marie, mas, a cada dia, estava ficando mais difícil me aproximar do local. Os seguranças agora desconfiavam quando meu carro estacionava nos arredores, e era preciso que eu fizesse a vigília a distância, escondendo-me atrás de uma mangueira centenária que havia não muito longe da residência.

“Para onde vamos, senhor?”, quis saber o motorista.

Não queria voltar para aquela praça. Havia ali um cheiro de desinfetante que me incomodava. Todos os dias os ricos daquela rua mandavam alguém limpar o local. Vivem desinfetando a praça, com medo de que suas criancinhas peguem alguma doença. Mas não deixam de levar seus cachorros para cagar lá, aliás, nem têm nojo das fezes dos seus próprios cachorros. O que gera infecções são as fezes do cachorro do vizinho, eles pensam. E desinfetam a praça. Eu já vira muitas vezes o jardineiro de uma das mansões jogar creolina por ali. Até nos bancos, jogavam creolina. Sinceramente prefiro o Iraque. Toda vez que vejo essas casas, essa gente, esses jardins, essas babás, eu penso nisso. Muito melhor o Iraque.

“Voltamos para o hotel?”, perguntou o motorista.

Era algo que eu gostava de fazer, tomar Dormonid e dormir a tarde toda.

Naquela tarde, porém, não sei por quê, senti vontade de visitar Adriana. Ela me recebeu com frieza, mas, depois de alguns minutos, já conversávamos amigavelmente. Contou-me que parara de beber, voltara para os Alcoólicos Anônimos. “Eu me sinto bem lá. Não sei direito como funciona, mas o fato é que funciona. Você fica ouvindo aquele monte de gente contar um monte de histórias, tanta coisa ruim, tanta sarjeta, tanta briga, tanta separação, tanto arrependimento, tanta surra, tanta porcaria, aquilo mexe com a gente. Saio de lá decidida a não beber aquele dia. Porque a conquista é mínima, você nem pensa em não beber nunca mais. Só tem que dar conta do dia de hoje. Hoje não bebi, é o que você tem que dizer.”

Foi chato ouvi-la falar que voltara a beber por minha causa. E que se apaixonara por mim “de verdade”. E que sofrera muito com a nossa separação.

“Eu gosto de você”, foi tudo o que consegui dizer. E me arrependi, porque aquilo teve consequências muito desagradáveis. Acabamos na cama, e eu não consegui que meu pau levantasse.

“É normal”, disse Adriana. “Quem é que não brocha, de vez em quando?”

Adriana fez com que eu promettesse telefonar, prometi, sabendo que não cumpriria. Nunca cumpria as minhas promessas.

Eram oito horas da manhã quando cheguei à praça no dia seguinte. Não queria correr o risco de perder Marie. “Fique de olho”, pedi ao motorista, mas o sujeito não era nada confiável. Vi que se distraía o tempo todo. Era só aparecer uma babá que o homem deixava o trabalho de lado. A babá daquela manhã era horrível, gorda como um armário de parede, e, mesmo assim, ele estava bem animado. A verdade é que uma mulher pode ser feia, um traste, bunda enorme, pernas cabeludas, cara de macaco, dentes podres, tem sempre um homem disposto a comê-la. Sempre.

Também me distraí.

“Só vim dar um aviso”, disse o segurança da casa de Marie, que surgiu diante de mim, surpreendendo-me. “O patrão falou que vai chamar a polícia se o senhor continuar aqui.”

“É?”, perguntei, sacando a carteira. Manobrista, segurança, porteiro, esses caras funcionam bem melhor se você oferece uma gorjeta. Dei-lhe uns trocados.

“Fale que desapareci”, pedi ao rapaz.

“Está certo. Mas não adianta o senhor voltar.”

“É mesmo?”

“A moça viajou ontem à noite.”

“Para onde?”

“Não sei. Para o estrangeiro.”

Saquei a carteira novamente e dei-lhe uma nota de cem. "Não deve ser difícil descobrir para onde."

"Posso ver", respondeu-me, aceitando a nota.

O dia nem havia começado, e eu já não tinha nada para fazer. Absolutamente nada.

Enfiei a mão no bolso e peguei o pedaço de papel que estava ali havia semanas. Eu o amassara diversas vezes para jogá-lo fora, mas ele ainda continuava ali, no meu bolso.

"O senhor sabe ir para a Vila Clementino?", perguntei.

"Moro nesse bairro, maestro."

Pedi que me levasse até lá. "Para este local", falei, entregando-lhe o papel onde anotara o endereço do motorista que atropelara minha filha.

Nem parece o cachorro de Eduarda, pensei, quando a dona da casa me levou até o quintal cimentado onde ele dormia.

"Como ele se chama?", perguntou a mulher.

Da cozinha, vinha um cheiro bom de feijão fresco. Senti vontade de comer. "Tatu", respondi, mentindo. Não conseguia me lembrar do nome do cão.

"A gente não sabia. Chamamos ele de Roque. Meu filho que inventou."

"Roque, Roque!", chamei. O cachorro se levantou com dificuldade e veio mancando até mim. Estava magro, fraco, mas, mesmo assim, conseguia abanar o rabo.

"Ele reconheceu o senhor", disse a mulher. "Está assim, estragado, coitado. Eu amasso a ração e dou na boca dele. Às vezes, ele vomita tudo. O veterinário mandou dar leite, mas, o senhor sabe, não é todo dia que a gente pode fazer isso."

Ficamos ali alguns momentos, eu acariciando a cabeça de Roque. O telefone tocou, a dona da casa me pediu licença. Gostei daquele

lugar, não sei por quê, mas me senti bem ali. A sala, a cozinha por onde passamos para ir até o quintal, um local silencioso, fresco, e tudo exalava um cheiro bom, de limpeza com água e sabão.

Quando ela voltou, eu já havia decidido. "Vou levar o cachorro", eu disse.

Já estava de saída, quando a mulher perguntou se eu queria almoçar. Estava morrendo de fome e aceitei.

Aspirei o leite com a seringa e a coloquei na boca do Roque, que bebeu quase duzentos mililitros ao todo. Parecia mais animado, ao meu lado na cama. Eu o levava ao veterinário, no dia anterior, para se submeter a exames e tirar uma radiografia. Roque sofrera várias fraturas e calcificações que comprometeram suas articulações. Para corrigir esses problemas, teríamos que fazer cirurgias, o que definitivamente não valeria a pena. “Muito sofrimento”, disse o veterinário. Explicou-me que o cachorro vomitava por causa das dores intensas na coluna e que, com os analgésicos, ele ficaria melhor. Gostei do veterinário, Paulo, um rapaz educado, que mostrara compaixão ao tratar de Roque. Pensei que o cachorro de minha filha tinha, afinal, sorte por não precisar de médicos. Com eles, seria intubado, retalhado, costurado e, depois, enterrado.

A noite foi um martírio. Roque acordou várias vezes com dor. Dei-lhe mais remédio, e mal engoliu o analgésico, já estava vomitando tudo, em golfadas. Liguei para a recepção, pedindo alguém para me ajudar, e veio Dorival, do serviço de quarto, com uma camareira. Enquanto os lençóis eram trocados, levamos Roque para o banheiro, limpamos o corpo dele e o recolocamos na minha cama, sobre uma toalha limpa. Peguei um óleo no armário e massageei suas patas traseiras, conforme o veterinário me orientara. Dorival misturou o analgésico com leite e usou um conta-gotas para evitar que Roque vomitasse novamente. Deu certo, o cachorro adormeceu e passou bem o resto da madrugada.

Veza por outra, abria os olhos e, ao me ver lendo, abanava o rabo. Apoiava a cabeça na minha perna, tranquilo. Eduarda era louca por aquele animal. Pensar nisso acabou completamente com meu sono.

Fiquei andando pelo quarto, de um lado para o outro, uma sensação horrível no peito. Não queria pensar nela, nem me lembrar de nada. Mas, quando dei por mim, as fotos que Eduarda fizera da nossa viagem à Europa estavam no meu colo. Era o que sobrara de tudo, pensei. Nossas fotos. Eu e ela, na casa de Piero, um grande amigo, diretor de cena, rapaz que concentrava muitos atributos, jovem, educado, de família rica, bonito, talentoso e muito boa pessoa. Trabalhara com ele em Palermo durante meses. “Pago cem dólares para cada defeito que acharem no Piero”, dissera a Eduarda. Passeamos os três pela cidade, e pensei que Piero, com suas histórias divertidas, tivesse conseguido fazer com que minha filha se interessasse por óperas.

“Montar óperas em Parma é sempre um perigo”, ele falara para Eduarda. “Quando me chamam para ir para lá, vou logo perguntando: é Verdi? Se for, não aceito. Verdi é daquela região, de Busseto, e quem nasce por ali bebe o compositor na mamadeira. Sabem cada vírgula do libreto. Conhecem as árias de trás para a frente. Você não imagina o que eles fazem com os maestros que aparecem por lá. A primeira fileira do teatro é disputada a tapas, e não por causa da visão. Eles querem é poder ficar perto do maestro, para importuná-lo à vontade. Batem no seu ombro, para dizer que você está errado. ‘O tempo não é esse, *cammina*, maestro.’ Tem maestro que sabe muito bem lidar com isso. Há histórias famosas de um que, descontente com o tenor, olhou para uma senhora atrás dele, enquanto regia, veja bem, e perguntou: ‘Gosta deste tenor?’ Nem esperou a fulana começar a reclamar. ‘A me fa cagare’, disse. E eles caem de pau nos tenores também. Numa montagem de Aída, um rapaz não cantou o dó inicial, que já é uma tradição, embora não esteja na partitura original. Foi tão vaiado que, no fim, voltou para o palco com a redução na mão, vestido de Radamés e tudo: ‘Olhem a

partitura, seus ignorantes, Verdi não escreveu esse dó.' E sabe o que a plateia respondeu, aos gritos? 'Verdi errou. Verdi errou.'" Piero contara uma série de episódios cômicos, e Eduarda rira um bocado. E, depois, quando ficamos a sós, ela me disse: "Pode me passar as cem doletas. Encontrei um bom defeito nesse seu amigo."

"Que defeito?", perguntei.

"O cara só fala em óperas. Um chato."

Fez-me muito mal me lembrar de Eduarda. Tomei um Dormonid e desmaiei.

Acordei às dez da manhã, com o telefone. Alguém, do outro lado da linha, falava em espanhol. "Engano, minha senhora." Sempre se enganavam no hotel. Os americanos aplicam milhões em tecnologia, aparelhos sofisticados, que fazem quase tudo sozinhos. E nós contratamos analfabetos para operá-los. "Como está o dia hoje?", perguntei à recepcionista. "Nublado", ela respondeu.

Tomei banho, fiz a barba e dei leite na seringa para Roque. Dorival me ajudou a levá-lo até o pátio interno do hotel, para que se exercitasse um pouco. Roque forçava as patas da frente e conseguia andar uns poucos metros com dificuldade. Depois, arrastava as de trás, como se fossem um peso morto. E finalmente arriava, por causa da dor. Isso era tudo. Após alguns passos, ele se deitava, exaurido.

"Isso aí é muito triste", disse Dorival. "Eu vivo falando para a minha mulher: se um dia eu ficar aleijado, por favor, acabe comigo. Me dá veneno de rato, faz qualquer coisa. Viver assim para quê? Olha esse coitado. Vejo isso e, juro por Deus, tenho vontade de dar um tiro na cabeça dele. Para o bem dele."

Levamos o cachorro para o quarto.

Às onze horas, eu já estava na praça novamente. Chovera durante a noite, os bancos estavam molhados, e não havia nenhuma

criança por ali. Só dois velhos, cada um com sua enfermeira. Andavam com mais dificuldade que o Roque, apoiados nas enfermeiras, que estavam pouco se lixando para eles. Conversavam entre si, animadas. "Ele pensa que eu não sei", ouvi uma delas dizer. Achei que poderiam estar falando de mim e tentei segui-las, mas o segurança da casa de Marie logo apareceu.

"A moça foi mesmo para o estrangeiro", ele disse.

"Isso eu já sei."

"Para Israel."

"E volta quando?"

"Estão com medo do senhor. Já falaram até com um homem importante da polícia. E a gente tem que avisar, se o senhor aparecer. Trocaram os telefones."

Perguntei se ele conseguiria mais detalhes sobre a viagem. "Hotel, essas coisas."

"A cozinheira já está desconfiada de mim. Não sei mais nada, não."

Não demorei nem cinco minutos para tomar minha decisão. Sabia para onde Marie tinha ido e o que ela iria fazer. Fora se encontrar com ele. As imagens de Marie abraçada a Sandorsky, em frente à academia de música de Tel Aviv, vieram à minha mente de imediato. Sandorsky, sua cara de macaco. Imaginei que os dois, durante todo esse tempo, haviam se falado. "Venha para cá", ele dissera. "Eu protejo você." Uma enxurrada de sensações tomou conta de mim, raiva, insegurança, desejo de vingança e, sobretudo, humilhação. O tempo todo, afinal, estiveram juntos. Desde o início, ele estivera ali, entre nós, o macaco velho.

Cheguei ao hotel e fui procurar os livros de Marie, onde havia várias anotações que comprovavam a ligação dos dois. Poderia, talvez, usar aquilo no tribunal, como evidência do adultério. Deveria

checar com o meu advogado e anotei no meu caderninho: *Contratar advogado*. Pensar que Marie pudesse ser presa por adultério deixou-me profundamente perturbado. Não há nada como a vingança em determinados casos. Essa coisa de perdão não é comigo. Posso até perdoar, mas jamais esquecer. Revirei tudo, à procura dos livros, sabia que mantivera alguns comigo. Estavam no guarda-malas do hotel, junto com uma pilha de jornais que trouxera do apartamento. Abri um deles. “Seu joelho vai se movimentando por dentro da calça, para marcar o compasso ao som de tambores que só ele ouve naquela África que é o seu cérebro.” Isso ela não assinalou, mas deveria tê-lo feito. Sandorsky, o macaco, era só nesses termos que eu pensava no professor. “A impropriedade é o estilo do judeu”, isso ela também não marcou. Sandorsky não tinha escrúpulos, assediar uma mulher casada, uma mulher jovem, sobretudo, muito mais jovem que ele. E ele era casado também. Ocorreu-me que eu fizera o mesmo com Marie, eu também era casado, eu também era mais velho que ela, mas, comigo, isso me pareceu natural, enquanto, com relação a Sandorsky, tudo era abominável. “Deus está preparando uma catástrofe para estes judeus sem alma. Se algum dia houver um novo capítulo na Bíblia, vocês vão ler que Deus mandou cem milhões de árabes para destruir o povo de Israel pelos seus pecados.” Isso também não estava grifado. Sandorsky ensinara bem a Marie o que grifar. “Mais uma vez, o povo judeu está numa terrível encruzilhada. Por causa de Israel. Por causa de Israel e da maneira como Israel põe todos nós em perigo.” Por que não sublinhara isso também? Porque Marie queria ir para Israel e queria ignorar os riscos que essa viagem implicava, e a culpa disso tudo era de Sandorsky, que a fazia acreditar que o lugar dela era Israel. Longe de mim. “Israelenses são alvos de três atentados”, estava escrito no jornal. Três. Dezoito mortos e mais de cento e quinze feridos. Marie

desprezara todos esses riscos para se encontrar com seu amante macaco.

Eu já estava decidido. Passei numa companhia aérea e comprei uma passagem para Londres no mesmo dia.

À tarde, fiz a mala, ajeitei minhas coisas. Depois, liguei para Rachel. "Vou te fazer uma visita."

"Traga alguma coisa para a gente comer, um bolo, qualquer coisa. Vou preparar um chá."

Roque sentiu dor quando eu e Dorival o colocamos no banco traseiro do carro. Passei numa padaria e comprei bombas de chocolate e uma torta de nozes, que Rachel adorava. Havia muitos estudantes lá, alguns com a idade da minha filha.

"Então o Nego está com você?", perguntou Rachel, ao abrir a porta e me ver com o cachorro.

"Que Nego?"

"O cachorro", ela respondeu, ajeitando Roque no chão.

"Não sabia que o nome dele era Nego."

"Eduarda queria Preto, fui eu que sugeri Nego. Nego é melhor que Preto, eu acho."

Expliquei toda a história do motorista para Rachel. Ficamos em silêncio algum tempo.

"Para mim, é cada vez mais difícil acreditar em Deus. Poupar o cachorro, veja só."

"Vou hoje à noite para Londres. Queria que você ficasse com o Nego até eu voltar."

Ester apareceu na sala nesse momento. Sua gravidez já era visível.

"Ele quer que eu fique com o cachorro", disse Rachel.

Ester não pareceu se incomodar. Aliás, nem pareceu entender.

“Ela está assim agora, pior do que o Nego. Fica se arrastando pela casa, meio zumbi, não come. Quando toca o telefone, sai em disparada, como rato envenenado. É o açougueiro, é o cara do seguro do carro, é da lavanderia avisando que as roupas estão prontas. É tudo, nunca o que ela espera. Eu acho que o pai da criança é o ministro da Fazenda. Veja você, deve ter sido por isso que ela foi mandada embora. Nos Estados Unidos, ela ganharia um dinheirão com essa história. Publicaria um livro. O ministro seria enxovalhado pela imprensa. Perderia o cargo. Agora, aqui no Brasil, a coitada nem pode falar nada. Se falar alguma coisa, o ministro vai ser bem-visto, como um garanhão irresistível. Você viu como ela está acabada? Por que não a leva para Israel? Ia ser muito bom, tenho uns parentes lá.”

“Você quer ir para Israel?”, perguntei a Ester, quando entrou na cozinha.

“Não”, ela respondeu.

“Vai, menina. Aproveita enquanto pode viajar. Depois, nasce o bebê, e acaba a sua moleza. Eu falo para ela, maestro: filho, quando nasce, nasce junto uma coisa que se chama culpa. Você não pode nem ler um jornal, sem sentir culpa. Você acha que tem que passar vinte e quatro horas olhando para o bebê. Aliás, é o que acontece. Esses dias, li não sei onde que essa preocupação que uma mãe tem com o filho é uma doença biológica. Uma neurose maternal que garante a sobrevivência da criança. Só pode ser verdade, eu penso. Porque nós, mulheres, praticamente acabamos com a nossa vida por causa dos filhos. E, agora, dizem que tudo é biológico, tudo é química. Depressão, tristeza, tudo isso é falta de substância no nosso corpo. Nem o amor é verdade. Viu, Ester? Ele só dura três anos, que é o tempo que a mulher precisa do homem para ter filho e começar a cuidar da criança com suas próprias pernas. Você já

não tem o homem. Para que sofrer então? Essa história de amor romântico é tudo bobagem. Nada que um bom Rivotril não cure. Viu, Ester?”

“Pare, mãe. Por favor.”

Depois que Ester saiu, Rachel continuou: “Eu falo para ela tudo isso porque a coitada fica aí, chorando. Não dá. É muito para mim. Se ela tomasse um Rivotril, um só, ficava bem, como nós dois. Nós dois sofreremos mais, tivemos coisas piores e estamos aqui. Você não sabe o que é ver um marido morrendo de câncer. Um dia, no meio de uma crise de dor horrível, ele me disse: ‘Rachel, faça alguma coisa.’ O que eu podia fazer, além de ligar para o médico e implorar a liberação de mais uma dose de morfina? E estou aqui. Firme e forte. Como você. A sua Eduarda nem sabia o que era a vida. Um dia, desceu aqui, tomou um lanche comigo e depois ficou vendo desenho animado na TV. Aquele tamanhão todo, e era só uma criança. Nem tinha começado a viver.”

Abraçamo-nos na saída. Rachel prometeu cuidar bem do cachorro.

Todo mundo pensa que o medo do maestro é perder a memória. É verdade. Mas o terror do maestro é perder a mala. Toda vez que viajo, é a mesma coisa. Já perdi mala em Paris, Nova York, Milão, em diversos lugares. Malas com partituras importantes, agendas, documentos. Fiquei traumatizado. Durante muito tempo, passei a viajar com mala de mão. Nunca podia pesá-las, porque não permitiam que se embarcasse com tanto peso. Aqui no Brasil era fácil, mas no Brasil tudo é fácil. Na Europa, no entanto, muitas vezes, já no embarque, eles me obrigavam a me separar da minha bagagem. E, em geral, uma única mala de mão não era suficiente, e passei a usar duas. “O senhor não tem consideração pela sua coluna?”, perguntou certa vez uma atendente de companhia aérea.

Naquela viagem, foi diferente. O que há numa mala de tão importante?, pensei. Nada, eu podia perder tudo, ia até uma loja e comprava cuecas, meias, essas coisas todas, e pronto. Portanto, nem me preocupei quando, em Londres, minha mala demorou mais de quarenta minutos para chegar. Tive que esperar seis horas para pegar a conexão para Tel Aviv, o que não significou muito. Se você vai para Israel, tem que se apresentar no aeroporto quatro horas antes do voo, e os agentes da polícia israelense zelam para que tudo seja bem divertido.

Logo que fiz o check-in, fui encaminhado para um balcão lateral, onde funcionários me entrevistaram com diligência. "Por que o senhor está tão sério na foto do passaporte?", perguntaram. Meu passaporte foi mostrado a outros agentes e, como não falo hebraico, não entendi patavina do que discutiam.

A entrevista demorou exatamente uma hora, e, depois dela, passei por mais cinco barreiras de interrogatório.

Quando embarquei no avião, encontrei o agente que me entrevistara. "Maestro", ele disse, "está preparado?"

"Estou", respondi, sem entender o significado daquela pergunta. Talvez ele quisesse saber se eu estava pronto para correr o risco de o avião explodir. Eu estava pronto para qualquer coisa, até para matar, se fosse preciso.

Achei que as instruções de segurança poderiam ser diferentes naquele voo. Mas era a lenga-lenga de sempre, de colete salva-vidas e escada inflável. Você precisa ser muito positivo para acreditar que vai sobreviver no caso de uma pane.

Enfim, cheguei a Tel Aviv no final da tarde. Do aeroporto até a orla, toda a cidade é composta de casas brancas, como pequenos caixotes, estilo Bauhaus. Mas a orla era uma tragédia. Você se sente no Guarujá, ou num condomínio qualquer de classe média.

O motorista de táxi, no caminho até o hotel, ofereceu-me “putas russas. As melhores putas do mundo”, ele disse. “O senhor precisa experimentar, são novinhas e lindas. São um povo bonito, esses russos. E as putas são bem quentes. Digo isso por experiência própria.”

Marie não estava hospedada no Hilton. Nem em nenhum outro hotel cinco estrelas da cidade, liguei para todos. Telefonei também para hotéis mais baratos, e nada de Marie. Ela estava hospedada na casa de algum amigo de Sandorsky certamente. Pedi na recepção que me arranjassem o telefone dele. “Não consta da lista telefônica”, disseram.

Tudo o que eu podia fazer era esperar até a manhã seguinte e procurá-los na academia de música.

À noite, dei uma volta perto do hotel. Tel Aviv é uma cidade bonita. Fui até o mercado dos romenos, no centro, que tem uma arquitetura meio art déco. No outro lado, muitas lojas, cafés, muitas casas noturnas e putas. Uma cidade eufórica. Meninos de dezesseis anos, todos fardados. Saem do serviço militar e vão para o shopping de metralhadora. A tensão não vinha dos jovens e suas armas. Só os velhos são sisudos e apavorados. Atravessam as ruas não como se estivessem com pressa, mas como se fugissem. Carros carbonizados e destroços faziam parte do cenário.

Num bar a duas quadras do hotel, vi homens conversando animadamente e tomando notas. O proprietário, depois de me fazer algumas questões preliminares, perguntou se eu queria participar do jogo.

“Que jogo?”, indaguei.

“É um bolão. Você tenta adivinhar onde vai ser o próximo atentado e faz a aposta. Você ganha também se errar o local mas acertar o bairro. Conhece Tel Aviv?”

Antes de meia-noite, eu já estava no hotel. Fiquei alguns minutos na recepção, procurando jornais para ler. As charges eram inacreditáveis. Antes de sair para o trabalho, um cidadão abraçava a família, aos prantos, pronto para nunca mais vê-la. Outra mostrava garçons vestindo capacetes no local de trabalho. Perdi a vontade de ler e subi para o quarto. Deitei-me na cama, sem sono, e tentei praticar um exercício budista contra o sofrimento: fechar os olhos e imaginar a mulher que causa a sua dor como um saco cheio de sangue e esterco, cheio de lixo e porcaria. Isso não funcionava comigo.

Deixei o exercício de lado e liguei para Rachel, queria notícias do Nego.

“Ele está bem”, ela disse. “Mas sente a sua falta.”

Agora o cachorro me ama, pensei, sem sentir nenhum conforto.

“Não sabia que você estava na cidade”, disse Sandorsky, ao me ver. Apertamos as mãos, e isso me deixou aflito. Ultimamente eu evitava qualquer tipo de contato físico. Sempre que manuseava dinheiro ou cumprimentava alguém, limpava imediatamente as mãos com um desinfetante próprio para isso, que prometia matar noventa e nove vírgula noventa e nove por cento dos germes. A maioria das doenças é transmitida dessa forma, as pessoas limpam o nariz, a bunda, pegam em notas cheias de bacilos de tuberculose e depois apertam a sua mão. Agem como se fossem suas amigas, quando, na verdade, estão apenas te infectando. Naquela manhã, esquecera o desinfetante no hotel, e isso me deixou perturbado.

“Estou cansado de ouvir falar bem da sua orquestra”, continuou Sandorsky. Estávamos na sala dele, na academia de música de Tel Aviv. Minutos antes, a secretária interrompera uma reunião para avisá-lo de meu súbito aparecimento. Havia anos que não nos víamos, mas Sandorsky tratou-me como se fôssemos velhos amigos.

“Gostei muito do último CD que vocês gravaram”, ele disse.

Se você quer se dar bem com um maestro, seja adulator. Faça um monte de elogios. Um maestro vive basicamente dessas coisas. Mas eu não era mais um maestro, disse Sandorsky não sabia. Não adiantaram nada aquelas palavras.

Perguntei sobre a explosão que ocorrera não muito distante dali naquela manhã. Sandorsky explicou que fora mais uma atividade do exército. “Destruíram casas de palestinos. Nossa lei permite isso.”

“Nós também matamos bastante”, falei.

“Como?”

“Matamos mais que vocês, talvez.”

E continuei falando coisas que me vieram à mente de maneira confusa, coisas que eu tinha lido, não sei onde, disse que era infinita a crueldade humana, e que as guerras eram necessárias, sem elas não teríamos como extravasar a violência que herdamos dos nossos ancestrais. "Violência genética", eu disse. Falei também que papel do rancor, filosoficamente falando, era evitar o fim da nossa espécie. "Nada disso é meu", expliquei. "Leio muito."

Sandorsky parecia um macaco assustado diante de mim.

"Você sabe o que vim fazer aqui", falei.

Lá fora, um aluno estudava Saint-Saens, e isso me embrulhou o estômago. Eu não suportava mais a perfumaria dos impressionistas. Mahler, sim, sabia chegar ao osso do mundo. Mil vezes o fedor de Mahler, pensei, a verdade dura de Mahler.

"Marie", continuei.

"Como vai ela?", perguntou Sandorsky. "Soube que tem planos de ir para os Estados Unidos."

Nada de perfume. Os expressionistas apontam o fedor do mundo, pensei. Sem frescura. Eles se escancaram, mostram as vísceras. O sangue.

"Se você gostasse mesmo de Marie, a aconselharia a ir para a Suíça", falei, com dificuldade de me abstrair da música ao lado.

"Do que você está falando?"

Respondi, quando finalmente consegui um pouco de concentração, que ele, sendo judeu, devia levar em conta a taxa de agressão aos judeus. "Na Suíça, ela é de zero vírgula cinco pessoa por dia, um índice que os especialistas consideram baixo", eu disse. "É para lá que você devia levá-la se a amasse de verdade." Falei que não havia chance de paz naquele lugar, que havia terras a devolver e que Sharon era uma besta quadrada. Que os motoristas de táxi, além de me oferecerem prostitutas russas, contavam que perderam

um amigo, um filho, um vizinho, um primo. Que viram um ônibus, um prédio, um supermercado explodindo. Que eu mesmo vira várias equipes de resgate pela cidade. E que sentia um odor de carne humana queimada por onde quer que andasse. “A matança vai continuar”, eu disse. Sandorsky tentou me interromper, mas não permiti. Disse que ele iria morrer a qualquer momento, e também Marie. Que os dois poderiam estar num restaurante e ser engolidos por uma bola de fogo. “Você não tem vergonha de esconder Marie?”, perguntei. “De expô-la a tamanho perigo?”

Sandorsky olhou para a porta, como se pensasse numa maneira rápida de alcançá-la.

“Vim buscar Marie”, declarei.

“Francamente não sei aonde o senhor quer chegar.”

“Ela está aqui. Na sua casa. E estou disposto a qualquer coisa para arrancá-la de suas garras.”

Discutimos um bocado antes que eu o chamasse de “macaco mentiroso”, e, depois disso, Sandorsky exigiu que eu me retirasse. Como me recusei, alegando ter direitos adquiridos por ser marido de Marie, ele saiu da sala, deixando-me sozinho. Ainda fiquei um bom tempo ali, vasculhando gavetas e procurando provas, até que alguém veio me tirar do local. Era um músico, com certeza. Violoncelista, mãos grandes, a polpa dos dedos grossa. Conheço essa corja. “Você pode desistir da carreira”, eu disse. “Jamais será coisa alguma.” Afirmiei que uma das minhas qualidades como maestro era a intuição e que eu sabia se um músico era talentoso só de olhar seu aspecto, o que evidentemente era mentira. “Você não é nada. Você tem um aspecto nojento.” Falei que sabia várias palavras em iídiche. Expliquei que não era meshugge. “Mas você é. Se você acredita que vai ser músico, que vai tocar na Filarmônica de Berlim, é um meshugge.” O rapaz começou a rir. “Você é um shmuck. Um

joão-ninguém.” Mais dois músicos entraram na sala, por causa dos meus gritos, agarraram-me e me puseram na rua.

Mas eu sabia exatamente como resolver aquele problema.

Comprei um novo caderno de anotações, contratei um carro com motorista e passei o resto do dia esperando Sandorsky, em frente à academia. Às seis e quinze, ele deixou o local e foi para casa, num bairro afastado de Tel Aviv, onde vivem os ricos. Estacionei na esquina e fiquei observando a movimentação. Era como se não existisse guerra ali. Carros importados, mansões, paz. Os ricos são iguais no mundo todo. Alheios à dor do mundo. Homens ventrudos e mulheres magras demais. A verdade é que mulheres gordas, hoje, só as pobres. As ricas são praticamente desnutridas. A própria mulher de Sandorsky, que chegou em casa não muito depois dele, era uma dessas magras comedoras de alface. Para esse tipo de mulher, a fome é inimiga da perfeição.

Às onze e quinze, desisti. Pedi ao motorista que me levasse ao hotel. No caminho, perguntei se poderia me arranjar uma prostituta russa. Ele disse que, sim, poderia me conseguir mais, “duas ou três, se o senhor quiser”.

Tomei um banho, me vesti, estava pedindo algo para comer no quarto, quando bateram na porta.

Era a russa.

“Quer jantar?”, perguntei.

Ela não falava inglês. Jantamos em silêncio, eu pensando em Marie. Certamente ela não estava na casa de Sandorsky, o macaco era casado. Hospedara-se num apartamento que alugara para os encontros amorosos. Lá, eles se acasalavam, lá, Marie se entregava e me traía. Lá, ela abria as pernas e o engolfava como a prostituta russa engolfava seus clientes. Imagens horríveis da cópula dos dois

me vieram à cabeça com tanta nitidez que perdi completamente o apetite.

Também quase não comeu a minha russa, que não era bonita mas tinha o frescor da juventude. Toda mulher jovem, mesmo não sendo bonita, tem esse tipo de beleza. Ter dezoito, vinte anos, já é uma espécie de beleza.

Depois que o rapaz do serviço de quarto retirou a nossa mesa, a russa deitou-se na cama e começou a tirar o vestido.

“Não”, eu disse.

Coloquei-a no sofá, liguei a televisão. Ficamos lado a lado, e aquilo me acalmou um pouco. Fui até o quarto e peguei a batuta que comprara em Nova York, Glass Fiber 380 mm, da Pickboy.

“Sou maestro”, falei, quando voltei para a sala. Ela pegou a batuta, tirou-a do plástico protetor.

“Essa é a melhor batuta que existe”, continuei. “É leve, está vendo? Olha a cortiça aqui na ponta.”

Ela brincou com a batuta, fazendo alguns gestos. Senti-me ridículo, naquele momento, tentando impressionar uma prostituta russa. Tirei-lhe a batuta das mãos e a joguei no lixo. Depois, peguei dinheiro na carteira, entreguei para a moça e a mandei embora. Já era tarde, e eu precisava dormir.

Acordei de madrugada com o telefonema de Rachel. Nego havia morrido naquela noite. “Foi melhor”, ela disse. “Ele estava sofrendo muito por causa das dores. E, depois, ficou viciado em analgésicos, não conseguia dormir, estava muito agitado.”

Não fiz nenhum progresso nos dias seguintes. Só na sexta-feira as coisas começaram a mudar. Eu estava perto da academia, esperando Sandorsky sair, para segui-lo, quando ouvi alguém me chamar. Era um maestro da Polônia, que regera algumas vezes no Brasil como convidado de minha ex-orquestra.

Contou-me que acabara de voltar de Buenos Aires e passara dois dias em São Paulo para rever os amigos. E que encontrara Marie no Teatro Municipal. “Não sabia que vocês tinham se separado”, ele disse.

No início, achei que se tratava de mais um golpe de Sandorsky, que o macaco sabia que seus passos estavam sendo minuciosamente registrados e que mandara então o polonês para me despistar. Comecei a fazer-lhe muitas perguntas, e o regente, assustado, passou a esquivar-se, dizendo que já não tinha tanta certeza assim, que podia não ser Marie.

No hotel, vasculhei minha agenda telefônica e encontrei o número de uma agência de detetives que visitara em São Paulo, logo que comecei a desconfiar da conduta de Marie.

Telefonei e encomendei o serviço. “Se você for rápido, pago o dobro.”

Continuei atrás de Sandorsky sem nenhum progresso. Havia sempre uma estranha coincidência: todos os locais por onde eu passava eram bombardeados no dia seguinte. Explodiram um restaurante onde eu comera na quinta-feira. Explodiram uma farmácia onde eu comprara aspirina. Explodiram um supermercado onde eu comprara água mineral. Lembrei-me do pessoal do bolão, eles deviam ganhar muito dinheiro com aquela brincadeira sórdida.

Na segunda-feira, acordei com o telefone.

“Aqui é o Raul”, disse-me uma voz.

“Quem?”

“O detetive.”

Falou-me que encontrara Marie. Ela de fato não havia deixado o país. Vivia na rua Indianópolis, número 134, apartamento 2. Andava com guarda-costas.

Desliguei o telefone e fiquei pensando no segurança que me dera as informações. Filho da puta.

Antes de embarcar para Londres, procurei novamente Sandorsky. Ele não quis me receber, e fui obrigado a aguardar que saísse da academia.

“Vim me desculpar”, falei, assim que ele apareceu.

Não me deu resposta. Entrou no carro e partiu.

Não havia nada a fazer até o horário do meu embarque para São Paulo. Por isso, decidi ir a uma feira de equipamentos para combates terrestre e naval, cuja organização ficava a cargo do governo indiano. Lera uma matéria a respeito no avião e me interessara. Peguei um táxi e dei o endereço ao motorista. Chovia muito em Londres, o trânsito não fluía, e a cidade parecia prestes a entrar em colapso.

Demoramos quase uma hora para chegar ao local. Logo no primeiro estande, havia um modelo sorrindo para os visitantes, ao lado de um senhor de terno, muito distinto, que discorria sobre a facilidade de manejar um rifle automático.

Falavam em custo e benefício, em armas específicas, com sensores térmicos, que não precisam de luz para encontrar o alvo.

“O que posso fazer com isso?”, perguntei a um mercador americano que vendia miras telescópicas.

“Nossa contribuição é técnica. Você entra com a ideia. E com o dinheiro, claro.”

Altos funcionários do exército do Zimbábue negociavam, entusiasmados. Índia, Tanzânia, havia gente de todos os lugares, comprando armas de todos os tipos, e ninguém falava sobre destruição, extermínio, fim, mas apenas em tecnologia, precisão e eficiência.

“O homem é um ser para a morte”, quem era mesmo o autor dessa frase?

Passei a tarde toda zanzando de lá para cá, analisando todo tipo de arma. Vez por outra, me aproximava dos negociantes e ouvia trechos de conversas bastante amigáveis. Esses fazedores de guerra

são muito gentis na hora de estabelecer preços. Não se vendem apenas armas, mas toda uma parafernália militar, se você quiser, e não são os ricos que compram. Os ricos, na verdade, vendem. Quem compra mesmo são os países miseráveis, os mais pobres do planeta.

Eu já estava cansado de ver coisas. Antes de deixar Tel Aviv, enfrentamos um trânsito infernal, por conta de mais um atentado. Era um ônibus que havia explodido, matando nove pessoas.

Vi uma senhora sendo levada em maca até uma ambulância. Usava uma blusa azul e estava sem sapato no pé direito. Olhou-me tão profundamente que tive a sensação de que queria me dizer algo importante. Pensei em saltar do carro.

“Está morta”, dissera o motorista.

Ao andar pelos estandes, eu ainda era capaz de me lembrar da expressão daquela senhora.

Já eram seis e quinze, quando me dei conta de que não comeria nada o dia todo. Peguei um táxi e voltei para o aeroporto.

Desisti de me alimentar, tudo me parecia bem nojento.

Embarquei às nove horas. Tomei um Dormonid e só acordei quando o avião estava aterrissando em São Paulo.

“Quero te apresentar uma pessoa”, disse Adriana, ao abrir a porta. Estava de camiseta e calcinha, os cabelos desarranjados como quem acaba de sair da cama.

Eu tinha chegado havia dois dias e não sabia exatamente o que fazer. Não conseguira coragem para ir ao endereço anotado no papel que não saía do meu bolso: rua Indianópolis, número 134, apartamento 2. Já tinha procurado o detetive Raul, e todas as informações estavam comigo. Fotos, relatórios, transcrições de grampos telefônicos feitos na residência dos pais de Marie.

Ouvira diversas fitas de escuta, os assuntos eram sempre os mesmos, trivialidades, confidências, brigas, muita bobagem familiar.

O que me chamou a atenção foi a frequência com que o nome David era citado. "O David vai me buscar", "David vai comigo", "Traga David." Certamente David era o eleito de Marie. A família enfim encontrara alguém com quem ela poderia conversar, como diria Maiakovski, "sobrancelha com sobrancelha". Um judeu rico, exportador de diamantes, alguém que, como ela, compreenderia perfeitamente o sentido de frases como "o extermínio de uma nação judaica não faria o islã perder uma única noite de sono, a não ser a grande noite da comemoração", grifadas nos livros de seus autores preferidos.

Fora também o detetive Raul quem me vendera a arma que agora estava enfiada no meu blusão. Eu não sabia por que a comprara, cada vez que a segurava, um calafrio percorria a minha espinha e imagens horríveis me vinham à mente. Fatos, provas inconclusivas, eu ruminava tudo aquilo, Marie, David, e pensar nessas coisas, de forma tão desorganizada, acabava por me imobilizar. Foi por isso que procurei Adriana. Achei que ela poderia me ajudar, embora não soubesse exatamente como. Adriana, pensei, fora secretária, sabia organizar, e era disso que eu precisava, uma ordenação, um método, um roteiro. Você tem que ligar para fulano e para sicrano. Tem reunião com não sei quem. Pague isto. Cobre aquilo. Era agradável quando eu chegava à minha sala e sentia que Adriana tomava conta de mim, e que tudo o que eu tinha que fazer era funcionar.

"Essa é a Valéria", disse Adriana, trazendo pela mão uma moça de não mais de vinte anos. "Ela estuda jornalismo e agora mora aqui comigo."

"Oi, Valéria", falei.

A menina não tinha o que falar, nem eu, e Adriana zelou para que não houvesse silêncio. Contou que estava trabalhando como

assistente numa produtora de cinema. “Vamos filmar a vida de Euclides da Cunha.”

Fiquei imaginando a bosta que seria.

Adriana pediu uma pizza, e a comemos na cozinha, os três, Valéria calada e Adriana contando histórias de seu novo projeto. Estava muito impressionada com o fato de Euclides escrever nos punhos, quando não havia papel. “O mais terrível de tudo é o filho, Euclidinho, ter o mesmo nome e morrer da mesma forma como o pai. Acho isso sensacional para o filme. Uma história incrível, pai e filho mortos pelo mesmo homem, da mesma maneira.”

Na hora de ir embora, Adriana me acompanhou até a porta.

“Gostou dela?”, perguntou no hall do elevador. “Estamos namorando.”

“Quem?”

“Eu e Valéria. Estou muito apaixonada.”

Aquilo nem me passara pela cabeça.

“Nunca imaginei que fosse tão bom transar com mulher. Quando o assunto é prazer, é mulher que sabe das coisas. Um dia, volta aqui, que eu te conto tudo. Incrível a Valéria.”

Fui embora com uma sensação horrível. Estava feliz por encontrar Adriana bem, mas, ao mesmo tempo, era como se eu a tivesse perdido para sempre.

Não tinha mais para onde ir. No dia anterior, visitara Rachel. Ela e Ester organizavam uma temporada no Rio de Janeiro. “Vou levar essa menina para tomar uma fresca. Faz tempo que não vou ao Rio, mas tenho a sensação de que aquele calçadão, a praia, aquilo lá vai fazer bem para a menina. Sabe, maestro, estou fazendo o que uma mãe deve fazer: cuidar da sua filha. Veja você, eu quase não tinha uma filha e hoje tenho uma que precisa de mim e ainda por cima vou ser avó. Isso me completa, devo dizer. Isso mudou a minha

vida. Quase nem me lembro mais do meu velho morrendo de câncer. Agora só penso nesse bebê.”

Rachel não era a mesma. Quase não me olhara durante a visita. Negara-se a falar do meu cachorro. “Morreu, acabou. Não vou ficar aqui te fazendo sofrer com os detalhes.” Movimentava-se de lá para cá, enfiando roupas nas malas e dando ordens para Ester, que também não era mais a mesma. Ouvia a mãe com atenção, sentia-se amparada, resignara-se. E estava bonita. A gravidez dera-lhe uma doçura.

“Mandamos o ministro à merda”, cochichou-me Rachel.

“Qual ministro?”, perguntei.

“O ministro da paternidade. O pai do bebê, esqueceu?”

Pedi detalhes da história.

“Outro dia, quando Ester não estiver por perto”, falou Rachel. “Só te adianto uma coisa: nada mais gostoso na vida do que mandar um ministro à merda. Fiquei realizada, senti um calorzinho no coração. Até repeti: ‘Vá à merda, meu senhor.’”

Naquela tarde, pensei em voltar para a casa de Rachel. Mas havia algo a ser feito, eu sabia. Fiquei um bom tempo vagando, até me decidir. Na verdade, a decisão já estava tomada fazia dias, mas eu tentava adiar, como se, adiando, alguma coisa aconteceria, invertendo os fatos.

Tomei um táxi e fui para o novo endereço de Marie. Um prédio com uma praça minúscula em frente, numa ruazinha de paralelepípedos, sem saída. Era ali que ela morava, uma pequena vila, um local bucólico. Nem parecia São Paulo.

Não havia ninguém na praça por causa da chuva. As luzes do segundo andar permaneciam apagadas. Fiquei cantarolando a *Valsa da dor*. Desde que chegara ao Brasil, aquela música não saía de minha cabeça. Sentei-me no banco e aguardei. Reli várias vezes a

carta que Teresa me mandara para o hotel. Dizia que estava bem e desculpava-se pela maneira como me tratara. E mais: dizia que não me responsabilizava pelo que ocorrera com nossa filha. Falara também sobre sua nova vida com Cláudio. Estava feliz, Fort Worth era um lugar agradável, Cláudio estava satisfeito com o trabalho. “Vamos adotar um bebê”, ela escrevera no final.

Meti a carta no bolso e continuei aguardando. Não sei quanto tempo se passou. Já eram quase oito da noite quando Marie entrou na garagem. Eu a reconheci imediatamente. Os cabelos presos num coque no alto da cabeça. Senti uma corrente de energia percorrer meu corpo. Alguns minutos depois, as luzes do apartamento se acenderam.

Levantei-me, andei de um lado para o outro, sem saber o que fazer. Enfiei a mão no blusão e senti a arma gelada nos dedos. Pensei em Marie. Em Eduarda. No Roque. Na minha orquestra. Na música. Tudo havia acabado, enfim. Secado. Não era mais possível voltar para o hotel, não era mais possível continuar. Nem ficar, nem parar, nem me movimentar.

Agradecimentos especiais

Ao Rubem Fonseca, "*il miglior fabbro*".

Ao Luiz Schwarcz, editor e amigo querido.

Ao Arnaldo Cohen, pelas informações preciosas.

Ao Roberto Minczuk, pelas aulas musicais.

Copyright © 2003, 2010 *by* Patrícia Melo

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21)3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Projeto Gráfico

Fatima Agra

Conversão para e-Book

Freitas Bastos

2ª edição eletrônica

Rocco Digital

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M486v

Melo, Patrícia, 1962-

Valsa negra [recurso eletrônico] / Patrícia Melo. – Rio de Janeiro:
Rocco Digital, 2011.

recurso digital

ISBN 978-85-64126-58-9 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

11-3204

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

PATRÍCIA MELO é roteirista, dramaturga e escritora e em 1999 a *Time Magazine* a incluiu entre os cinquenta líderes latino-americanos do novo milênio. *Acqua toffana* é o primeiro de seus sete romances publicados, seguido de *O matador* – vencedor do Prêmio Deux Océans e *Deutsch Krimi*, *Elogio da mentira*, *Inferno* – Prêmio Jabuti, *Valsa negra*, *Mundo perdido*, *Jonas o copromanta* e *Ladrão de cadáveres*.